

UNIVERSIDADE FEEVALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS E  
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Mestrado

CLÉA COITINHO ESCOSTEGUY

**A Vila Pedreira e o Centro de Educação Trindade: espaços de elaboração Cultural**

Novo Hamburgo  
2016

CLÉA COITINHO ESCOSTEGUY

A Vila Pedreira e o Centro de Educação Trindade: espaços de elaboração Cultural

Dissertação de Mestrado apresentada  
como requisito à obtenção do título de  
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação  
em Processos e Manifestações Culturais  
pela Universidade Feevale.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Conte  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magna Lima Magalhães

Novo Hamburgo  
2016

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Escosteguy, Cléa Coitinho.

A Vila Pedreira e o Centro de Educação Trindade: espaços de elaboração cultural / Cléa Coitinho Escosteguy. – 2016.

122 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016.

Inclui bibliografia.

“Orientador: Prof. Dr. Daniel Conte.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magna Lima Magalhães”.

1. Cultura. 2. Manifestações culturais. 3. Centro de educação.  
I. Título.

CDU 316.722

Bibliotecária responsável: Suanny Corrêa Coronel – CRB 10/1884

## **AGRADECIMENTOS**

Ao finalizar este trabalho um sentimento de vazio e ao mesmo tempo de satisfação. Foram dois anos de estudos, artigos, datas, pesquisas, entrevistas e paralelo a isso trabalhar, dar aulas e planejar.

Por isso quero agradecer primeiro por minha saúde, perseverança e força que me acompanharam durante todo este tempo e me fortaleceram, não deixando desistir deste desejo.

À minha mãe por sempre lutar para me dar o melhor, apesar das muitas dificuldades que já passamos ao meu avô Lício (falecido) por ter sido meu porto seguro, pela paciência e sábias palavras em todos os momentos, à minha avó (falecida em agosto deste ano) pela preocupação comigo e pelo orgulho que sempre demonstrava ter da minha força e do meu trabalho. Aos meus irmãos, tios, primos que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado, apoiando e expressando carinho e cuidado.

Ao meu companheiro Gilmar por me incentivar sempre, compreender minha ausência, por me servir café, lanchinhos, frutas enquanto eu escrevia por me dar forças e secar minhas lágrimas quando o desespero chegava.

Aos meus colegas e amigos que convivi nestes dois anos, pessoas especiais que não esquecerei jamais: Maria do Carmo, Cristian, Andreia, Nathy, Daiane, Daniel, Nelson, Janaina, André, Adriano, Aline, Eliane, Daniela e Martina.

Em especial ao meu orientador Daniel Conte pela paciência, conhecimento e palavras de incentivo. Da mesma forma minha querida Coorientadora Magna Lima de Magalhães, pela parceria, exigências e carinho. Às minhas colegas do Colégio São José e Programa Integrado de Inclusão Social, por me escutarem e entenderem minha falta de tempo. Não poderia deixar de aproveitar a oportunidade de agradecer a uma grande profissional que me acompanha desde 1991, Sonia Dondonis, grande profissional que sempre nos nossos encontros me incentivava a ingressar no mestrado e me deu muitas dicas valiosas.

Por último, mas não menos importante meu agradecimento a Vila Pedreira e Centro de Educação Trindade, bem como toda a Equipe Diretiva e entrevistados que me auxiliaram com seus relatos, ricos em memória que ilustraram minha tese.

## RESUMO

Este estudo tem como tema as manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira, área periférica do município de Esteio (RS). Destaca-se que o estudo aborda especificamente o carnaval e o Hip-Hop como elementos culturais presentes e valorizados pela comunidade em estudo. A escolha pelo hip hop e o carnaval não foi uma tarefa fácil, posto que todas as manifestações da Vila são importantes e envolvem os moradores, no entanto, por uma questão de melhor encaminhar a pesquisa, foram estas as selecionadas. O trabalho analisa a relação entre a Vila Pedreira e sua produção cultural, bem como sua articulação com o Centro de Educação Trindade espaço de incentivo de tais manifestações, pois a escola, além de ser o lugar de aulas regulares, tem seus espaços utilizados para fomentar a cultura e suas manifestações. Desde uma pesquisa bibliográfica e do cotejamento de fontes históricas (entrevistas, jornal, relatórios, entre outros) o trabalho apresenta uma análise sobre o espaço periférico e sua riqueza cultural. Nessa ordem, a perspectiva investigativa da história oral traz a possibilidade de se estabelecer contato com os moradores, partindo de uma visada interdisciplinar, para que sejam analisados aspectos sociais, locais e regionais. A partir disso, foi possível ouvir as vozes daqueles que, de fato, vivem o cotidiano do espaço da Vila longe de uma perspectiva oficial, donde percebeu-se a importância do Centro de Educação Trindade e das elaborações culturais que dele emergem. Como base teórico-crítica, tem-se Michael Pollak (1992) e Halbwachs (2006), subsidiando as discussões sobre memória e identidade. Para pensar a cidade e o imaginário, Sandra Jatahy Pesavento (2002) e Kevin Lynch (1997), bem como Gaston Bachelard (1974) e Ernst Cassirer (1994) para a percepção sobre o simbólico.

Palavras-chave: Cultura, Vila Pedreira, Esteio, Centro de Educação

## ABSTRACT

This study is themed cultural events produced in the village quarry, peripheral area of the municipality of Esteio (RS). It is noteworthy that the study specifically addresses the carnival and the Hip-Hop as cultural elements present and valued by the community under study. The choice of hip hop and the carnival was not an easy task, since all manifestations of Vila are important and involve the residents, however, for the sake of better direct the research, these were selected. The paper analyzes the relationship between the town quarry and its cultural production and its relationship with the Trinity Education Centre Incentive space such manifestations as the school as well as being the place of regular classes, have their spaces used to foster culture and its manifestations. From a literature search and readback of historical sources (interviews, newspaper reports, etc.) the paper presents an analysis of the peripheral space and its cultural wealth. In that order, the investigative perspective of oral history brings the possibility of establishing contact with the locals, from an interdisciplinary sight, so that social, local and regional aspects are analyzed. From this, it was possible to hear the voices of those who, in fact, living the daily life of the village space away from an official perspective, where we realized the importance of Trinity Education Centre and cultural elaborations that emerge from it. As a theoretical-critical basis, it has Michael Pollak (1992) and Halbwachs (2006), supporting the discussions of memory and identity. To think the city and the imaginary, Sandra Pesavento Jatahy (2002) and Kevin Lynch (1997) and Gaston Bachelard (1974) and Ernst Cassirer (1994) for the perception of the symbolic.

Keywords: Culture, Quarry Village, Pillar, Education Center

<b>LISTA DE FIGURAS</b>	
Figura 1 – Maria Fumaça .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 2 – Estação de 1928.....	20
Figura 3 – Armazém Guarani .....	21
Figura 4 – Prédio do Armazém Guarani em 2015 .....	21
Figura 5 – Rinhas de galo.....	22
Figura 6 – Clube Aliança .....	24
Figura 7 – Capela católica .....	26
Figura 8 – Comunidade Evangélica Luterana.....	27
Figura 9 – Parque de Exposições Assis Brasil .....	30
Figura 10 – Fábrica de papel Três Portos .....	31
Figura 11 – Farmácia do Senhor Zolin .....	32
Figura 12 – Farmácia do Senhor Zolin em 2015 .....	32
Figura 13 – Fábrica de cimento Portland.....	33
Figura 14 – Membros da Comissão Emancipacionista, em 1952.....	36
Figura 15 – Trabalhadores da pedreira .....	48
Figura 16 – Primeiras casas e BR .....	49
Figura 17 – Início da Vila Pedreira .....	51
Figura 18 – Arco de entrada de Esteio .....	53
Figura 19 – Viaduto Vila Pedreira, em 1940.....	58
Figura 20 – Entrada pela BR-116.....	62
Figura 21 – Passarela.....	63
Figura 22 – Notícia do parecer favorável à abertura da Escola Trindade.....	76
Figura 23 – Aula de educação ambiental (3º ano).....	86
Figura 24 – Entrega dos quimonos.....	86
Figura 25 – Oficina de Hip Hop - Grafite.....	87
Figura 26 – Aula de violino (2º ano).....	88
Figura 27 – Grupo de Hip Hop Centro Pedreira (2009) .....	93
Figura 28 – Autor Presente - Mário Pirata .....	94
Figura 29 – Visita dos Kaingangs .....	95
Figura 30 – Dança Hip Hop .....	99
Figura 31 – <i>Rapper</i> Timão.....	100

Figura 32 – Grafite na quadra esportiva do Centro de Educação Trindade .....	102
Figura 33 – Escola de Samba Império Serrano da Vila Pedreira .....	107
Figura 34 – Carnaval 2015 .....	108
Figura 35 – Corte do carnaval 2015 .....	109
Figura 36 – Oficina de Hip Hop no Centro Trindade.....	111
Figura 37 – Ensaio da Escola Império Serrano .....	113



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências nas escolas .....	43
Gráfico 2 – Naturalidade dos moradores da Vila Pedreira .....	66
Gráfico 3 – Faixa etária dos moradores do sexo masculino .....	67
Gráfico 4 – Faixa etária dos moradores do sexo feminino .....	68
Gráfico 5 – Escolaridade das mulheres .....	68
Gráfico 6 – Escolaridade dos homens .....	69
Gráfico 7 – Renda <i>per capita</i> masculina .....	70
Gráfico 8 – Renda <i>per capita</i> feminina .....	70
Gráfico 9 – Ocupação dos homens .....	71
Gráfico 10 – Ocupação das mulheres .....	71
Gráfico 11 – Número de cômodos nas residências .....	73
Gráfico 12 – Número de dormitórios .....	73
Gráfico 13 – Tipos de construção das residências .....	74
Gráfico 14 – Número de sanitários.....	74
Gráfico 15 – Percentual de inscritos .....	101

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Vítimas de violência .....	45
---------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>ESTEIO: NOS TRILHOS DA HISTÓRIA .....</b>	<b>17</b>
2.1	NASCIMENTO DA CIDADE .....	17
2.2	ESTEIO HOJE.....	39
<b>3</b>	<b>VILA PEDREIRA: MEMÓRIA E HISTÓRIA NA BORDA DA CIDADE.....</b>	<b>47</b>
3.1	VILA PEDREIRA NA ATUALIDADE .....	65
<b>4</b>	<b>CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO TRINDADE .....</b>	<b>76</b>
4.1	FUNDAÇÃO DA ESCOLA E HISTÓRICO .....	76
4.2	DADOS ATUAIS DO CENTRO MUNICIPAL TRINDADE.....	81
4.3	CENTRO DE EDUCAÇÃO TRINDADE: ESPAÇO IRRADIADOR DE CULTURA .....	89
4.4	O SOM DO HIP HOP .....	97
4.5	O CARNAVAL QUE SE MANIFESTA NA VILA PEDREIRA .....	103
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>116</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Vila Pedreira é um lugar ímpar, tem o seu tempo, a sua velocidade. Tudo vai devagar. Os moradores despertam quando o Sol já está quente e bate nas janelas, chamando-os para viver. As crianças brincam soltas nas pequenas vielas, sem a preocupação dos carros em alta velocidade. Os moradores visitam-se diariamente e sabem dos problemas uns dos outros. Na Vila Pedreira, todos se conhecem, as vizinhas trocam xícaras de arroz e açúcar, contam suas vidas e seus problemas, se visitam e conversam nas portas das casas.

A proximidade que a Vila Pedreira oferece aos seus habitantes possibilita o contato com diferentes manifestações culturais que se desenvolveram e se tornaram visíveis, envolvendo boa parte da comunidade. Sendo assim, é de suma importância buscar as particularidades deste lugar através de entrevistas e de materiais que possam trazer mais informações. Para isso, fez-se necessário retomar a memória individual e, a partir desta, buscar a memória coletiva, dado que todas as lembranças são constituídas no interior do grupo.

A motivação para o estudo surgiu a partir de uma inquietação pessoal, posto que a minha aproximação com a comunidade Vila Pedreira, em Esteio-RS, nasceu no ano de 2001 quando iniciei meu trabalho como educadora na Escola Trindade. O trabalho como professora e contadora de histórias me deixou ainda mais envolvida com os segmentos culturais que se mostram e dão vida aos espaços de educação.

A escola Trindade, para além de um lugar de aulas regulares, é um espaço que se relaciona com as manifestações culturais produzidas na comunidade e que circulavam no interior das salas de aula, utilizando-se também do pátio e biblioteca para ensaios e reuniões de grupos.

A experiência pessoal somada à curiosidade sobre o espaço enfatiza a elaboração do estudo. Neste sentido, a pesquisa traz a borda da cidade, ou seja, a Vila Pedreira, e na relação e importância do Centro Municipal de Educação Trindade com as manifestações culturais oriundas da comunidade – que são muitas –, das quais elencamos duas para destacar e analisar neste estudo: o carnaval e o hip hop. A escolha pelo hip hop e o carnaval não foi uma tarefa fácil, posto que todas as manifestações da Vila são importantes e envolvem os moradores, no entanto, por uma questão de viabilidade e de melhor encaminhar a pesquisa, foram estas as selecionadas.

O hip hop elencado por apresentar quatro vertentes muito significativas e presentes dentro daquele espaço: música, grafite, dança e composição, além de abrigar um personagem importante envolvido nesta manifestação: Adriano Timão, rapper e educador social. O carnaval, por estar presente na comunidade há mais de 20 anos e envolver muitos moradores, tendo uma representação só cio-cultural significativa.

Como questão norteadora, propomos um estudo das relações estabelecidas com o Centro Municipal de Educação Trindade – no que tange às manifestações culturais da comunidade. Para isso, traçamos uma teia de relações envolvendo a cidade, a memória, a história, o espaço e a cultura e evidenciamos a seguinte pergunta: **Qual o papel do Centro Municipal de Educação Trindade no que diz respeito às manifestações culturais da Vila Pedreira?**

Para pensar acerca do tema proposto, elencamos os seguintes objetivos como forma de direcionar o estudo e a investigação: 1) investigar a história da formação da Vila Pedreira de Esteio; 2) identificar as Manifestações Culturais que existem no interior desta comunidade; 3) discutir a cultura da Vila Pedreira e 4) evidenciar qual a relação do Centro Municipal Trindade com as manifestações culturais produzidas neste espaço.

Como forma de configurar uma resposta à questão proposta e de atingir os objetivos propostos para o estudo, lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica, principalmente como forma de contextualizar a formação de Esteio e da Vila Pedreira, além de trazer à tona autores como Pesavento (2002) – que traz em seu estudo a abordagem sobre a cidade sendo o “lugar do homem”, que se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, oferece um entendimento sobre a pluralidade da cidade e o conhecimento sobre ela e sua cultura. Além da pesquisa bibliográfica, é relevante para o estudo o uso de outras fontes de pesquisa como a fotografia, posto que a imagem, de acordo com Burke (2004), pode ser considerada ambas as coisas: evidência da história ou a própria história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado. Além disso, a metodologia da história oral foi empregada para buscar nas memórias elementos que contribuíssem com a discussão e análise proposta no estudo. A história oral é pertinente para o estudo porque é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de e/ou testemunharam acontecimentos.

Para subsidiar a história oral, debruçaremos-nos nos estudos de Verena Alberti (2005) que, em seu *Manual de História Oral*, nos aproxima deste novo olhar dado às entrevistas, conceituando-as como um documento, porém trazendo o passado não mais como efetivamente ocorreu, mas as formas como foi e é apreendido e interpretado. Segundo a autora Alberti (2005, p. 164) trabalhar com a história oral “é um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentidos e formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”.

Trabalhamos com dez entrevistas, realizadas de 2014 a 2015. Elegemos alguns interlocutores que por ora serão nomeados e devidamente apresentados ao leitor ao longo do trabalho: Adriano Boaventura, Marlene Boaventura, Jean Rodrigues da Rosa, Maria Conceição, Maria do Barranco, Ênio Florêncio da Silva, Renita, Isoldi Hiller, Marcelo Ohlweiler<sup>1</sup>. Foi utilizada também uma entrevista realizada em 1999, de Terezinha Garcia.

De acordo com Sebe (1999), na história oral se encontra o documento principal para uma pesquisa, o depoimento. Este, por sua vez, possibilita o encontro com a memória que neste estudo segue o entendimento de Pollak (1989).

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade (POLLAK, 1989, p. 6).

Sebe (1999) e Pollak (1989) enfatizam que a memória é constituída por pessoas que são personagens encontradas no decorrer da vida e estes indivíduos estão marcados por algum lugar que provoca lembranças pessoais. Afirmam, ainda, que a memória pode estar ilustrada por lugares pelos quais um dia passaram ou apenas lugares de apoio da memória, que são chamados de lugares de comemoração. A história oral possibilita o acesso às lembranças de sujeitos que viveram mudanças e transformações, tiveram experiências múltiplas que possibilitam o entendimento da sociedade através do indivíduo. Assim, a oralidade também representa uma versão ideológica de reinterpretar os fatos narrados.

---

<sup>1</sup> Para todos os entrevistados foi utilizada a carta de cessão.

Também abordamos os estudos de Sandra Pesavento (1995), no que diz respeito à história cultural do urbano, com a proposta de subsidiar a metodologia do estudo da cidade e suas representações. A autora afirma em suas investigações que o historiador deve montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, pois este é o segredo do método que a História nos apresenta e também se valer de vestígios para que sejam feitos os cruzamentos e para que possamos compor a representação do passado.

Nessa ordem, o conceito de cultura de Roy Wagner (2014) traz uma reflexão, não sobre o existir ou a cultura, porém apresentando um ponto de vista sobre o tema. Afirma que todas as simbolizações dotadas de significado mobilizam a força cultural e não há apenas uma cultura, pois, quando se discute cultura, vemos que se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casas particulares do homem. Wagner (2014) ainda colabora dizendo que a ideia de cultura coloca o pesquisador em pé de igualdade com seus objetos de estudo, assim cada qual pertence a uma cultura.

Deste modo, investiu-se no cruzamento de diversas fontes para estruturar a pesquisa e embasar cada um dos cinco capítulos desta dissertação, fazendo-se costurar com embasamento teórico. O trabalho está organizado da seguinte forma:

- No **capítulo um**, expomos ao leitor os elementos que constituem o estudo a partir da apresentação do tema e justificativa de escolha, bem como o problema a ser pesquisado, os objetivos que o cercam, trazendo a pesquisa bibliográfica como ponto de suma importância para embasar o estudo. Ainda, a apresentação de alguns estudiosos no que diz respeito à história oral, cultura, memória e ao urbano;
- No **capítulo dois**, intitulado *Esteio: nos trilhos da história*, apresentamos uma concisa constituição histórica com o intuito de situar o leitor e apresentar ao mesmo um pouco da formação e história da cidade de Esteio, localizada a 23 quilômetros de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Ademais, procuramos esboçar um quadro geral sobre questões sociais de Esteio na atualidade.
- No **capítulo três**, apresentamos *A formação da Vila Pedreira*. Nele, está alicerçado o histórico da formação da Vila, trazendo a origem do nome e a realidade

destes moradores que, apesar das dificuldades, permanecem gestando este lugar como fonte de inspiração, driblando a violência e a drogadição;

No **capítulo quatro**, apresentamos ao leitor o Centro Municipal de Educação Trindade, e sua trajetória histórica. Refletimos o espaço e sua relação com a cultura produzida. As manifestações culturais evidenciadas – Carnaval e Hip Hop – são ressaltadas como fontes de irradiação cultural, que caminham pelas ruas e becos movimentando os moradores e fazendo com que exercitem a cidadania.

Deste modo, investiu-se no cotejamento de diversas fontes para estruturar a pesquisa e embasar o estudo realizado que apresentamos a seguir. Os documentos pesquisados e analisados a partir da visita ao Museu do Jornal Destaque de Esteio também fazem parte do estudo e da captação de dados, assim como o manuseio de documentos dos arquivos públicos que estão armazenados na Casa de Cultura da cidade, futuro Museu de Esteio e jornal Correio do Povo de Porto Alegre. Há também o diário de campo que acompanha todas as entrevistas e caminhadas nos espaços da Vila, servindo de memória e fonte de consulta para a composição do texto.



## 2. ESTEIO: NOS TRILHOS DA HISTÓRIA

Inicialmente cabe ressaltar que não há muitos estudos que tragam à luz a história de formação da cidade de Esteio. Portanto, neste capítulo, procuramos constituir de forma concisa um pouco do cenário local, no intuito de situar o leitor no que diz respeito à trajetória e formação de Esteio. São dois os trabalhos realizados que trazem subsídios para compor a pesquisa e que oferece uma leitura da formação da localidade é a obra *Esteio Obra e Progresso de um Povo*, de Lufredina Araújo Gaya (1977) e *Ao Longo dos Trilhos*, de Miguel Luz (2005). Sendo assim, o presente capítulo mostrará a trajetória e desenvolvimento da cidade.

### 2.1 NASCIMENTO DA CIDADE

A cidade de Esteio foi emancipada em 28 de fevereiro de 1955. Depois de aproximadamente três anos de reuniões, plebiscitos e organização a partir da comissão emancipacionista, o desejo dos cidadãos se concretizou.

Hoje é um dos municípios do Rio Grande do Sul que pertence à mesorregião Metropolitana de Porto Alegre e à microrregião de Porto Alegre. É um município pequeno, possuindo apenas 27,5 Km<sup>2</sup>, e está localizado a 16 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, fazendo parte das cidades que compõem o eixo da Grande Porto Alegre. Pode-se ter acesso pela rodovia BR-116, por via ferroviária pelo Trensurb e, a partir de 2014, pela BR-448. Esteio, região do Vale dos Sinos, também conta com o Rio dos Sinos, que banha a cidade a noroeste. Os limites de Esteio são os municípios de Canoas, Sapucaia do Sul, Gravataí, Cachoeirinha e Nova Santa Rita. A construção da BR-448 potencializou o desenvolvimento e criou condições para uma ocupação ordenada e inteligente do setor oeste, além de incorporar o Rio dos Sinos ao mapa da cidade. Atualmente, conta com uma população de aproximadamente 85 mil habitantes em uma área de 32,5 quilômetros, com uma expectativa de vida de 75,5 anos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

A cidade de Esteio é conhecida por ser o espaço acolhedor do Parque de Exposições Assis Brasil, cujo destaque se dá anualmente com a feira que expõe as novidades no que diz respeito à agricultura e pecuária, apresentação de máquinas,

artesanato local de vários municípios do Sul e de alguns países, bem como a agricultura familiar que é um ponto forte da exposição anual.

A cidade, apesar de ser a menor do Estado em território, abriga inúmeras fábricas e indústrias. No entanto, trajetória histórica da localidade nos remete a 60 anos de existência. Cabe destacar que Esteio foi elevada a Vila em 13 de janeiro de 1948, pela Lei Municipal nº 10 de São Leopoldo. Em 21 de março de 1950, Esteio passou a constituir-se no 11º Distrito de São Leopoldo, pela Lei nº 174, até atingir a emancipação, em 1955.

Ao que tudo indica, as transformações ocorridas em Esteio aconteceram, principalmente a partir da chegada da primeira indústria, a Sociedade Industrial Três Portos, fundada em 1934, que marca o início da organização econômica. Sob a responsabilidade do engenheiro Ildo Meneghetti, a indústria produzia 1,5 mil toneladas de papel e foi considerada uma das fábricas modelo do Estado (LUZ, 2005).

Sem dúvida, a chegada da indústria foi de suma importância, mas, conforme aponta Miguel Luz (2005), antes mesmo da instalação da indústria, a expansão ferroviária, que iniciou ainda no século XIX, contribuiu para que a localidade começasse a se transformar. Conforme o autor,

[...] o primeiro e grande passo para o crescimento da cidade foi a abertura da Estação Ferroviária de Esteio, referindo-se à construção de uma estação de cruzamento no quilômetro 368/395, entre as estações de Canoas e Sapucaia, a estação primitiva, chamada, então, de Parada 20, começando tudo quase meio século depois da chegada do trem em Porto Alegre, quando os colonos alemães passaram a transportar sua produção para a capital de trem (LUZ, 2005, p. 41).

Destaca-se que a partir da abertura desta estrada de ferro de Esteio outras vieram para dar continuidade ao desenvolvimento e ao processo de vendas de produtos entre as cidades vizinhas, pois a Maria Fumaça (Figura 1) transportava com maior rapidez e agilidade, comparada aos demais meios de transporte da época. O que fica claro nas palavras de Luz, é que a funcionalidade da economia e o escoamento da produção aprimorou-se, sobremaneira, com a implementação da linha férrea.

**Figura 1 – Maria Fumaça**



**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

Em 10 de janeiro de 1867, foi sancionada a lei nº 599, que manda contratar a construção de uma estrada férrea de Porto Alegre a São Leopoldo. Após, a lei nº 685, de 27 de agosto de 1869, aprova o contrato feito com John Mac Genity, para a construção de uma estrada de ferro entre a cidade de São Leopoldo, na proximidade de Hamburg-Berg, e Porto Alegre.

No dia 26 de novembro de 1871, é iniciada a construção da estrada de ferro São Leopoldo-Porto Alegre, a primeira do Estado, tendo como presidente da província Visconde de São Leopoldo. A inauguração dos 33,7 quilômetros que ligavam as duas cidades aconteceu no dia 14 de abril de 1874. Com a formação de pequenos núcleos residenciais ao longo da via férrea, nesse mesmo ano, foram inauguradas, simultaneamente, as estações de Canoas, Sapucaia, São Leopoldo e Rio dos Sinos.

A estrada possibilitou o escoamento dos alimentos, motivado pelo baixo custo e conduzindo os gêneros com mais rapidez, fazendo com que os produtos chegassem em boas condições de consumo até o comprador. Dois anos depois, em 1º de fevereiro de 1876, foram acrescentados 9,6 quilômetros de linha até Novo Hamburgo. A estação de Esteio foi construída anos depois, em 1905, e passou a integrar oficialmente a rede somente em 1º de fevereiro de 1928. A nova estação de Esteio foi inaugurada em 1928, conforme o relatório da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS)

que relata a construção de uma nova casa para esta parada, já se referindo a ela como Estação Esteio.

A estrada de ferro (Figura 2) de São Leopoldo a Porto Alegre, com paradas nas estações de Sapucaia, Esteio e Canoas, pode ser considerada o início da colonização, porque eram muitos os colonos que circulavam trazendo sua produção agrícola e à procura de um lugar para se firmar e produzir.

**Figura 2 – Estação de 1928**



**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

Conforme Miguel Luz (2005), as primeiras famílias que chegavam para povoarem Esteio eram trabalhadores da estrada de ferro, aumentando a mão de obra para a construção dos longos trilhos. A parada do trem atraía famílias de trabalhadores para as novas terras promissoras, sendo as primeiras, Sapucaia e Canoas. Somente mais tarde, depois da dragagem realizada pelo pecuarista Oswaldo Kroeff, é que as de Esteio começaram a ser procuradas.

A partir da abertura da estação férrea, como naturalmente ocorria nos processos urbanizantes o crescimento da cidade se acelerava. Abriam-se as primeiras ruas, os primeiros terrenos começavam a ser cercados e delimitavam os espaços, marcavam e empoderavam os primeiros moradores, dando novas possibilidades de vida e desenvolvimento. Com a infraestrutura, a organização se torna gradativa e os armazéns (Figura 3) começam a se destacar como comércio relevante na localidade já que vendiam de alimentos a roupas, artigos para agricultura e pecuária e o que mais subsidiasse a vida dos primeiros moradores.

**Figura 3 – Armazém Guarani**

Fonte: Fotos Antigas de Esteio

O Armazém Guarani, de Hugo Guilherme Klein, foi um dos primeiros fundados em Esteio. No espaço comercial, encontrava-se uma variedade de produtos. Seu prédio, situado em uma esquina, também servia de moradia para os proprietários. Como uma testemunha da história, o prédio localizado na Rua 24 de Agosto está presente até hoje. Em suas proximidades, encontramos vários pontos comerciais fazendo com que seja um espaço movimentado de trânsito de carros e pessoas. A arquitetura do antigo armazém não sofreu significativas alterações, sua fachada foi adaptada ao tempo e às necessidades. Atualmente, acolhe uma barbearia e um pequeno salão de beleza que funcionam no local (Figura 4).

**Figura 4 – Prédio do Armazém Guarani em 2015**

Fonte: Registro da autora

Em 1934, Esteio contava com aproximadamente mil habitantes, destacando-se os operários que trabalhavam na construção da Rodovia Estadual que ligaria Porto Alegre a São Leopoldo. A rodovia e sua obra oportunizaram, a partir da demanda de trabalho, a chegada de diferentes trabalhadores, além de empreendimentos locais. Cabe destacar a construção de um armazém às margens da rodovia, atual BR-116, que supria as demandas e as necessidades dos trabalhadores da estrada e de muitas famílias que próximo do local se instalavam. Aparício dos Santos foi responsável pelo primeiro comércio às margens da rodovia. Além de residir no local, Aparício e sua esposa (Angelina Santos) forneciam mantimentos e refeições aos operários.

A cidade que prosperava ia compondo um território que buscava a vida social e reproduzia os costumes dos moradores, evidenciando sua identidade através dos momentos de lazer. O cidadão, usuário da cidade, apropriava-se do espaço juntamente com seus pares, mostrando o quão eram saudáveis os encontros e os momentos de sociabilidade, pois o grupo é a única fonte de saúde.

De todos os cantos iam chegando os apreciadores do esporte com seus animais, além de muitos curiosos que acabavam fazendo suas apostas. A largada era na Avenida Presidente Vargas – avenida central da cidade – e a chegada à mesma rua onde hoje está a Escola Adventista. Dinheiro, boi, cavalo, qualquer coisa podia ser apostada. Alguns apostadores mais afoitos perdiam até a casa em que moravam, num espaço de tempo que não passava de três ou quatro minutos. Fora isto, as corridas eram uma festa. Outra forma de diversão eram as rinhas de galo que, à época, eram permitidas e aconteciam na cidade nos finais de semana.

**Figura 5 – Rinhas de galo**



**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

Na Figura 5, vemos na Rua Ildo Meneghetti, ocorriam as famosas rinhas de galo, que eram permitidas como lazer e diversão. A vestimenta dos cavalheiros mostra que este momento de descontração era também um grande evento, no qual a figura masculina predominava e as diferenças sociais não era empecilho para a diversão.

Neste sentido, podemos dizer que, de acordo com Pesavento (2007), os moradores de Esteio são atores, personagens que fazem parte de grupos e classes. Por esta perspectiva, pensar na composição de um espaço não é apenas refletir sobre como a cidade cresceu economicamente, mas sim observar o todo, de como foi construída sua história urbana, os discursos, imagens e seus significados. Faz-se importante que não duvidemos que:

a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do 'habitar', e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do 'humano': cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p. 2).

O espaço prosperou e os moradores em meio a este cenário começaram a organizar seus momentos de sociabilidade, de troca, pois a comunidade começava a participar da cidade como protagonista – cidade que aos poucos ia se formando.

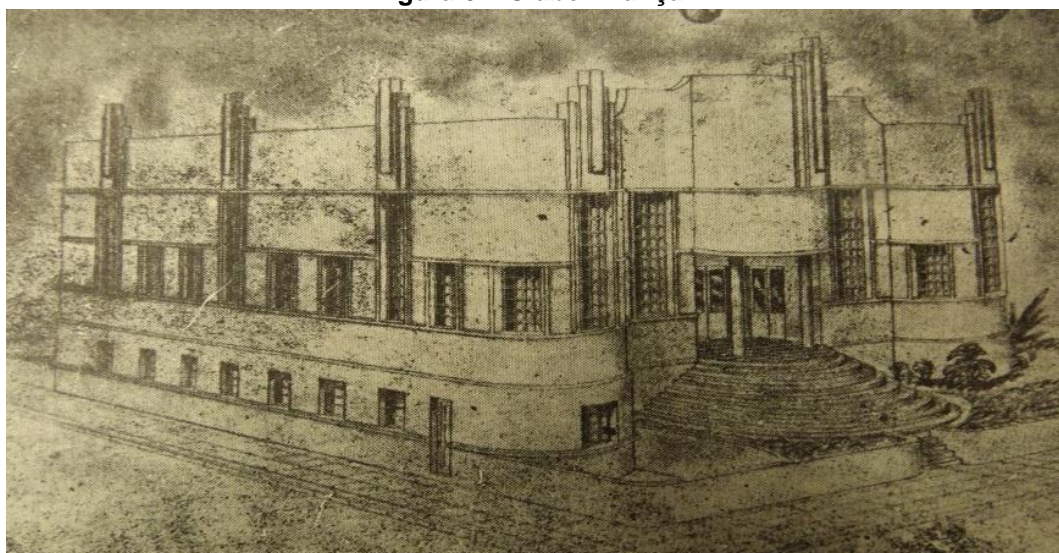
As ruas que são construídas transformam-se em cenas e, a cada encontro, Ana Carlos (2001) afirma que a cidade vai ganhando teatralidade, vai se formando e os sujeitos sociais que nela habitam passam da singularidade à coletividade performática. Assim foi a construção de Esteio. Cada rua, esquina, ponte e trilhos compuseram uma parte de sua história. Em cada espaço citado, seus atores que falaram por estes lugares, deram vida e fizeram história, ajudando a compor o mosaico imagético do urbano.

Outro ponto importante é trazer a cidade como representante do modo de vida, da forma de pensar e de sentir o urbano, pois é através da interação que se produzem ideias e se leva a cabo os processos culturais, comportamentos, formas de lazer e cultura. Muitas eram as formas de lazer da época, além das corridas de cavalo nas canchas retas e das rinhas de galo já citadas.

Também havia na cidade os clubes que reuniam inúmeras pessoas com suas grandes festas embaladas a orquestras, valsas e tangos argentinos porque a socialização faz parte integral da vida e é necessária para qualquer indivíduo reforçando o cerzido do imaginário. Conta Luz (2005), desde seu olhar laudatório, que a alegria era espontânea, pois os jovens da época se mostravam despreocupados e viam a diversão como uma atividade necessária para viver melhor.

O Clube Aliança (Figura 6) abriu seus salões para a satisfação dos associados no dia 15 de novembro de 1942. Mais tarde, por Lei Municipal nº 131/58, de 11 de abril de 1958, passa a ser considerado de utilidade pública. Por ser o clube mais antigo da cidade, o Aliança foi palco de grandes bailes de debutantes, *shows* musicais, chás beneficentes e demais atividades sociais que reuniam grande parte da população.

**Figura 6 – Clube Aliança**



**Fonte: Esteio – Obra e Progresso de um Povo (GAYA, 1977)**

O clube se mantinha com a venda de títulos, mensalidades dos sócios e festas que eram promovidas com muito empenho e obtinham muito sucesso e participação. O prédio do Clube Aliança chama bastante atenção de quem passa na Avenida Presidente Vargas por ter uma arquitetura bastante bonita e estar localizado bem no centro da cidade de Esteio. Por conta de dificuldades financeiras, foi fechado e interditado para festas noturnas, funcionando apenas o restaurante que atende ao meio-dia.

Já o Clube do Comércio foi fundado em 22 de fevereiro de 1954, com dependências bem menores. Mais tarde, com a ajuda de moradores e uma campanha de arrecadação de fundos, conseguiram construir um novo prédio. O Comércio



ofereceu por muitos anos o jogo de bolão, o boliche, que era jogado por muitas senhoras que vinham de São Leopoldo e demais cidades vizinhas. Fica localizado também na Avenida Presidente Vargas, mas na direção de Sapucaia do Sul. Até pouco tempo, abria aos domingos com bailes para a terceira idade.

Outros espaços sociais também existiram, como o Clube Marechal Rondon – fundado por militares inativos – e o Clube 5 de Maio que, em 1957, ergueu suas paredes e se constituiu como mais um espaço de sociabilidade. Os cinemas não podem ficar esquecidos como grandes produtores de cultura: o Cinema Imperial<sup>2</sup>, foi fundado em 9 de março de 1942, e o Cine Palácio<sup>3</sup> com o seu prédio ainda presente na Avenida Presidente Vargas, mesmo depois de cinquenta e seis anos de construção.

Enquanto a “elite” esteiense se divertia nos clubes e cinemas, era fundado pelo Vigário Pe. Geraldo Penteado juntamente com os operários, em 1955, o Círculo Operário Esteiense, que tinha como preocupação central os trabalhadores. Este Círculo prestava assistência e defendia os direitos dos trabalhadores e suas famílias, trazendo médicos e dentistas para oferecer bem-estar aos indivíduos que faziam a cidade crescer. O Círculo Operário, logo no seu início, contava com 800 sócios e, em 1958, realizou mais de 500 novas inscrições.

Gradativamente a cidade de Esteio organizava-se e junto iam estruturando-se os espaços de sociabilidade com uma concentração de pessoas que, aos poucos, iam transformando, fazendo pulsar a vida, pois era impossível compor uma cidade sem o coletivo. A crença religiosa não ficou esquecida e sete anos após a instalação da estação ferroviária de Esteio, em 1912, inicia-se a vinda dos primeiros e definitivos moradores que traziam a religião como um norte idealizado

Após algum tempo, Dom João Becker, arcebispo Metropolitano, atendendo a um pedido dos moradores católicos, autorizou que fosse criada uma paróquia no vilarejo de Esteio, sendo que isso só veio a acontecer em 24 de junho de 1940. Como a construção da igreja iria demorar, os religiosos optaram por inaugurar, então, a primeira capela católica provisória (Figura 7), localizada na Rua Arnaldo Bard e, logo

---

<sup>2</sup> Cine Teatro Imperial, com uma área de 795 m<sup>2</sup>, num terreno de 1.647,75 m<sup>2</sup> e capacidade para mil lugares. O Imperial foi palco de acontecimentos que marcaram a vida de Esteio. Depois de 30 anos, em 21 de março de 1973, o cinema foi desativado e no dia 9 de março de 1994 iniciou a sua demolição. Passados dez anos, o terreno, no centro da cidade, permaneceu abandonado.

<sup>3</sup> Alécio Frainer construiu o Cine Palácio, moderno para a sua época que abrigava 1,2 mil pessoas. Sua inauguração aconteceu no dia 3 de março de 1960. O primeiro filme exibido foi *Angélica - A marquesa dos anjos*.

depois, a capelinha da famosa Avenida Padre Claret, trazendo ao espaço momentos de reflexão e oração, em 1º de dezembro de 1940.

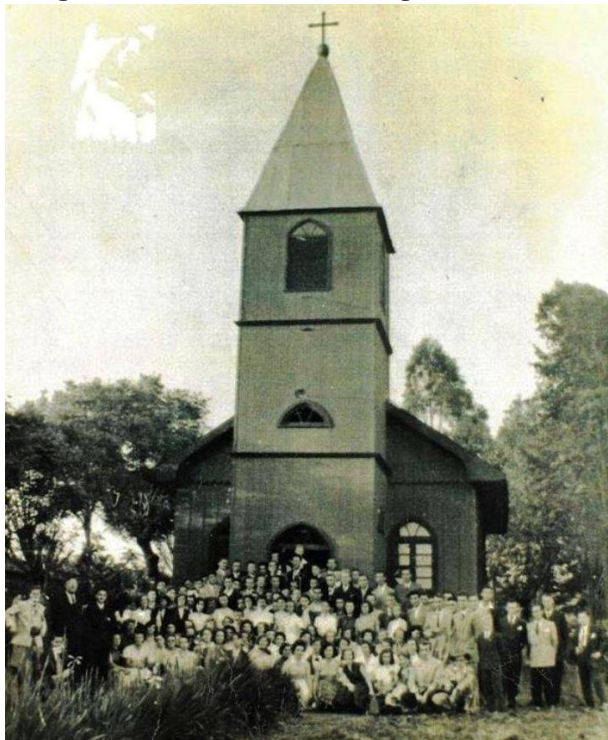
**Figura 7 – Capela católica**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

A igreja à qual pertenciam os evangélicos existia apenas em Canoas e São Leopoldo e, aos poucos, foram unindo-se e realizando cultos no prédio da Escola Bento Gonçalves, na Rua Dom Pedro, onde hoje está localizado o Fórum de Esteio. O desejo dos adeptos em frequentar a sede própria, foi conquistado apenas em 1939 com a aquisição de um terreno na Rua dos Ferroviários. No ano seguinte, construíam uma capela própria. Em 1941 foi finalizada a primeira etapa da obra e, em 1947, foi construíram a torre (Figura 8).

**Figura 8 – Comunidade Evangélica Luterana**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

A Capela Luterana permaneceu intacta até o ano de 1976. Depois, ganhou uma nova fachada, mas o interior ficou igual ao do ano de abertura. É claro que conjugado a todos estes grandes investimentos e estrutura surgiram pequenas casas dando marcha ao crescimento da cidade e os terrenos iam sendo loteados e habitados. Contudo, a paisagem contemporânea era decorrente de inúmeros processos de transformação, que não se esgotavam, e o desaparecimento desta antiga paisagem, antes não muito atraente, cedeu lugar a outro espaço.

A cada instante da vida dos moradores da cidade podia ser percebido um novo cenário e uma nova paisagem, reconfigurando, por sua vez, desde as particularidades recentes, pois era uma vida em andamento constante. Produziam, consumiam e sentiam o lugar onde moravam. O indivíduo, quando começa a produzir, muda as suas relações com o meio onde vive (CARLOS, 2001).

A cidade começa a ser percebida por todos os habitantes que haviam escolhido a Vila como lugar para morar. Pessoas de várias classes sociais e de características das mais variadas se sentiam também construtoras deste espaço.

Na cidade era onde tudo acontecia. As pessoas trabalhavam, criavam seus filhos, participavam das atividades de lazer e lutas pela emancipação de São Leopoldo. O espaço habitado já dúbio representava a forma de vida dos habitantes,

sem espaços de sonho. As várias igrejas, os clubes e as primeiras indústrias já traçavam a rede de significados que a cidade apresentava.

Pode-se dizer que Esteio começava a ser interessante para morar, posto que oferecia possibilidades. Apesar de os terrenos serem lamacentos e terem como inquilinos animais indesejáveis, a paisagem tinha seus atributos, oferecia lampejos de sonhos e desejos para o futuro. Os moradores que se aproximavam, buscavam viver um conforto que ainda não haviam experimentado. Bachelard (1998, p. 24) afirma que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?”.

Vemos, com isso, que a casa é um dos maiores poderes que permitem interligar os pensamentos, lembranças, os sonhos do homem e os devaneios de suas vontades. A casa é vista, segundo o autor, como o grande berço, o lugar do aconchego e proteção, desde o nascimento do homem; é o paraíso material. As lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente e acompanha-nos durante toda a vida e sempre voltamos a ela nos nossos sonhos e devaneios.

A Vila do Esteio começava a desfrutar de um espaço que foi se estruturando, pois apesar destes grandes problemas, os terrenos eram planos, sendo vantajosos para plantação, construção e, também, eram próximos de Porto Alegre. A possibilidade de prosperar fez com que muitas pessoas ficassem interessadas em adquirir uma fração de terra para construir moradia, sítios de lazer ou mesmo abrir pequenas indústrias. Era a urbanização chegando devagar, mas com força plena. Kroeff manteve sua porção entre a estrada de ferro e o Rio dos Sinos. Parte desta área corresponde, atualmente, ao conhecido Parque de Exposições Assis Brasil

É importante ressaltar que o Parque Assis Brasil nasceu da necessidade de ampliar o espaço de uma feira realizada em Porto Alegre, onde eram expostos animais de raça, produtos agrícolas e industriais e trabalhos manuais confeccionados por jovens da época. A feira, que recebia o nome de Parque de Exposições Menino Deus, em Porto Alegre, iniciou a sua caminhada nos fins de 1900 e, em 25 de fevereiro de 1901, sob a presidência estadual de Borges de Medeiros, é inaugurada.

A exposição se detinha a mostrar produtos do Estado para que ficassem conhecidos e pudessem ser comercializados. Assim, 2,2 mil expositores e um público de 37.788 pessoas se fizeram presentes neste grande evento (LUZ, 2005).

Marcaram maiores presenças animais das raças bovinas Holandesas e Jersey, mestiços equinos de puro sangue e animais cruzados, além de produtos agrícolas e

industriais e trabalhos manuais confeccionados pelos jovens do período. A partir de 1901, a feira do Menino Deus cresceu vertiginosamente, pois trazia para a vitrine o setor rural, agropecuário, máquinas agrícolas e animais estrangeiros, especialmente vindos do Uruguai e da Argentina. Já em 1916 e 1920, foram realizadas outras mostras e, em 1931, a feira teve a participação da Farsul<sup>4</sup>. Com a criação da Secretaria da Agricultura, a partir de 1937, o Ministério da Agricultura e o Governo do Estado instituem as exposições estaduais de animais. Este acordo estimulou muito o desenvolvimento agropastoril da região e fomentou a possibilidade de contatos e trocas de ideias entre criadores de diversas zonas do território gaúcho, proporcionando o intercâmbio de reprodutores.

A mostra agropecuária passou a ser itinerante percorrendo vários municípios – Santa Maria, Bagé, Uruguaiana, São Gabriel, Pelotas, Dom Pedrito, Júlio de Castilhos, Livramento e Porto Alegre. Em 1955, a mostra retorna para Porto Alegre e permanece por 15 anos, agora com uma maior exigência do setor zootécnico na seleção de animais. As exposições se sucederam anualmente, sempre com maior número de inscrições, interesse de público e criadores e de cifras de comercialização. A crescente demanda, em vários sentidos, acabou por tornar o Parque de Exposição do Menino Deus, pequeno para abrigar a magnitude que o evento ganhava a cada ano.

Diante deste fato, o Secretário da Agricultura, Luciano Machado, deixou Porto Alegre e foi em busca de um espaço mais amplo. O local escolhido foi a Fazenda Kroeff, localizada em Esteio, às margens da BR-116, a 22 quilômetros da capital, com uma área de 64 hectares. A princípio, Luciano Machado sofreu as mais diversas críticas, pois alegavam a distância da capital e a falta de tempo para deixar a área pronta para a próxima exposição.

---

<sup>4</sup> Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Incentivado pela comunidade de Esteio, que desejava o Parque de Exposição, venceu todos os críticos e membros de outras comunidades, que àquela altura também desejava abrigar esse grande evento<sup>5</sup>.

A inauguração do Parque Assis Brasil<sup>6</sup> (Figura 9), em Esteio, ocorreu no dia 29 de agosto de 1970 durante a 33ª Exposição de Animais, que aconteceu de 29 de agosto a 1º de setembro.

**Figura 9 – Parque de Exposições Assis Brasil**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Na história de Esteio, encontramos também a Sociedade Três Portos, que foi o primeiro estabelecimento fabril do 11º distrito leopoldense. A Sociedade fazia parte do grupo Dahne, Conceição & Cia, que na época produzia 1,5 mil toneladas de papel e foi considerada uma das fábricas modelo do Estado. Três Portos S.A. Indústria de Papel (Figura 10) é uma empresa de fabricação de papel localizada em Esteio. Esta empresa de capital privado foi fundada no ano de 1969 e encontra-se em atividade há mais de 32 anos. Atualmente, a indústria passa por uma crise financeira, iniciada por todo o problema ambiental apontado em 2006 – quando houve uma grande mortandade de peixes no Rio dos Sinos por conta dos poluentes despejados.

---

<sup>5</sup> Em 1969, o Governador do Estado, Walter Peracchi de Barcelos, deu despacho favorável ao processo encaminhado pela Secretaria da Fazenda que Luciano havia enviado para aprovação, solicitando a transferência do Parque Menino Deus para Esteio. A vitória de Esteio deu-se ao fato do trabalho que a comunidade realizou em busca de apoio das autoridades e aos proprietários que ofereceram a Fazenda Kroeff ao governo do Estado do Rio Grande do Sul somente nas condições para que fosse usado como um parque de exposição, onde figuraria o fator agropastoril.

<sup>6</sup> Cabe lembrar que o nome dado ao Parque foi uma homenagem ao Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, que nasceu no dia 29 de julho de 1857, em São Gabriel. Advogado e um dos políticos mais atuantes do seu tempo, foi Ministro Plenipotenciário do Brasil junto à República Argentina, bem como Embaixador de Portugal. Era dedicado à sua granja em Pinheiro Machado.

**Figura 10 – Fábrica de papel Três Portos**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Conforme Miguel Luz, as terras foram distribuídas da seguinte forma:

Na ocasião foram loteadas e colocadas à venda, constituindo 3052 terrenos de 50 palmos de frente por 300 de fundos, aproximadamente 11 metros de frente por 66 metros de fundos. Quase 800 chácaras de 100 palmos de frente por 500 de fundo, ou seja, 22 metros de frente por 110 metros de fundos, também foram vendidos. Outros terrenos que variavam de 1 a 10 hectares foram vendidos (LUZ, 2005, p. 41).

E, assim, foi construindo-se a cidade de Esteio. A cidade é antes de tudo um organismo vivo, um modo de viver, pensar, mas também sentir é o espaço que escolhemos ficar. A vida não era fácil. O modo de viver dos primeiros moradores produziu ideias, comportamentos, formas de lazer e também cultura que como não podia deixar de ser, se formalizaram na organização social. Eles iam chegando de todos os lugares e com vontade de aplicar ideias arrojadas para se sentirem pertencentes ao lugar.

Junto com os primeiros habitantes, a primeira farmácia do Senhor Zolin iniciava a venda de medicamentos e trazia comodidade aos primeiros moradores, assim mostra a Figura 11.

**Figura 11 – Farmácia do Senhor Zolin**



Fonte: Fotos Antigas de Esteio

A Farmácia pode ser encontrada, ainda hoje, na Avenida Presidente Vargas (Figura 12), pois, apesar do falecimento do proprietário, a família deu continuidade e ampliou o espaço trabalhando também com manipulação de medicamentos.

**Figura 12 – Farmácia do Senhor Zolin em 2015**



Fonte: Registro da autora



A urbanização foi tomando conta da cidade e, ao lado dos chalés de madeira, começaram a surgir as pequenas indústrias e casas de comércio. O desenvolvimento foi rápido. As mudanças no lugarejo transformaram aquela terra, que parecia indomável, num lugar que poderia ser habitado. A Figura 13 apresenta a fábrica de cimento que chegou em 1958 trazendo oportunidades de emprego e mais desenvolvimento para Esteio. A empresa já existia desde 1918 em outros Estados do Brasil.

**Figura 13 – Fábrica de cimento Portland**



**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

Esteio começa a se tornar visível, pois não era mais somente a pequena parada do trem do Km 20. Era um lugar maior, interessante e promissor. Segundo informações apresentadas na obra *Ao Longo dos Trilhos*, as pequenas empresas continuaram a chegar e a absorver a mão de obra existente e isso tornava a vida dos moradores bastante tranquila, pois sempre havia trabalho – o que equilibrava a economia.

No lugar da lama e do mato, agora se podia ver progresso e um lugar próspero. Tanto que, no ano de 1944, na Plataforma da Viação Férrea, foi realizada a 1ª Mostra Industrial de Esteio, obviamente com o intuito de mostrar as riquezas e possibilidades das empresas que estavam despontando.

Vale citar que o visitante ficou sabendo que, em 1944, Esteio tinha

[...] 15 escolas frequentadas por 1.185 crianças, 1.376 residências, com 5.504 habitantes, trinta estabelecimentos industriais, e outros tantos comerciais, seis igrejas de confissões diversas, um seminário, serviço telefônico e postal, além, de nove bares, sete mercadinhos, uma farmácia, onze barbearias, três pensões, três açougues, duas ferrarias, duas padarias, duas olarias, dois aviários, dois depósitos de madeiras, três fábricas de esquadrias (LUZ, 2005, p. 63).

As informações, um tanto sedutoras, chamaram a atenção dos visitantes, pois emolduraram um cenário que trazia a vontade do distrito de se tornar, um dia, uma grande cidade. Em 1933, as obras de construção da rodovia estadual entre Porto Alegre e São Leopoldo que renovaram o impulso de crescimento e aceleraram a urbanização de Esteio. Por conta de todo o desenvolvimento e desejo dos moradores, no dia 1º de junho do mesmo ano, o Prefeito Mario Sperb, pelo decreto nº 122, fixa os limites da nova Vila e, logo em 1950, pela lei nº 174, Esteio passa a ser o 11º distrito, para alegria de todos que acreditavam neste lugar. De Vila a distrito, grande passo para que o lugarejo fosse reconhecido e visto como um espaço de crescimento e realização. Era o desejo de transformar o espaço onde moravam em um novo mundo urbano, bastante visível. Conforme Lynch (1999, p. 71), “a partir do desejo de transformação e de liberdade, aqueles que habitam a cidade precisam, também, de uma nova atitude perante a nova condição”.

Assim, o Distrito de Esteio já era organizado, mas com a vontade de se transformar em cidade deveria buscar uma imagem que fosse agradável aos olhos de quem lá morava. As ideias de emancipação já circulavam no distrito. Muitos trabalhadores, empresas e indústrias já estavam a chegar. O espaço habitado ia, aos poucos, tomando forma, estruturando-os de modo que atendessem aos objetivos dos cidadãos. Ana Carlos (2001, p. 26) afirma que “a cidade é um modo de viver, pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, formas de lazer e também cultura”.

Assim, líderes da época refletiam sobre esse desejo de libertar-se, sobre o modo de vida que a cidade estava produzindo. Eles sabiam que Esteio precisava de um olhar mais atento por parte dos políticos de São Leopoldo e deste modo, a ideia de emancipação era sempre descartada. As estradas malconservadas, a falta de escolas e de iluminação deixavam descontentes os que tinham interesse de investir em Esteio. Ninguém tinha coragem de tocar no assunto da emancipação.

Os líderes emancipacionistas Pedro Lerbach, Julião Rodrigues de Moura e o escrivão municipal Adão Ely Johann persistiam em levar adiante o sonho de emancipar aquele espaço que já trava em seu cotidiano processos sociais e culturais que o caracterizavam significativamente e foi no dia 22 de novembro de 1952 que redigiram a primeira convocação oficial do movimento pró-emancipação de Esteio.

As regras eram bastante claras, pois a lei exigia uma população mínima de 12 mil habitantes, receita tributária suficiente para a manutenção dos serviços, possibilidades de crescimento e voto popular. Isso dificultava o andamento de todo o processo (LUZ, 2005).

A população que era a favor se calou, pois não via possibilidade de atender às regras e os que se opunham exultaram. Contudo, no dia 15 de novembro de 1952, o jornal *Correio do Povo* trouxe a notícia: [...] na “Vila Esteio seus moradores reiniciam e falam em emancipação”. Para os líderes emancipacionistas, a nota no *Correio do Povo* não teria sido editada pelo grupo que discutia a questão da vila. Portanto, foi vista como uma informação inverídica. A notícia novamente tornou-se pauta na cidade e colocou nas ruas o interesse e o desejo da emancipação, provocando questionamentos. Se era ruim ser dependente de São Leopoldo, será que caminhar sozinho não seria pior? A ideia invadia todos os cantos; os habitantes voltavam a escutar comentários sobre a emancipação e não havia espaço onde o assunto não fosse exaltado. A população parecia passar pelo êxtase de estar conquistando um novo lugar. Buscava um espaço que pudesse unir o que vivera no passado e aquilo que havia lutado pelo presente. Em seu estudo o autor estabelece a relação do espaço da casa com as lembranças, pensando o processo político pelo viés fenomenológico, faz-se importante trazer Bachelard à discussão quando pensamos a relação espaço, memória, indivíduo.

Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios (BACHELARD, 1998, p. 27).

A luta pela emancipação nada mais era do que um resgate de tudo o que já haviam vivido. Era relembrar fatos e reviver lembranças para que o quebra-cabeças da história fosse montado e para que servisse de apoio para a luta pela libertação, deixando de ser Vila e tornando-se uma cidade. O que era apenas um boato tornou-se uma afirmação que levava a acreditar que era uma realidade possível e que havia líderes e políticos pensando em Esteio como um lugar emancipado.

Além de Bachelard, podemos pensar em Cassirer (1971) que respalda esta relação de realidade desejada, mas ainda não conquistada, como sendo um símbolo e afirma que está nele a melhor forma de formulação possível para algo que não é conhecido e que, por essa razão, não pode ser claramente representado.

O povo buscava a emancipação, contudo, em alguns momentos questionava se este era o caminho e muitos moradores se colocavam contrários a toda esta busca para se tornar cidade e não mais Vila do Esteio. O boato empoderou os defensores da causa e novamente iniciou-se a discussão sobre a emancipação, fazendo com que a comissão desse mais um passo rumo à liberdade. A comissão tinha como tarefa recolher todos os dados e documentos indispensáveis para a formação do processo de emancipação, que deveria ser enviado à Assembleia Legislativa do Estado. O grupo estava bastante animado e envolvido com a causa, almejava a liberdade e seguia na luta. A Figura 14 mostra a visita da comissão ao Prefeito de São Leopoldo.

**Figura 14 – Membros da Comissão Emancipacionista, em 1952**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Ao receber a comissão, o prefeito de São Leopoldo, Coronel Theodomiro Porto da Fonseca, sabia que mais cedo ou mais tarde Esteio acabaria sendo emancipada, tanto que em um de seus discursos realizados na Praça da Bandeira afirma: “Esteio hoje vila, amanhã cidade e município que em tempo não distante formará entre as comunas do Rio Grande do Sul” (Acervo Museu Jornal Destaque, 2005).

A ideia que antes era apenas um boato tornava-se um objetivo que não poderia mais ser freado: o movimento em defesa da emancipação era agora uma realidade. Havia um grupo de entusiastas que lideravam as discussões e reuniões: Dr. Julião Rodrigues de Moura, Adão Johann, Galvany Guedes, Ivo Werlang e Ilo José de Albuquerque. O movimento iniciou timidamente no dia 27 de novembro de 1952 e foi neste mesmo dia que o grupo comunicou ao prefeito de São Leopoldo o real desejo de liberdade. A comissão seguiu o trabalho e no dia 2 de julho de 1953, em nova reunião, Luiz Alécio Frainer é eleito presidente da comissão emancipacionista. Foram 21 encontros que ocorreram no Clube do Comércio, à noite para que tivesse o maior número de pessoas discutindo e refletindo sobre os temas referentes à emancipação: número total de habitantes, situação da pedreira, composição de uma comissão que representasse junto ao prefeito de São Leopoldo e também uma arrecadação espontânea para cobrir os gastos jurídicos do processo. Assim é realizada a primeira reunião com a seguinte ata:

#### Ata nº1

Aos vinte e sete dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e cinquenta e dois às 21h30min horas com a presença dos Snrs. Galvani Dornelles Guedes, Walter B. de Freitas, Moacir Tavares, Adão Ely Johann, Salomão Schanin, Ataliba Devenuto, Ivo Werlang, Nemério S. de Carvalho, Felicissimo Baroni, Secundino Ayres, Hostilio Limeira, Dr. Julião Rodrigues de Moura, Lourenço Cesar da Silveira, Placinacio Aguirre Escobar, Ivo Alexandre, Lino Moller e Pedro J. A. Lerbach realizou-se no salão de festas do Clube do Comércio, desta vila de Esteio, uma reunião tendo como objetivo a viabilidade de uma pretensão.

Presidida pelo Dr. Julião Rodrigues de Moura, que explanou o assunto referente à emancipação desta vila, seguindo-se com a palavra o Snr. Galvani D. Guedes, que em palestra frisou algo com referência e questão do referido movimento emancipacionista desta vila, considerando preliminarmente a questão do imposto predial, que além de muito elevado, torna-se um tanto irregular, frisou também, que a julgar pelo último recenseamento a população local é de mais de 12.000 habitantes, que ficaríamos enquadrados em lei para reivindicar essa pretensão. O Dr. Moura considerando as palavras do Snr. Galvani e baseado no recenseamento de 1950, que acusa para o Esteio o número de 10.659 habitantes, dado o fato de não ter havido outro recenseamento, julga que efetivamente haja essa população. O Sr. Moacyr frisou a parte referente às despesas com a administração do futuro município, na hipótese de alcançar a emancipação.

Pelo Dr. Moura foi pedido um esclarecimento sobre a pedreira, sendo tal esclarecimento prestado pelo Snr. Galvani, que disse não pertencer à mesma a Esteio e sim São Leopoldo. Pelo presidente foi proposta a organização de comissões, destinadas à obtenção de dados, que se fazem necessários junto à Prefeitura. Por sugestão do Snr. Galvani ficou acertado que deveríamos consultar o Dr. Mario Sperb, visto se tratar de uma pessoa, que também já se manifestou sobre a emancipação desta vila. A seguir foi organizada uma comissão que ficou assim constituída: Snr. Galvani D. Guedes, Dr. Julião Rodrigues de Moura e Ivo Werlang, destinada a ouvir o Snr. Mário Sperb e convidá-lo para emitir sua opinião sobre nossa pretensão, ficando a mesma comissão encarregada de convidar alguns elementos de Sapucaia, Vila Silva

e Vila Primor, indústria e comércio. Nessa reunião ficou marcada a seguinte para a 5ª feira, 18.12.1952. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião (ACERVO DO MUSEU JORNAL DESTAQUE, 1952).

A ata retrata a organização e o desejo da comissão de tudo ser devidamente documentado. Para que conseguissem embasar o pedido, o professor do Colégio São Luiz em São Leopoldo e agente estatístico da cidade José Grimberg realizou uma explanação, embasada na lei, sobre as enormes possibilidades de Esteio vir a se tornar município. No dia 24 de setembro, a Lei Municipal 2.116 de São Leopoldo autoriza a realização de plebiscito para a emancipação de Esteio. A aspiração dos moradores foi evidenciada mesmo que muitos duvidassem do sucesso do movimento ou tentassem resistir à realidade que estava declarada. No dia 08 de dezembro a emancipação passou a ser uma verdade.

O nome Esteio foi escolhido por haver, como principal sustentáculo da ponte sobre o Arroio Sapucaia – que dividia esse município com Canoas –, um esteio de madeira de lei que se conservava visível na época.

Primeiro chamou-se Ponte do Pau Fincado, depois Ponte de Esteio. Naquela época, quando alguém desejava situar ou localizar qualquer acontecimento ou coisa que se relacionasse com este pedaço de terra, dizia: “Lá na ponte de esteio, nas proximidades de esteio”. Hoje, Esteio é um município desenvolvido. Após conhecermos um pouco da história do nascimento de Esteio, vamos ver, a partir de agora, como se encontra a Esteio na atualidade.

## 2.2 ESTEIO HOJE

A cidade de Esteio se caracteriza por ser o menor município em território no Estado do Rio Grande do Sul. São apenas 27,5 km<sup>2</sup>. Contudo tem o 2º melhor Índice de Desenvolvimento Socioeconômico do Rio Grande do Sul, como divulgado pelo IDESE. (Índice de Desenvolvimento Socioeconômico). Uma pesquisa da Fundação de Economia e Estatística (FEE), realizada no ano de 2012, aponta que Esteio tem PIB total de R\$ 2.708.112,00 e PIB *per capita* de R\$ 33.491. Em relação às exportações, U\$ FOB 65.690.564,00.

Conforme relatório da Secretaria de Segurança, geograficamente, Esteio está situado em uma conturbação urbana formada por diversas cidades com características demográficas e históricas bastante similares no que se refere à natureza e à dinâmica das violências e da criminalidade que perpassam o espaço urbano, resultado dos diversos fatores socioculturais, políticos e econômicos. O município é cortado por importantes vias de acesso e pela linha Metropolitana do Trensurb. Tem acesso à Região Metropolitana e Vale dos Sinos, sendo ambiente propício a atos de violência e crimes diversos, como tráfico de drogas, roubo e furto de veículos, roubo e furto de cargas, de homicídios e roubos em geral, resultando em um município que apresenta rotas de fuga e acesso facilitado às regiões.

Esteio, apesar de ser um pequeno município, apresentou um aumento no número de homicídios, conforme os dados da divisão de Estatística/SSP-RS<sup>7</sup>. De 13 mortos, em 2013, uma elevação para 19, em 2014. Esse não é um dado que se possa comemorar, muito pelo contrário. A cidade precisa buscar caminhos para a diminuição dos atos de violência. Os homicídios, em sua grande maioria, ocorrem entre a população jovem de baixa escolaridade, em que a maioria possui apenas o ensino fundamental. Isso nos leva a pensar no modo de viver de cada indivíduo e na maneira que cada um escolheu para trilhar seu caminho. Porém, muitos não tiveram escolha para frequentar a escola e tornarem-se livres, como afirma Paulo Freire (1999).

---

<sup>7</sup> Serviço de Segurança Pública do Rio Grande do Sul.

Fazer-se sujeito, libertar-se é o sentido maior do compromisso histórico que se tem para com o homem, é participar de uma prática humanizadora. Para ser sujeito é preciso soltar as amarras, ousar voos de liberdade. E a liberdade é conquista que exige uma permanente busca, para que se possa superar a situação opressora. A educação é o meio que conduz o homem na conquista de sua subjetividade para que possa comandar o destino de suas ações. (FREIRE, 1999, p.28)

A educação sempre será o mote para fortalecer cada indivíduo como ensina o autor, porque traz a possibilidade de conviver, de trocar e aprender, fazendo com que cada um consiga alcançar uma vida digna.

A pesquisa também traz dados da etnia das vítimas de homicídios: 71% são de cor branca, visto que das 19 ocorrências no ano de 2014, seis vítimas são da cor negra. A maioria das vítimas apresentam antecedentes criminais, lembrando que, em 2013, das 13 vítimas, dez já haviam passado pela polícia e, no ano 2014, de 19 vítimas, seis tinham passagem criminal, marcando aí as reincidências e o despreparo dos órgãos públicos para oportunizar uma chance de mudança. Contudo, a partir do mapa da violência da cidade, ficam claros os índices de mortes de jovens entre 15 e 29 anos que em 1980 chegaram a 4.415 óbitos e em 2010 atingiram o número bastante elevado de 22.694 vítimas. Ainda na década de 2002/2012, o número total de homicídios registrados, passou de 49.695 para 56.337, o que representa um aumento de 13,4%, marcando mais uma vez a violência e vulnerabilidade destes jovens do município de Esteio.

Outro foco da pesquisa é do uso de entorpecentes, que, comparado ao ano de 2010, elevou-se consideravelmente. Em 2010, foram 127 pessoas envolvidas e, em 2014, 198. O tráfico, outro item que preocupa a segurança, registra que em 2010, 18 pessoas foram presas. Em 2014 o número subiu, passando a 68.

Na pesquisa realizada em 2014, intitulada *pesquisa de vitimização*, os entrevistados afirmaram que o principal problema de segurança pública é a falta de policiamento (53,3%), seguida do consumo de drogas (16,8% inclusive o álcool) e dos casos de furtos e roubos (14,5%). Para 33,8%, as drogas contribuem para o aumento da violência. A nota atribuída para a sensação de segurança no município de Esteio foi de 5,4. Logo, ainda necessita de uma melhoria considerável e ações eficazes para que diminuam os índices. A insegurança e o medo estão presentes no cotidiano da cidade, como Bauman (2008) observa:



O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2008, p.8)

Zygmunt Bauman (2008) diz que o mundo de hoje deveria ser diferente do da Idade Média, sem medo. Mas vivemos num cemitério de esperanças frustradas, segundo ele. Vivemos de novo numa era de temores. Os perigos de que se tem medo são de três tipos: os que ameaçam o corpo e as propriedades; os que rodam a durabilidade da ordem social, e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento; e os que ameaçam o lugar da pessoa no mundo, a posição na hierarquia social, a identidade de classe, religiosa, etc.

Em Esteio não é diferente, vivemos em uma sociedade envolvida ao medo, com violência nas ruas e no interior das escolas. O consumo de drogas é outro ponto que preocupa as famílias e os professores, assim como o setor público e de saúde. Nos índices do IBGE (2010), Esteio aparece como o município que apresenta a menor taxa de analfabetismo, estando em 1º lugar na taxa de alfabetização da Região Metropolitana. O município conta com Centros Municipais de Educação Básica (CMEB), cinco Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e um Centro de Educação Inclusiva<sup>8</sup> (CMEI), resultando 11 mil alunos matriculados e estudando na rede municipal.

Os Centros de Educação são estruturados com equipe diretiva, contando com diretora, supervisora escolar e orientadora educacional, visando dar um suporte aos educadores, aos educandos e suas famílias. Mesmo com esta organização, existem índices bastante altos no que diz respeito à violência entre alunos e professores.

---

<sup>8</sup> CMEI: Centro Municipal de Educação Inclusiva, criado no ano de 2007 pela lei municipal nº 4294/2007 para atender alunos com deficiência, altas habilidades/superdotação e Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

O Registro Online de Violência Escolar (ROVE), criado em 2014, possibilita o acompanhamento, por escola, de atos violentos envolvendo professores e alunos. A escola, por meio de um questionário *on-line*, com questões pontuais, possibilita traçar um perfil dos envolvidos no conflito ocorrido no ambiente da escola ou no entorno.

Os registros *on-line* trouxeram muitos dados importantes. Dentre eles, que o mês de maio de 2014 foi o mês de maior registro e que 60,7% dos casos ocorreram no turno da manhã, sendo assim, envolvendo os alunos das séries finais, com idade aproximada de 11 a 17 anos. Segue informando que os principais envolvidos nestas ocorrências foram os alunos (89,5%), professores (18,5%) e pais de alunos (17,4%). As principais causas destes encaminhamentos são a indisciplina (81,9%), desinteresse do aluno na sala de aula (74,7%) e agressões (73,8%). Essa é uma realidade preocupante para o ambiente escolar e nos faz refletir sobre as diferenças que, muitas vezes, entram em colisão entre adolescentes e que a escola não consegue resolver internamente. Conforme Salgado:

As tecnologias e os modos de regulação política, social e econômica atuais potencializam o contato dos indivíduos, das comunidades, dos povos, com uma multiplicidade crescente de formas de vida e formas de ver o mundo a partir de diferentes perspectivas. Dada a diversidade cada vez maior de maneiras de organizar nosso funcionamento psicológico e nossas ações, o mundo atual se encontra, também, sob maior risco de conflitos em geral. O aumento de contato com diferentes perspectivas e interesses favorece a colisão entre agentes (2012. p. 51).

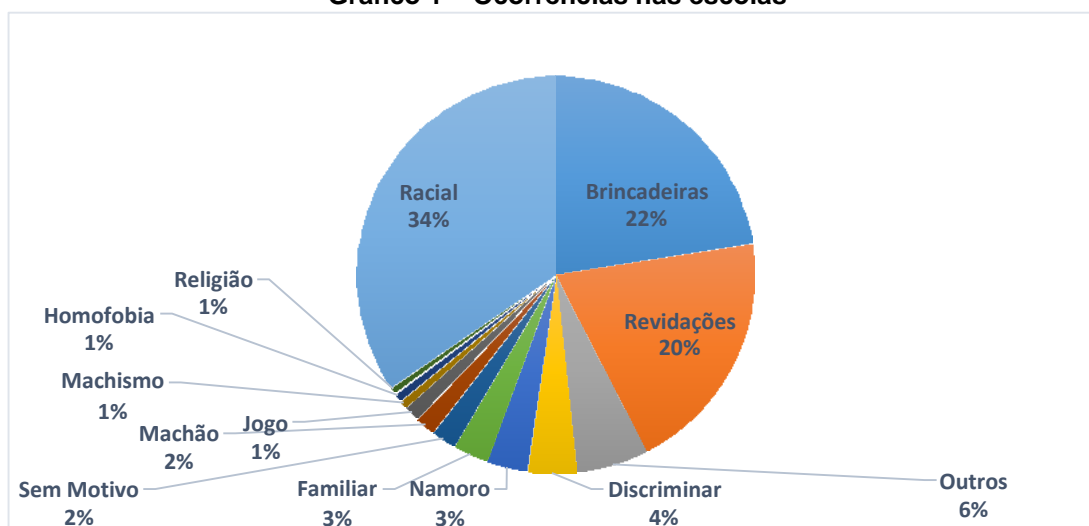
Cada vez mais a questão dos conflitos no interior das escolas merece um olhar atento por parte de todos, porque “a diversidade não implica por si só o conflito, mas implica a possibilidade de conflito” (DEWEY, 2007, página 54). Dessa forma, no que se refere ao perfil do aluno envolvido, em relação ao gênero, temos 67% homens e 33% mulheres, marcando uma diferença bastante pontual em que os meninos se envolvem com maior frequência nestas ocorrências, por inúmeros motivos, estando o furto, roubo e porte de arma como tipos de encaminhamentos para o ROVE. As motivações para as agressões são as mais variadas (Gráfico 1), sendo que o item de maior porcentagem são brincadeiras agressivas e de mau gosto, marcando mais uma vez a dificuldade de relacionamento e respeito às diferenças.

Como afirma Salgado (2012), o importante é reconhecer o outro como diferente.

Se tivermos por base esses dois aspectos essenciais para a ideia de educação para a paz, somos levados à ideia de que a convivência pacífica entre grupos ou indivíduos implica necessariamente o reconhecimento de que o outro com quem nos relacionamos é diferente do eu (aqui tomado como potencial sinônimo de nós). Simultaneamente, é necessário compreender os afetos, pensamentos, motivações, valores, constrangimentos e a herança histórica e cultural que dão origem a essa diferença (SALGADO, 2012. p. 58).

No espaço da escola, é cada vez maior o número de estudantes com envolvimento com drogas, sendo que 24,2% já chegam para estudar sob o efeito de alguma substância – outro motivo para os enfrentamentos entre colegas. Cerca de 12,1% usam drogas no interior da escola, dificultando a concentração e aprendizagem, e 9,1% dos alunos realizam o tráfico dentro da escola. Portanto, os Centros de Educação de Esteio têm um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à resolução de conflitos e convivência para que nos próximos anos possamos nos deparar com índices positivos.

**Gráfico 1 – Ocorrências nas escolas**



Fonte: ROVE (2014)

No que tange à segurança pública, a cidade apresenta índices de violência disponibilizados pelo Observatório da Segurança e Mobilidade. No ano de 2014, houve uma elevação de 30% para os delitos de roubos e para prática de violência física. Ainda, 11,1 % dos entrevistados relataram ter problemas com drogas ilícitas, sendo que o consumo e o tráfico de drogas, os furtos e roubos foram apontados como os

principais problemas de segurança da cidade de Esteio. A Brigada Militar registra as ocorrências realizadas no ano de 2015 ilustrando este aumento da criminalidade: 22 homicídios, 739 roubos e 1.158 furtos, dentre outros crimes, compreendem 1.955 prisões, 92 foragidos recapturados e 57 armas de fogo apreendidas, resultando em 374 termos circunstanciados e 928 boletins de ocorrência – números bastante elevados para um pequeno município.

Outro foco de violência é levantado pela Coordenadoria da Mulher, presente em Esteio desde o ano de 2008, que vem acompanhando os atos violentos contra a mulher, buscando apoio em todos os órgãos municipais, estaduais e federais, como a assinatura do Pacto de Enfrentamento à Violência realizado em 2011. O estudo realizado pela Coordenadoria expõe informações bastante relevantes. As mulheres são maioria na titularidade dos imóveis entregues e regularizados pela prefeitura, contabilizando 1.094 chefes de família, do gênero feminino. Para qualificar este grupo de mulheres que são as chefes de família, o município, em parceria com a Coordenadoria, ofereceu cursos do Pronatec- Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, para 578 mulheres, a fim de que se capacitassem e pudessem gerar renda e sair da vulnerabilidade. Em uma análise realizada a partir das entrevistas, foram encaminhadas 28 mulheres vítimas de violência doméstica. O Posto da Mulher aponta outros dados que preocupam (Tabela 1). Por isso, a cidade necessita de um olhar dedicado para estas questões de violência. Apenas no primeiro semestre de 2014 foram instauradas 242 ocorrências e 133 medidas protetivas. Ou seja, são aproximadamente 40 casos por mês. Número bastante elevado. Outro subsídio para o combate à violência é a Patrulha Maria da Penha, que, em 2014, atendeu 66 mulheres nas residências, e acompanhou 22 como vítimas ativas judicialmente. São números expressivos que mostram apenas uma parcela deste problema que permeia a cidade de Esteio. Porém, existem dezenas de mulheres que não procuram nenhum dos setores citados e continuam sofrendo, muitas por medo, por dependerem do companheiro, e outras por não terem conhecimento dos serviços.

**Tabela 1 – Vítimas de violência****Municípios do Vale dos Sinos - 2014**

MULHERES VÍTIMAS - LEI MARIA DA PENHA **	AMEAÇA	LESÃO CORPORAL	ESTUPRO	FEMICÍDIO CONSUMADO	FEMICÍDIO TENTADO
ARARICÁ	36	19	2	0	0
CAMPO BOM	240	142	4	0	1
CANOAS	1.516	800	43	2	10
DOIS IRMÃOS	113	51	5	0	0
ESTÂNCIA VELHA	247	88	3	0	0
<b>ESTEIO</b>	<b>345</b>	<b>204</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
IVOTI	56	20	0	0	0
NOVA HARTZ	50	29	1	0	0
NOVA SANTA RITA	98	54	4	0	2
NOVO HAMBURGO	1.033	561	20	3	9
PORTÃO	122	70	7	0	1
SÃO LEOPOLDO	946	628	22	1	8
SAPIRANGA	524	156	9	1	1
SAPUCAIA DO SUL	587	314	14	3	2
<b>TOTAL</b>	<b>5.913</b>	<b>3.136</b>	<b>137</b>	<b>10</b>	<b>35</b>

Fonte: SSP/ SIP/ PROCERGS em: 02/01/2015

\*\*Mulheres vítimas de delitos enquadrados pelo recorte de gênero

**Fonte: Procergs (2015)**

A cidade de Esteio conta com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico que informa que a cidade tem hoje 4.336 empresas, sendo que 10 a 15% são indústrias, 60% comércio e 30 a 35% serviços. No setor industrial, o destaque fica por conta dos ramos de metalurgia, vestuário, tecidos, produtos alimentares e mecânicos. Entre os principais manufaturados estão óleo vegetal, plástico, papel, cimento, ração e proteína vegetal.

No que diz respeito aos espaços culturais, a Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya<sup>9</sup>, localizada na Rua Padre Felipe, nº 900, oferece cursos para todas as idades, muitos dos cursos ofertados são gratuitos ou com um valor acessível para a população. Neste mesmo espaço, a Biblioteca Municipal Rui Barbosa é aberta a toda a população com espaço para pesquisa local e retirada de obras literárias.

Esteio tem praças, que são locais onde, nos finais de semana, as famílias se reúnem para propiciarem momentos de lazer às crianças. A Praça Coração de Maria, inaugurada em 25 de junho de 1988, é um dos pontos de maior movimento por oferecer uma pista de skate e uma arena com arquibancadas.

No segmento saúde, Esteio conta com o Hospital São Camilo, situado na Rua Castro Alves, 948, no Bairro Tamandaré. Lembrando que, em 2010, se transforma em

<sup>9</sup> Lufredina Araújo Gaya, primeira Mulher eleita à vereadora e escritora do 1º Ensaio sobre a cidade de Esteio.

Fundação de Saúde Pública São Camilo de Esteio (Hospital São Camilo), prestando atendimento em saúde para procedimentos ambulatoriais, cirúrgicos e de internação, atendendo a todos os usuários do SUS e conveniados que procuram a entidade hospitalar. A cidade oferece 11 Unidades Básicas de Saúde espalhadas em muitos bairros: Centro, Cruzeiro, Esperança, Ezequiel, Jardim Planalto, Novo Esteio, Parque Claret, Pedreira, Primavera, Tamandaré e Votorantim. Há também Farmácia Popular do Brasil e Farmácia Básica Municipal.

E, assim, a cidade de Esteio se apresenta. Porém, com problemas pontuais como a violência urbana. Passaremos a conhecer, no próximo capítulo, a Vila Pedreira desde o seu nascimento como comunidade periférica até o momento atual do espaço.

### 3. VILA PEDREIRA: MEMÓRIA E HISTÓRIA NA BORDA DA CIDADE

Os primeiros moradores da Vila Pedreira se instalaram há mais de 50 anos no local às margens da BR-116. Na década de 1980, a Associação de Moradores local adquiriu a área e, desde então, reivindica a regularização fundiária. Segundo informações da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Gestão de Esteio, o local onde hoje existe a Vila Pedreira foi ocupado antes da emancipação da cidade.

A Vila Pedreira é vida pulsando em todos os cantos, a cultura, o carnaval, as religiões, as famílias numerosas, as discussões, o futebol. É o coração batendo forte e fazendo a comunidade sobreviver. Começou como Vila Quadros, pois era um quadrado do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Quando o DNER encerrou o trabalho, permaneceram algumas casas e, aos poucos, foram chegando mais moradores. Surgiu de um contrato entre o executivo leopoldense e Oswaldo Kroeff, proprietário das terras, que tinha a permissão para a exploração de pedras. Durante muitos anos, depois de emancipado em 1955, Esteio lutou pela posse da área ou o cancelamento do contrato. As pedras retiradas por trabalhadores eram usadas no calçamento das ruas de São Leopoldo e de seus distritos.

Muito comum nas cidades brasileiras, as ruas receberem nomes de figura públicas, mas na Vila Pedreira a história foi um pouco diversa. Seu nome foi originado da construção de uma pedreira, de onde eram retiradas as pedras que serviam para demais municípios.

A Figura 15 mostra um “acampamento” de trabalhadores que faziam a extração das pedras. As explosões causadas por dinamite, trancando, duas vezes por dia, o trânsito da BR-116, não eram muito bem-vindas, pois quebravam os vidros e telhas das casas e provocavam um barulho estridente, que os moradores não queriam. Em entrevista, Maria Conceição<sup>10</sup>, moradora da Vila Pedreira, observa o processo violento da exploração das pedras da região e evidencia a vulnerabilidade daqueles que habitavam o espaço.

Ah! Eles detonavam, né? Eles detonavam a pedra! A gente tinha que sair de casa. Sim. Por causa das pedras, menina... Elas bate no forro, se tem forro arreventa tudo. Ainda às vezes estraga o que é da gente e mata a gente dentro de casa. Cada pedra enorme. Eles detonavam com dinamite, meu véio trabalhava nisso aí, eles detonavam aquilo voava pedra pra tudo quanto era

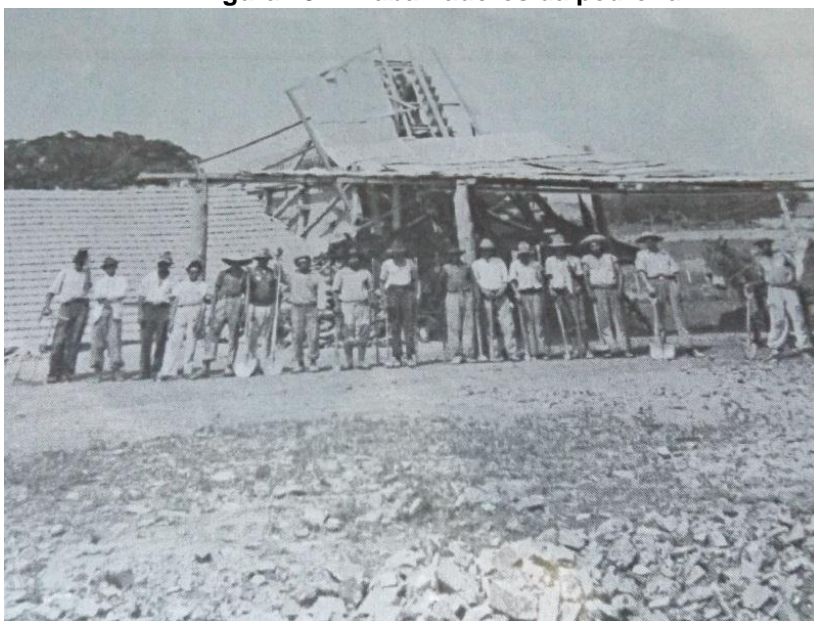
---

<sup>10</sup> Maria Conceição, 68 anos, lavadeira e moradora da Vila Pedreira, entrevistada no dia 25 de outubro de 1999 pelo Núcleo de Pesquisa Histórica de Esteio (NPHE).

lado. Os carro, tudo tinham que parar. Eles iam com bandeira vermelha, iam com bandeira vermelha, avisavam nas casas, né? Que era pra sair que iam detonar, já avisavam antes. Aí a gente saía pra lá pra cima (CONCEIÇÃO, 1999, informação verbal).

Mesmo com o sinal dos trabalhadores de casa em casa, a ação da pedra oferecia perigo, deixando os moradores vulneráveis a acidentes e até mortes porque uma pedra que caísse nos telhados poderia ser fatal.

**Figura 15 – Trabalhadores da pedra**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Como vimos no capítulo anterior, Esteio passava por desequilíbrios econômicos. O número de moradores crescia, mas muitos sem condições financeiras de manterem sua família. Sendo assim, houve nesta época um aumento do número de pessoas que foram construindo sua moradia às margens da cidade, como é o caso da população da qual faz parte Dona Maria da Conceição.

O trabalho na pedra continua e, no ano 1957, ocorre uma reunião na sede social do Clube do Comércio, em que esteve presente o Procurador do Governo<sup>11</sup>. Das melhorias, as explosões que eram realizadas duas vezes por dia passaram para

---

<sup>11</sup> Dr. Serafim Machado, acompanhado de alguns assessores, mais representantes da comunidade, do vice-prefeito Artur Dossena, Hugo Klein, Aguinaldo Figueiredo, Darcy Zolin, Lisandro de Araújo Filho, Lino Moeller, Erwin Bloss e Airton Rosari, discutiu mudanças na pedra que funcionava naquele espaço.



uma somente – o que diminuiria a perturbação e os moradores, pois não precisariam se ausentar de suas casas e correriam menos riscos de serem machucados.

Assim, as explosões diminuíram e a pedreira continuou sendo explorada, mas o número de moradores começou a aumentar já que a economia passava por momentos difíceis e faltava trabalho (Figura 16). Contudo, não havia estrutura para prover a todos os que se aproximavam buscando um lugar para morar e que, mesmo assim, vinham atrás de trabalho e de uma vida mais digna.

**Figura 16 – Primeiras casas e BR**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Os primeiros moradores viveram sem que denunciasses uma desestrutura urbana e regularização fundiária. Não havia água e iluminação e as ruas, umas vielas, circundavam os pequenos casebres. Há aproximadamente 40 anos, a Vila Pedreira recebeu a instalação de luz e água, bem como a construção de uma escola e de um posto de saúde. Somente, em 2015, os terrenos estão sendo regularizados através da ação da Prefeitura, a partir da demanda da Associação de Moradores da Vila Pedreira.

Em sua entrevista, a diarista Maria do Barranco<sup>12</sup>, moradora da Vila Pedreira, relata como era a vila e vai trazendo à tona suas lembranças, remontando o passado e relacionando personagens.

---

<sup>12</sup> Maria do Barranco, moradora da Vila Pedreira há 30 anos, diarista e entrevistada pela autora no dia 15 de outubro de 2014.

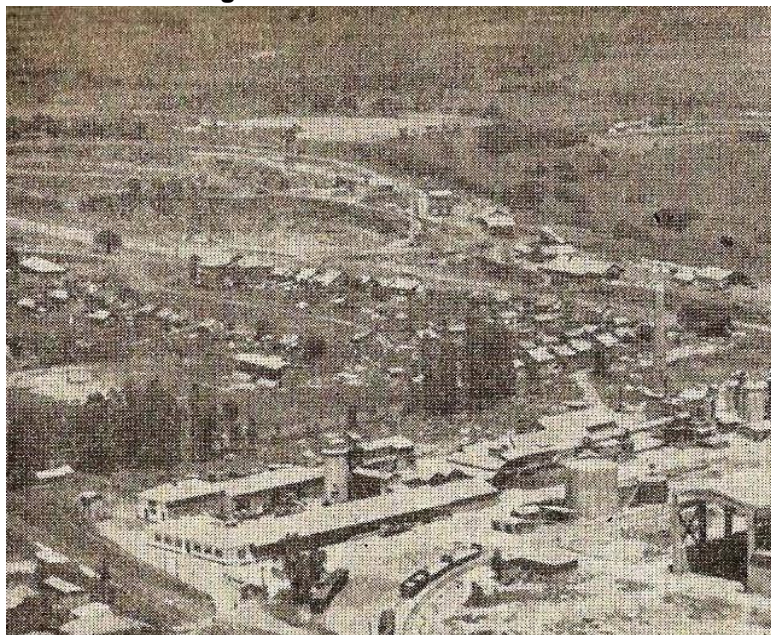
É não vou dizê que era praticamente mato, mas não tinha asfalto, não tinha esse viaduto. Isso aqui era praticamente tudo areião como que chamavam as ruazinhas, tu vê tudo é asfaltadinho, com aqueles tijolinhos. Aí eu morei ali embaixo, a primeira casinha minha foi ali embaixo né, que ali eu fiz quando tinha aquela Serra Almeida” (informação verbal).

As lembranças de Maria acionam o que Burke (2004) indica como cadeia da informação. Ou seja, é impossível estudar o passado sem a contribuição de toda uma cadeia de informações. A cadeia que o autor menciona se refere a uma forma de teia onde todos os envolvidos na escrita e construção da história doam as suas informações, as suas vivências e vão formando o caminho da história, cada um do seu jeito, cada um com suas verdades e vivências.

A teia da história da Vila Pedreira, neste estudo, vai se formando através de imagens e da oralidade que, juntas, produzem narrativas e são carregadas de significado. Essas são narrativas de identidade, na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e a sociedade, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade, tecendo e cerzindo o imaginário. Em verdade, então, a oralidade é mais do que uma técnica ou procedimento ou uma entrevista gravada formando apenas arquivos. Antes de tudo, é um espaço de contato e influência interdisciplinar, social, local e também regional. Nesse sentido, a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História. Cada fio conduz a uma parte da comunidade com variadas personagens e cenas. Cada fato narrado, cada lembrança expressa pelo morador da Vila Pedreira, transforma-se, rapidamente, em um fio condutor que vai levar a mais um fato, a mais uma família que faz a história da comunidade, formando um novelo significativo.

A cada entrevista e conversas com o morador, mais descobertas, pois o sujeito tem a oportunidade de não ficar anônimo e ser produtor de sua história, divulgando e articulando fatos e sendo protagonista de sua história e dos demais moradores.

A prefeitura continuou com a exploração de pedras até o final do contrato. As condições para a prefeitura leopoldense eram boas demais para serem interrompidas. No local, começaram a surgir os primeiros casebres, inicialmente erguidos por ex-funcionários da pedreira, depois por seus parentes, até que se formou um aglomerado de casebres de grandes proporções, dando àquele espaço um mosaico urbano permeado de urgências sociais de particularidades culturais.

**Figura 17 – Início da Vila Pedreira**

**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

A vila começou de uma forma completamente desordenada (Figura 17) na sua construção. Permaneceu desafiando o tempo e tornando-se uma das mais populosas, devido à sua localização próxima ao centro da cidade.

Pensar na Pedreira é pensar em uma pequena *cidade plural* (PESAVENTO, 1999), onde é possível encontrar pessoas de múltiplos discursos e olhares e também com questionamentos que vão construindo as marcas do social, pois a cidade não é apenas um ponto no mapa. Ela é a marca de vida e representação de cada morador. A trajetória dessa comunidade é ilustrada com cenas vividas por moradores e imagens. Burke (2004) faz essa reflexão quando afirma que as imagens “são testemunhas mudas e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Embora o testemunho de imagens, como o dos textos, suscite problemas de contexto, função, retórica, recordação, testemunho de segunda mão, etc.” (BURKE, 2004, p. 18).

Assim, a memória individual não fica isolada por estar ligada a outras memórias – como individual e histórica. Todas juntas remontam e recontam a trajetória deste espaço. A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal, pois relacionar-se com o outro é enriquecer a convivência. Conforme Jenkins (2007, página 73), “o passado já aconteceu”. E, por já ter acontecido, só pode ser trazido de volta por meio dos historiadores. Em suas palavras:

Ele já passou, e os historiadores só conseguem trazê-lo de volta mediado por veículos muito diferentes, de que são exemplo os livros, artigos, documentários etc., e não como acontecimentos presentes. O passado já passou, e a história é o que os historiadores fazem com ele quando põem mãos à obra (JENKINS, 2007, p. 25).

Tudo que é vivido passa a fazer parte da memória. Às vezes é vivido pessoalmente, outras, pelo grupo ou pelo coletivo, mas é sempre uma construção de vida. No momento das entrevistas, fica bastante clara esta relação, pois o entrevistado lembra aquilo que viveu ou pensa ter vivido.

Buscar no fundo de nossa memória fatos ou imagens é descortinar e dar luz aos nossos pensamentos que estão guardados e mesmo adormecidos, que em certo momento são reativados e, como observa Pollak (1992), passamos por uma reorganização de memória. A memória apoia-se sempre sobre o passado vivido, que permite constituição de uma narrativa sobre o que o sujeito já viveu de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita. Consoante Pollak (1992), a memória é constituída por atores sociais.

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 2).

Assim, a imagem é a história, conforme Burke (2004). Seu uso serve para, além da reorganização da memória, a reconstrução do passado, falando do cotidiano de pessoas comuns e trazendo à tona imagens que são marcantes no que diz respeito à composição da Vila Pedreira. O arco<sup>12</sup> de entrada da cidade (Figura 18) demarcou um limite e um distanciamento de uma parte da população, pois o arco estava acompanhado dos trilhos do trem que evidenciaram ainda mais a distância.

---

<sup>12</sup> O arco de entrada da cidade de Esteio está preservado até hoje.

**Figura 18 – Arco de entrada de Esteio**



**Fonte: Fotos Antigas de Esteio**

A depoente Terezinha Garcia<sup>13</sup>, lavadeira, moradora da Vila Pedreira, ressalta em sua fala a separação da cidade em dois lados por conta dos trilhos do trem. Os trilhos do trem sempre foram um marco, um divisor de população – os que ficavam do lado de cá e os que ficavam do lado de lá –, desde 1905, com a construção da estação Esteio, e, depois, em 1985, com a vinda do Trensurb.

O Seu Nilton tinha uma sapataria pro lado de cá, então ele fez uma taipa assim com duas tábuas e a gente passava por cima, se a gente, eu que naquele tempo eu sempre andava de sapato de salto, agora eu não uso sapato de salto [...]. O Seu Nilton passou pro outro lado, agora ele tá lá, quero dizer o Geison está lá na Claret (GARCIA, 1999, p. 21, informação verbal).

Cabe ressaltar que o Esteio e sua formação sempre estiveram ligados a acompanhar a ferrovia, começando pelo nome da cidade, que deriva do equipamento ferroviário que serve de apoio aos trilhos, o esteio. Esta ligação histórica com a estrada de ferro vem desde o povoado que viria a originar Esteio, o qual nasceu e cresceu com a construção da Ferrovia Porto Alegre-Novo Hamburgo, originada na constituição detalhada no primeiro capítulo. A partir dos anos 80, foi a vez do Trensurb, que ligou com rapidez as cidades da região metropolitana, dando sequência à tradição de desenvolvimento de Esteio intimamente ligado à ferrovia.

---

<sup>13</sup> Terezinha Garcia, entrevistada no dia 15 de setembro de 1999 – material arquivado no Museu de Esteio pelo Núcleo de Pesquisa Histórica de Esteio (NPHE).

Com a intervenção dos trilhos do trem, que foi alheia à vontade da população periférica, iniciou-se uma ruptura da Vila Pedreira com o restante da cidade, dificultando o acesso da população ao núcleo central provocando o distanciamento dos sujeitos e, assim, a ausência de liberdade. Instaurou-se, então, o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento e da transgressão, pois queriam conviver com o lado oposto ao deles e atravessar a passarela.

Pesavento (2004) apresenta em seu estudo a reflexão sobre esta fronteira que se mostra bastante tênue e que os “indivíduos” atravessam para o lado dos “cidadãos” sem o maior problema tentando dessa forma diminuir a diferença criada, mas mesmo assim não são reconhecidos. A autora ainda discute os espaços e seu reconhecimento. “Populares reconhecem, *a priori* que são os cidadãos, mas seus conceitos do que seja a ordem são diferentes. Para os cidadãos, o mundo dos excluídos é pura desordem, não vem aí uma lógica de comportamento e valores” (PESAVENTO, 2004, p. 28). A autora também afirma que é na rua que tudo acontece e que nos defrontamos com as diferenças e também a linguagem que nomeia o “outro”. É nas ruas que todas as práticas são expostas, aquelas convenientes, consagradas pela moral. Sendo assim, é também nesta rua que o comportamento desviante se mostra ao olhar de todos.

A separação, o distanciamento e a dificuldade em conviver ficaram cada vez mais difíceis, pois sempre existiu o olhar curioso e preconceituoso em relação ao outro, como afirma Marlene Boaventura<sup>15</sup>, dona de casa e moradora da Vila Pedreira. “Eles não se acertam com as pessoas do Novo Esteio, do centro. Então eu não sei, a vila ficou isolada, não a vila, o pessoal quer se isolar, eles vão e fazem coisas erradas, mas não é por causa da escola é por causa dos pais” (BOAVENTURA, 2014, informação verbal). Os elementos do cotidiano que Marlene traz em sua fala são inquestionavelmente carregados de representações simbólicas, pois o dia a dia da comunidade traz à tona a composição do espaço, seus costumes, sua forma de ver o outro e de ver a cidade. Cada morador, cada entrevistado é visto como um ser único, pois faz as suas escolhas de vida, mas, ao mesmo tempo, procura conviver com o outro da forma mais harmoniosa possível. Portanto, surgem as diferenças dos moradores do lado de cá e os do lado de lá, criando indivíduos estereotipados – muito pela condição financeira.

Surge a questão do imaginário social, pois os habitantes da cidade de Esteio, ao ouvirem falar sobre a Vila Pedreira, ou se verem frente a frente com um morador desta comunidade, apresentam um olhar preconceituoso

---

<sup>15</sup> Marlene Boaventura é mãe de Adriano Timão, cantor de Hip Hop. Entrevistada pela autora no dia 15 de outubro de 2014.

O estudo de Pesavento (2004) vem contribuir para este entendimento quando garante que, no imaginário social, tais indivíduos que habitam os becos e espaços populares são definidos como vadios desocupados e de maus instintos e seus costumes e formas de levar a vida se chocam com os demais “cidadãos” da cidade.

Outro ponto é a dificuldade de enxergar os moradores da Vila, sem estigmatizá-los pela etnia, condição econômica ou mesmo pelo apelido que ganhou durante a sua trajetória de vida e sem ser visto como desordeiro e contraventor. O estudo de Ana Carlos (2001) dialoga com esta dificuldade de reconhecer aquele que está às margens e, na maior parte das vezes excluído.

As pessoas são tratadas de forma diferenciada em função de sua aparência, das roupas que vestem do carro que dirigem, lugares onde passam as férias, restaurantes que frequentam, cartões de crédito que usam. Assim as relações entre as pessoas passam pelo dinheiro... (CARLOS, 2001, p. 21).

Com isso, vemos a questão do não reconhecimento da humanidade, ou melhor a desumanização daquele que passa pelo processo de exclusão e por não ser notado pelos demais, como ser humano semelhante, torna-se ameaçado de eliminação. Para Nascimento (1994), tudo começa com o desemprego duradouro produzido pela desnecessidade cada vez maior de trabalho vivo para a produção nas sociedades contemporâneas. Com isso, cria-se uma nova legião de pessoas inoperantes dentro da economia capitalista, rompendo com a interdependência de todos os membros da sociedade, necessária à reprodução dos laços de solidariedade orgânica. No atual contexto de violência urbana, aqueles que são considerados socialmente “inúteis”, facilmente são representados, também, como perigosos para os demais, e essa é uma realidade em relação à Vila Pedreira.

As entrevistas mostram a composição de um território que se conceitua sendo o espaço apropriado pelo habitante e que traz a vida cotidiana destes personagens, mostrando que o cotidiano está no centro da história porque é a partir dos relatos de vida que a história se constrói. É no cotidiano, portanto, que emerge a cultura, lugar onde tudo pode ser reconhecido, como desejável ou não, para as realizações da vida de cada morador. Ademais, é importante conhecer o território a partir do olhar daquele que habita, pois é ele que dá sentido ao espaço onde vive. Neste momento, o território nos é colocado como conteúdo, meio e processo (SAQUET, 2007) das relações sociais (alteridade) e das relações de exterioridade (homem-natureza), tela em que se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades.

Raffestin (1993) nos adverte que espaço e território não são termos equivalentes e salienta que é

[...] essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Sendo assim, Marlene Boaventura, discorre sobre o que ela enxerga da localização de sua casa, marcando o Barranco, que é um pequeno beco, como seu, isto é, territorializando, na entrada da Vila, pela BR-116, até os trilhos do trem. Lembre-se do “Fúria”, menino que atravessa correndo os trilhos querendo ser mais rápido que o vagão e mostrando sua coragem. É apenas mais um personagem que é lembrado pelas façanhas e falta de zelo, típicas da infância.

Conversando com antigos moradores, é possível reconstruir mentalmente e através de imagens a composição da vila, pois as imagens têm evidências a oferecer. Elas são o cenário de vida de cada indivíduo morador desta comunidade. Através delas, retomamos o passado e temos lembranças de determinados acontecimentos. A imagem revela, muitas vezes, detalhes significativos que o texto omite.

Tratar e estudar o passado traz a possibilidade de reviver situações que marcaram e podem ser inseridas em um portfólio de história oral ou escrita trazendo à tona as verdades sobre o lugar. Por isso, torna-se importante remeter as entrevistas, pesquisas e imagens, formando uma cadeia de informações que vão, como um quebra-cabeça, se encaixando. A cada palavra e lembrança de um morador, confirma-se que o passado é uma dimensão permanente da consciência humana que vai abrindo caminhos à medida que o indivíduo força a sua memória.

Através da oralidade, vai se desenhando o antes da comunidade. As imagens trazem o progresso deste espaço, pois dessa forma a história oral, ao se interessar pela fala do outro, dá a devida atenção à visão e versão alheias, com uma consideração subjetiva e valorizando as citações. Ao ouvir o outro, não substituímos sua fala pela pesquisa, agregamos a fala e analisamos cada palavra para compor outro texto, uma história diferente.

O uso da história oral, bem como das narrativas que dela se originam, estimula a escrita de uma História que não é uma representação exata do que realmente existiu,



mas que se esforça em apresentar uma inteligibilidade, e em compreender a forma como o passado chega até o presente. O que o historiador escreve não é aquilo que se passou e, sim, uma produção discursiva. Produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. Nesse sentido, “a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História” (ALBERTI, 2005, p.155).

A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo passado. Para além da formação da memória, Halbwachs (2004) aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado embasadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória, bem como todos os dados recolhidos das entrevistas, como observa Halbwachs (2004, p. 89).

O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida.

A cada entrevista um desenho e um caminho. Cada um que fala, constrói e pela e na linguagem , cada um com suas verdades e vivências, deixando sobressair o olhar íntimo perante a comunidade e o que passou no interior e fora dela. Portanto, ao contar as experiências, o entrevistado constitui o evento vivenciado e transforma em linguagem, selecionando e organizando mentalmente os acontecimentos de acordo com determinado sentido partindo do presente.

Peter Burke (2004) enfatiza o valor da intensificação desta cadeia que traz somente benefícios ao pesquisador, enriquecendo a pesquisa, pois as testemunhas deste lugar são os moradores que vivem todos os dias esta rotina de comunidade e sabem falar com sentimento deste espaço. Constatamos que a teia da história da Vila Pedreira vai se formando através de imagens da literatura oral, cada fio conduz a uma parte da comunidade com variadas personagens e cenas. Nesta composição, o aparecimento do Trensurb, por mais que tenha trazido benefícios, cortou e separou a Vila Pedreira do resto da cidade, transformando esta comunidade em um espaço marginal, por ficar às margens, e fissurado por ter sido rasgado pelos trilhos.

Assim, a Figura 19 traz o viaduto sobre os trilhos da Viação Férrea que ligava a estrada, BR2, de Porto Alegre a São Leopoldo. Foi construído em 1940 e demolido em 1984 com a passagem do trem metropolitano.

**Figura 19 – Viaduto Vila Pedreira, em 1940**



**Fonte: Ao Longo dos Trilhos (LUZ, 2005)**

Essa divisão foi muito bem planejada, uma vez que a linha do Trensurb começou a ser idealizada a partir de 1976, através de estudos desenvolvidos pelo Grupo Executivo de Integração da Política de Transportes da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT), que justificou o projeto pela redução do fluxo de veículos na BR-116, já saturada à época, e pela oferta à população dos municípios mencionados de uma alternativa de transporte com baixo custo e com maior rapidez, segurança, conforto e capaz de absorver uma demanda inicialmente prevista na casa dos 300 mil passageiros por dia (LUZ, 2005).

Entre os anos de 1980 e 1985, realizaram-se as obras de implantação do sistema ferroviário, agora modernizado. Em 1984, desembarcaram, em Porto Alegre, as 25 unidades de trens elétricos, adquiridos do Japão. Em março de 1985, foi inaugurado o primeiro trecho, com 27 quilômetros de extensão e 15 estações, ligando Porto Alegre a Sapucaia do Sul e cruzando os municípios de Canoas e Esteio (LUZ, 2005). Os moradores da vila pressentiam que uma mudança estava prestes a acontecer. Então, a comunidade mobilizou-se para que a cidade não fosse dividida também pelo trem, mas não teve forças perante o desejo desenvolvimentista e o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER).

Agora, uma nova Vila Pedreira – espremida entre a BR-116 –, bastante populosa, aparecia quando o Trensurb foi implantado. Muitas construções desordenadas, muitas dificuldades de regularização e saneamento e agora separada do resto da cidade. São muitas as personagens que se tornaram porta-vozes da história da comunidade. Através de seus depoimentos ilustram e trazem à tona tudo o que ficou gravado na memória. Ênio Florêncio da Silva, destaca que os moradores se acostumaram com o barulho do trem e afirma: “Como todos que moram lá estão há muitos anos, o barulho não incomoda mais”. Na verdade, o que mais preocupa é a falta de infraestrutura e passarela para os idosos e cadeirantes.

Também Maria do Barranco, na sua contribuição referente à chegada do trem, disse que ela chegou em 85, quando havia dado à luz uma de suas filhas e relata sobre o lugar onde morava, fazendo com que o cenário fique visível:

Eu morava no Novo Esteio quando era Maria Fumaça. Depois logo vim pra cá e construí a primeira casinha ali embaixo, aí vim mora ali debaixo e passei pra cá e morei na beira do muro, acho que era a Maria Fumaça, sim, ou o cargueiro. Eu morava bem na beira do muro. Eu me lembro quando a minha nenê nasceu, a minha menina, ela se acostumou com o barulho do trem. Ela dormia só com o barulho do trem (MARIA, 2014, informação verbal).

É como se, numa história de vida individual, existissem elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. A cada depoimento, a Vila Pedreira vem sendo descrita e os moradores valorizam este espaço em que criam seus filhos, se divertem e querem ser felizes, sendo respeitados no lugar que escolheram para viver. Marlene Boaventura, por exemplo, fala da sua chegada à Vila, das alegrias e de momentos difíceis:

Quando cheguei, tinha 18 anos, não tinha água, lavava a roupa lá na lagoa<sup>14</sup>. A luz era um caos, não tinha calçamento, então eu acho que melhorou muito. Apesar de que eu já passei maus pedaços. Já chorei muito, já tive vontade de sumir de Esteio, pior que eu adoro Esteio (BOAVENTURA, 2014, informação verbal).

Amar o espaço em que se vive, lutar por ele e vê-lo sempre como uma possibilidade de melhorias é compactuar com Bachelard (1998), quando afirma que:

É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz a miúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos, em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela? (BACHELARD, 1974, p. 24).

Refletir sobre a casa como o “canto do mundo”, e relacioná-la com o espaço da Vila Pedreira, bem como os relatos dos moradores, é pensar em um lugar que, apesar de simples e humilde, de ruas sem saída, é rica em histórias e lembranças que compõem todo este cenário. Dona Ilíria<sup>15</sup>, costureira e moradora da comunidade há 42 anos, traz na sua fala elementos que possibilitam pensarmos acerca do cenário da Vila e a mesma como um espaço acolhedor de vários “cantos”, cuja relação é norteada por princípios, valores e virtudes. A depoente menciona sua trajetória e a casa na Vila. Diz ela:

Aqui faz quarenta e dois anos. Eu vim de Santa Catarina, eu sou de Araranguá natural, mas quando eu me casei eu estava em Criciúma, e de Criciúma eu vim pra cá, eu já tinha dois filhos, já quando vim pra cá. Vim procurando melhoras né, de serviço essa coisa toda. [...] Trabalhei bastante, mas eu me sinto muito feliz, eu e meu marido fomos pobres mesmo, gente pobre, criamos nossos filhos. Sempre digo: Vocês não me envergonhe a minha casa e a memória do teu pai, nós demos um bom testemunho pra vocês, se criaram pobre, mas lutando com dignidade (BASTOS, 2015, informação verbal).

Em sua fala, ficam evidentes o orgulho de morar na comunidade, e os valores morais que regeram a vida de sua família, Ilíria afirma que não tinha o menor problema de passar o seu endereço, pois não se envergonhava do bairro nem das pessoas com quem convivia. É possível, com todos os relatos de vida e imagens, montar um percurso psíquico, uma composição de vida, pois ela estava a falar das suas estradas, das suas idas e vindas e de como tinha sido árdua essa caminhada.

---

<sup>14</sup> A lagoa que a entrevistada se refere estava localizada em meio ao arvoredo, na Vila Pedreira.

<sup>15</sup> Ilíria Bastos, atualmente com 91 anos, moradora e entrevistada pela autora em 3 de março em 2015.

Para Bachelard (1998) é reconfortante reviver as lembranças de proteção, as lembranças de casa, pois estas apresentam uma tonalidade acentuada, evocando as lembranças de casa, unimos os sonhos, a emoção e a poesia. Portanto quando o habitante relata sobre sua moradia e o que viveu neste espaço, está trazendo que a casa é uma das maiores “forças de integração” (BACHELARD, 1998, p.26) porque traz as lembranças e os sonhos vividos, bem como os devaneios.

Entre uma fala e outra, um entrevistado e outro, vai se dando a construção da Vila Pedreira e sua constituição como fonte inspiradora, trazendo os sonhos e desejos dos moradores e, acima de tudo, trazendo relatos da vida real. Tudo é muito rico e as palavras mostram uma comunidade que, apesar de localizada nas bordas da cidade, se desenvolve e tem um grande valor na vida dos moradores. Portanto, quando o homem começa a produzir, ele muda as suas relações com o meio (CARLOS, 2001) e começa a estruturar um espaço diferente, iniciando a modificação de ambos, porque os sujeitos que moram na Vila Pedreira pertencem a este lugar e o lugar a eles. É através das produções, do trabalho e das relações que nasce a vida social na comunidade. Assim vemos que a cidade não é apenas um espaço das construções de concreto, de organização do tráfego, das metáforas da multidão. É, antes de tudo, o espaço privilegiado em que as relações sociais e cotidianas se desenrolam e, mais que isso, se revelam.

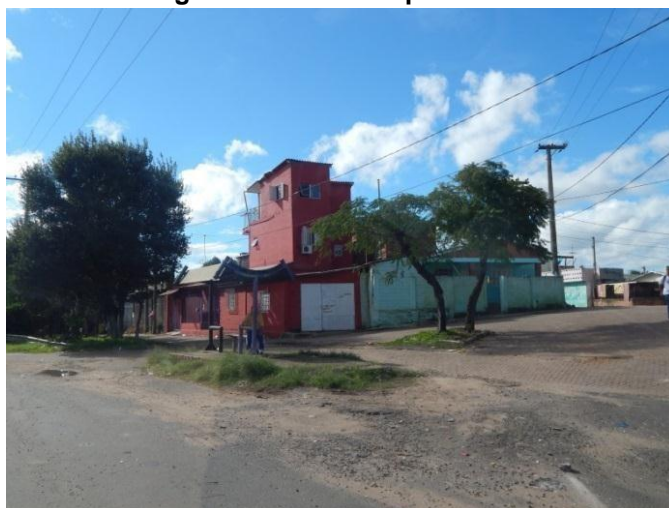
Dependendo da hora do dia ou da semana, a observação de um ambiente vai mostrar um determinado momento do cotidiano da vida das pessoas que aí moram, trabalham e se locomovem, conforme traz o resultado das entrevistas citadas. A oralidade vai desenhando o antes da comunidade e a imagem traz o progresso deste espaço que hoje tem novos moradores e espaços culturais diversos. Trazer a memória e a história deste lugar é presentificar os acontecimentos e as imagens, consoante Pesavento (2008, p. 189).

Pensar na memória e em história induz a referir-se ao sujeito que evoca e ao sujeito que escreve este agente do ato de presentificar uma ausência. Entram em cena os indivíduos, as subjetividades, as trajetórias pessoais, as histórias de vida. Este é, para todos os efeitos, um viés muito importante, resgatado pelos estudos da cultura. A memória tem seu locus original de realização no indivíduo que rememora, mas todo o trabalho de evocação se dá em acerto com uma memória social.

A autora enfatiza que a memória pressupõe registros e reúnem as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar e partilhar no momento das entrevistas. Ao compartilhar, cada pessoa encontra no outro, de forma geral, apoio, companhia, segurança e outros tipos de ajuda. Cada um de nós faz o mesmo em maior ou menor grau e, assim, vamos construindo relações, vínculos e, por consequência, as nossas redes pessoais, valorizando e preservando as histórias da comunidade da Vila Pedreira, contada pelos moradores. Com todos os relatos é possível remontar a comunidade através das falas e das imagens trazendo as informações de como tudo começou e de que forma se deu toda a composição da Vila Pedreira, antes um número pequeno de casas, e hoje uma comunidade com centenas de famílias.

Cabe ressaltar que a Vila Pedreira, após o seu nascimento, foi crescendo e atualmente abriga duas mil pessoas e 303 casas<sup>16</sup>, em um espaço de vielas estreitas, becos e ruas sem saída. No seu interior, mercados, igrejas, escola e posto de saúde. Lembrando que, para ingressarmos na comunidade, encontramos a entrada pela BR-116 (Figura 20), onde é possível ver o trânsito de carros e a passarela que se localiza no centro da cidade de Esteio. A entrada pela BR-116 possibilita que os moradores possam receber na porta de casa as compras feitas em mercados e lojas do centro, bem como acolher as visitas que chegam pelo trem ou carros próprios.

**Figura 20 – Entrada pela BR-116**



**Fonte: Registro da autora**

A passarela constitui-se como a ligação entre o centro da cidade e a comunidade (Figura 21). Apresenta-se como um elo entre os dois pontos, estruturando-se como

---

<sup>16</sup> Dados da Secretaria Municipal de Habitação (2015)

um projeto urbano para qualificar a passagem dos pedestres e sua proximidade com o centro da cidade de Esteio.

**Figura 21 – Passarela**



**Fonte: Registro da autora**

A passarela encontra-se, atualmente, reformada e dá oportunidade aos moradores de chegarem ao centro da cidade com rapidez, mas não se pode esquecer que a passarela também se transformou em uma barreira entre os indivíduos da Vila e os proprietários de lojas e demais moradores. Como já citado anteriormente, existe o lado de cá da passarela e o lado de lá, o centro. Os indivíduos se veem divididos e limitados e, quando atravessam a passarela e se movimentam para o centro da cidade, parecem transgredir e ultrapassar o limite imposto a eles.

A transgressão define-se aqui pela ultrapassagem do espaço e das barreiras estabelecidas por uma organização, não só do setor público, mas de um comportamento da população, pois a passarela se apresenta como uma fronteira, mas uma fronteira elástica, onde os moradores atravessam e retornam ao seu meio, ao “ninho” como diz a moradora Marlene Boaventura em sua entrevista. É este lugar, a Vila, que eles reconhecem como sendo seu. Transgredir é não apenas ultrapassar um limite, mas reconhecê-lo como tal. O fato de os moradores da Vila violarem uma barreira evidencia a sua presença e existência, mostrando aos demais que eles estão ali, vivos e desejam participar da cidade.

Assim, os indivíduos querem se sentir pertencentes do lugar onde moram. Eles demonstram isso nas falas, nas entrevistas e nas imagens, sendo a maioria população

antiga da Vila. Eles tomam este lugar como seu, reforçando o passado vivido e trazendo o presente e as mudanças. Pesavento (2002, p. 17) afirma que

[...] as imagens urbanas têm o seu lado simbólico consensual, imposto e/ou atribuído, mas, paralelamente às assimetrias sociais, a desigual apropriação do solo e os distintos posicionamentos políticos podem, por sua vez, colocar outras questões e levar a outros entendimentos.

A autora enfatiza que, além dos consensos, existem as assimetrias. Eis a necessidade de olhar atentamente para registrar, através de variados meios, os diversos olhares, as diversas representações que surgem dos habitantes da cidade. As narrativas da cidade se tornam a representação do real por meio das conversas e imagens que trazem imaginários sociais construídos sobre a cidade ao longo da história. Ela destaca que “o espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se assim, um dos suportes da memória social da cidade” (PESAVENTO, 2002, p. 16). A autora aborda, ainda, questões sobre o imaginário e, categoricamente, afirma que:

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogam de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

No centro desta concepção, e relacionando com a Vila Pedreira, vemos o imaginário social que significa um real construído de maneira deformada, representando o outro lado do real. Os indivíduos que moram do lado de cá, centro da cidade, constroem este imaginário, criam estereótipos, analisam sob suas perspectivas e perpetuam o preconceito, reconhecendo a passarela também como ponto de limite e fronteira para o seu imaginário.

Considerando que o espaço urbano é rico em representações, em imaginários, mas também representa um conjunto de símbolos e campo de lutas é importante ressaltar a cultura da Vila Pedreira que surge se entrelaçando na comunidade e fazendo brotar um local de muitas vivências que marcam os diversos personagens que compõem este mosaico. Cada um com sua particularidade, seu talento e sua forma de expressão. É a riqueza do indivíduo vindo ao encontro da pesquisa e do pesquisador. O que veremos na atualidade da Vila Pedreira é como se encontra a comunidade, bem como dados importantes para a estruturação de um perfil do espaço.



### 3.1 VILA PEDREIRA NA ATUALIDADE

A Vila Pedreira localiza-se na unidade territorial quatro de Esteio, possui área superficial de 52.193,60 m<sup>2</sup> e com confrontações ao norte, com propriedade da Companhia Portland Gaúcho, ao sul, com imóveis do Departamento Nacional de Empresas de Rodagem (DNER), onde se acha o trevo de acesso à cidade ao leste, com o corredor da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), e ao oeste, com faixa de domínio da BR-116. Vivem 500 famílias migrantes de diversas cidades do interior do Estado, em sua maioria são afrodescendentes com renda média salarial de um salário mínimo.

Hoje com aproximadamente dois mil habitantes: crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem, estudam e trabalham neste espaço e fora dele. Lugar bastante movimentado, onde a maioria se conhece e as famílias se relacionam. Quando lemos Perlman (1977), é possível enxergar, a partir do seu estudo, a imagem desta comunidade que vai se estruturando, se moldando a partir dos que habitam este espaço. Ademais,

como resulta de muitas decisões positivas baseadas em necessidades humanas, a favela apresenta muitas soluções felizes do ponto de vista do planejamento. Amigos e famílias vivem perto; as vias de acesso localizam-se onde são mais necessárias. O espaço público aumenta e diminui conforme o uso; e são obedecidos os acordos tácitos para não ocupar áreas. É motivo de certo orgulho, o fato de que a maioria das famílias construíram os próprios lares, assim como de as facilidades de uso comum resultarem do esforço coletivo. Apesar da precariedade da posse na favela, muitas famílias investiram em suas moradias, criando casas espaçosas, sólidas e com boas instalações, a partir do que no início não passava de um barraco (PERLMAN, 1977, p. 237).

Com a união dos moradores e o esforço coletivo na organização dos espaços e luta pelos direitos, a Vila foi se ampliando, as casas ganhando reformas, melhorando assim a qualidade de vida. Com o passar dos anos foi se estruturando. No passado, pequenas casas, poucas famílias, calçamento precário, iluminação pública não existia. Hoje, compactuando com Perlman (1977), podemos afirmar que a comunidade se tornou uma pequena cidade inserida em Esteio, organizada com moradias, na grande maioria de boas instalações. Podemos verificar na Vila a presença de posteamento com iluminação e distribuição de energia elétrica, rede de distribuição de água e rede de telefonia. A maioria das ruas possui calçamento, algumas com saibro e outras com blocos.

Em relação à estrutura viária, existe integração da área do loteamento com as ruas existentes, sendo o principal acesso ligado com as Ruas Pedreira, Edgar Piccione e Rua da Passarela. No final das ruas principais, existe uma ligação com a BR-116.

A Vila Pedreira apresenta uma mudança significativa e é composta de muitos moradores, cada um com sua trajetória de vida e seu modo de viver, marcando um lugar rico de histórias e cultura. Trazemos para compor o estudo um diagnóstico realizado pela Secretaria da Habitação<sup>17</sup> que apresenta inúmeras informações importantes para conhecermos um pouco mais sobre esta comunidade. Quanto à naturalidade dos moradores da Vila Pedreira, salientamos que 28% são naturais do Município; 72% são nascidos em outra região (Gráfico 2). Dessa forma, podemos comprovar que a Vila foi formada, desde o seu início, com imigrantes que vinham de outros municípios e Estados para tentar a vida. Assim, muitos permaneceram e acabaram compondo a Vila Pedreira.

**Gráfico 2 – Naturalidade dos moradores da Vila Pedreira**



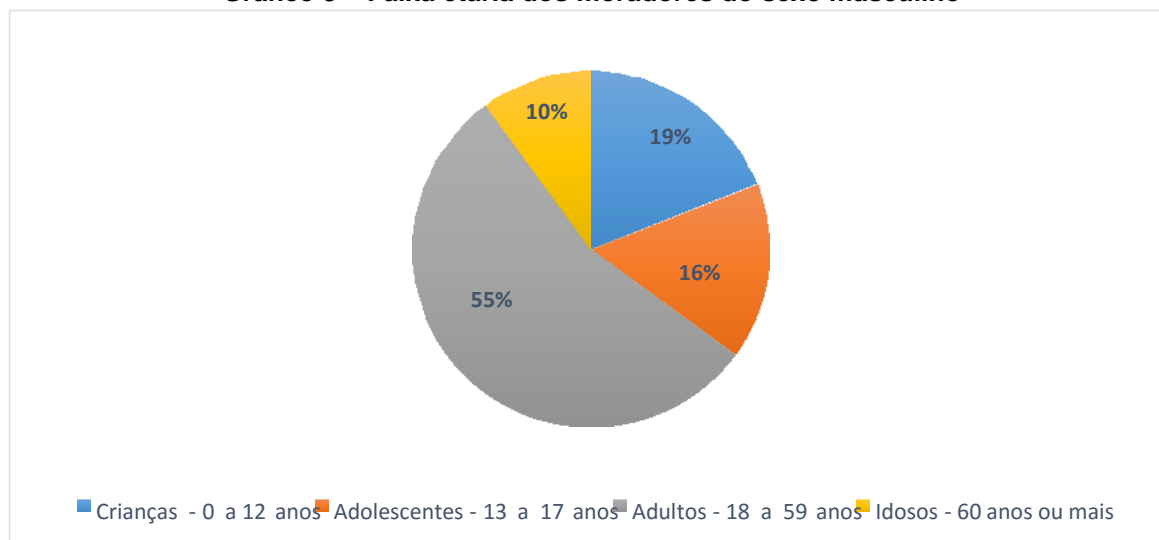
**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Ressaltamos que, neste percentual, a faixa etária dos homens moradores da comunidade (Gráfico 3) registra um grande número na fase adulta 55% (18 a 59 anos), além de crianças 19% (0 a 12 anos) e adolescentes 16% (13 a 17 anos). A idade de 60 anos ou mais se tem um percentual de 10%. Portanto, a comunidade abriga um

<sup>17</sup> Secretaria Municipal da Habitação de Esteio. Diagnóstico realizado em 2014.

menor número de pessoas idosas, sobressaindo-se os moradores na fase adulta. Muitos destes adultos são filhos, netos e bisnetos dos primeiros moradores da Vila Pedreira (SMHAB, 2014).

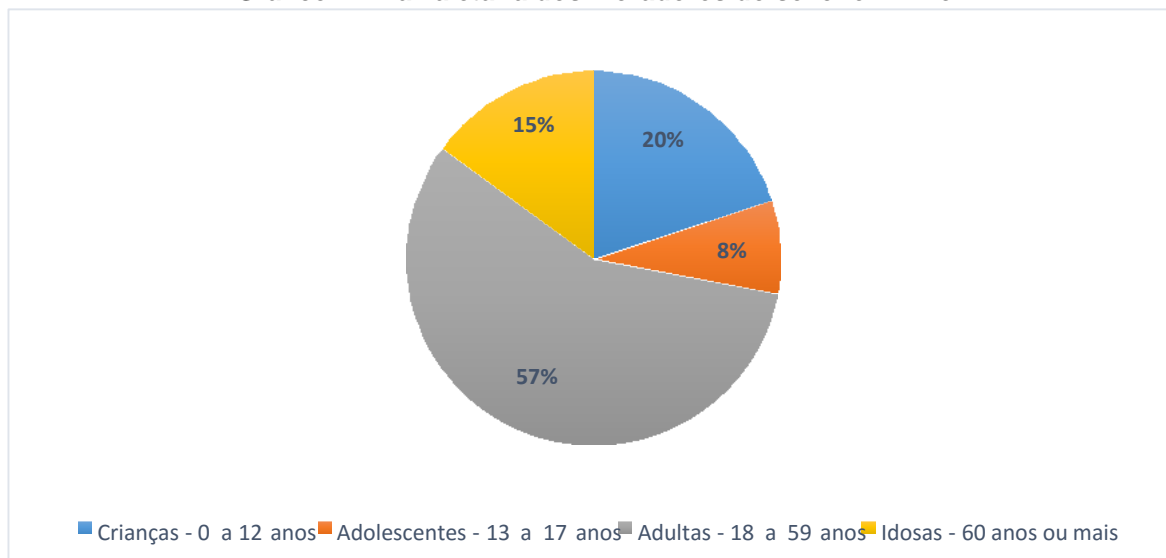
**Gráfico 3 – Faixa etária dos moradores do sexo masculino**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

As mulheres também se encontram em grande número na fase adulta (Gráfico 4): 57% têm de 18 a 59 anos. Crianças de zero a 12 anos somam 20%. Adolescentes de 13 a 17 anos representam 8%. Na idade de 60 anos ou mais se tem um percentual de 15%. Portanto, encontramos mais pessoas idosas do sexo feminino do que no masculino. Observamos que o percentual de adultos e crianças do gênero masculino e feminino se equiparam, mas encontramos 100% mais adolescentes do gênero masculino. Isto se comprova quando percorremos as ruas e becos da comunidade, visto que, em cada esquina, podemos avistar um grupo de meninos, conversando, chutando uma bola e também fazendo uso de drogas.

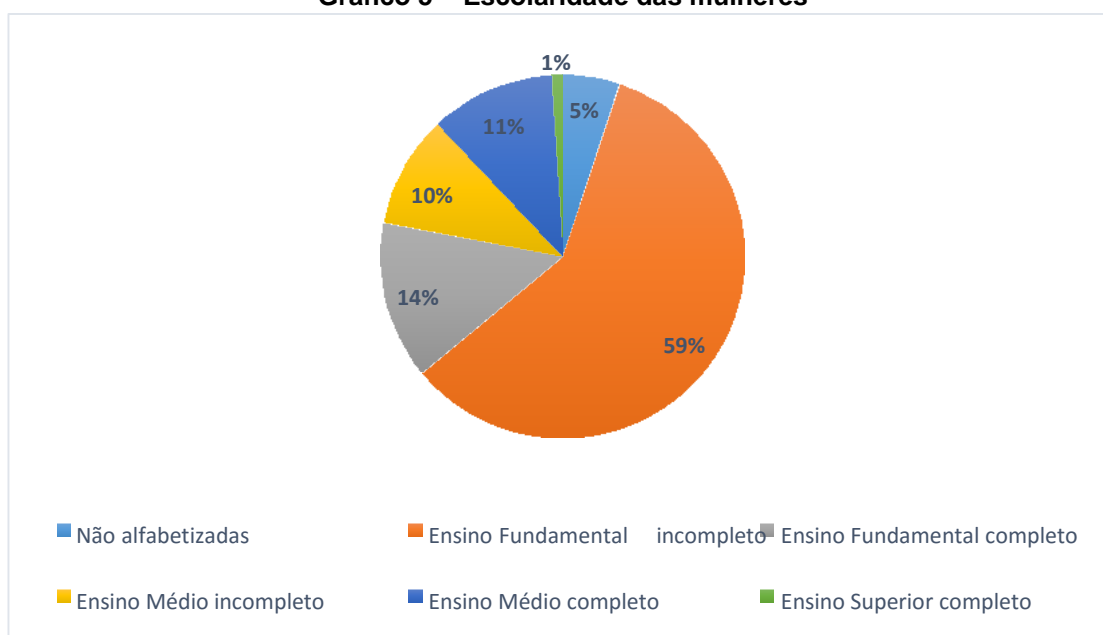
**Gráfico 4 – Faixa etária dos moradores do sexo feminino**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Quanto à escolaridade das mulheres (Gráfico 5), 5% nunca frequentou a escola; 59% não concluíram o Ensino Fundamental e 14% concluíram essa etapa. Em relação ao Ensino Médio, 10% não concluíram e 11% concluíram. Com relação ao Ensino Superior, 1% está cursando ou já concluiu.

**Gráfico 5 – Escolaridade das mulheres**



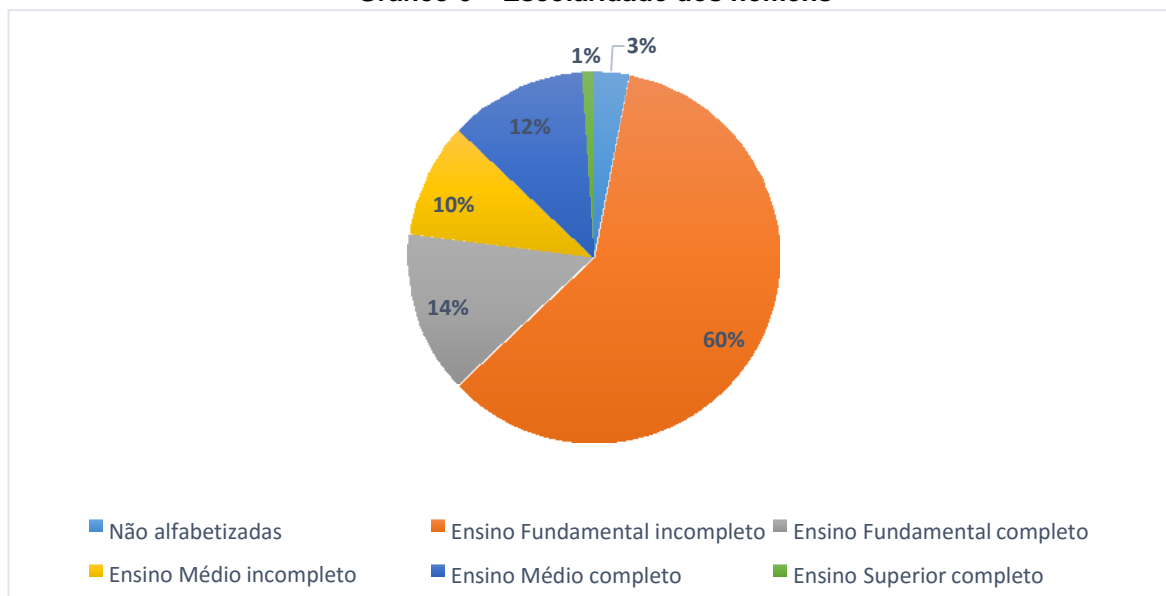
**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Vemos que a maioria da população não conseguiu concluir o ensino fundamental porque precisa trabalhar já na fase da adolescência e porque surgem fronteiras que impedem a continuidade dos desejos e vontades pessoais. É o que afirma Branco (2012, p. 131):

Nos diversos contextos socioculturais ao redor do mundo, existem fronteiras simbólicas que delimitam, de forma semipermeável, as diferenças entre os indivíduos e grupos sociais. Quando tais fronteiras se tornam rígidas, não permeáveis, e passam a caracterizar alguns grupos a partir da desqualificação constante e difusa em relação a outros grupos, percebemos o preconceito em ação.

A escolaridade masculina (Gráfico 6) não é muito diferente da feminina e surgem as fronteiras rígidas que dificultam a chegada até o Ensino Fundamental, dessa forma 3% dos homens nunca frequentaram a escola. 60% não concluíram o Ensino Fundamental e 14% concluíram. Em relação ao Ensino Médio, 10% não concluíram e 12% concluíram. Com relação ao Ensino Superior, 1% está cursando ou já concluiu.

**Gráfico 6 – Escolaridade dos homens**



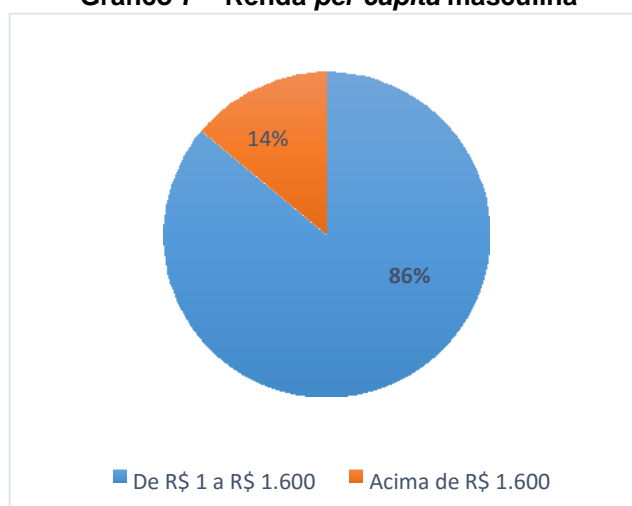
**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Ao fazermos um comparativo podemos comprovar que os índices relacionados à escolaridade do sexo masculino são maiores. Sendo assim, as mulheres

apresentam maiores obstáculos para concluir os estudos porque muitas se tornam mães muito cedo e precisam trabalhar, em primeiro lugar.

Já quanto à renda dos homens (Gráfico 7), temos que 14% possuem renda *per capita* mais de R\$ 1.600, e 86% possuem renda *per capita* de menos de R\$ 1.600.

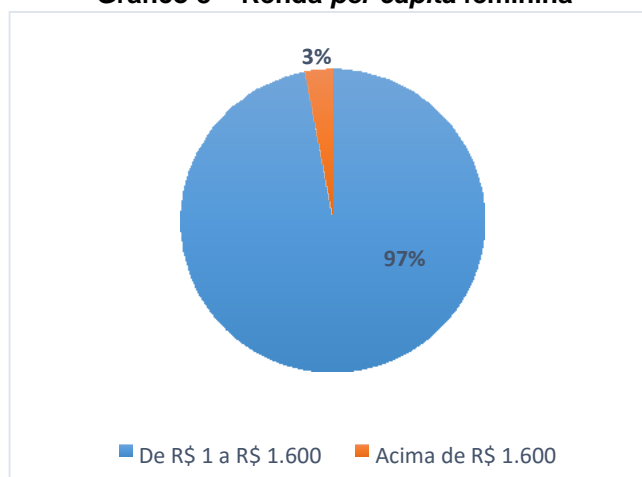
**Gráfico 7 – Renda *per capita* masculina**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Quanto à renda das mulheres (Gráfico 8), 3% possui renda *per capita* mais de R\$ 1.600 e 97% possuem renda *per capita* menor do que R\$ 1.600. O gráfico só comprova o que antes já havia sido detectado: as mulheres são em número menor na comunidade, apresentam maiores dificuldades para estudar e finalizar o Ensino Fundamental e Médio, conseqüentemente, o Ensino Superior também fica distante, resultando em uma renda bastante inferior.

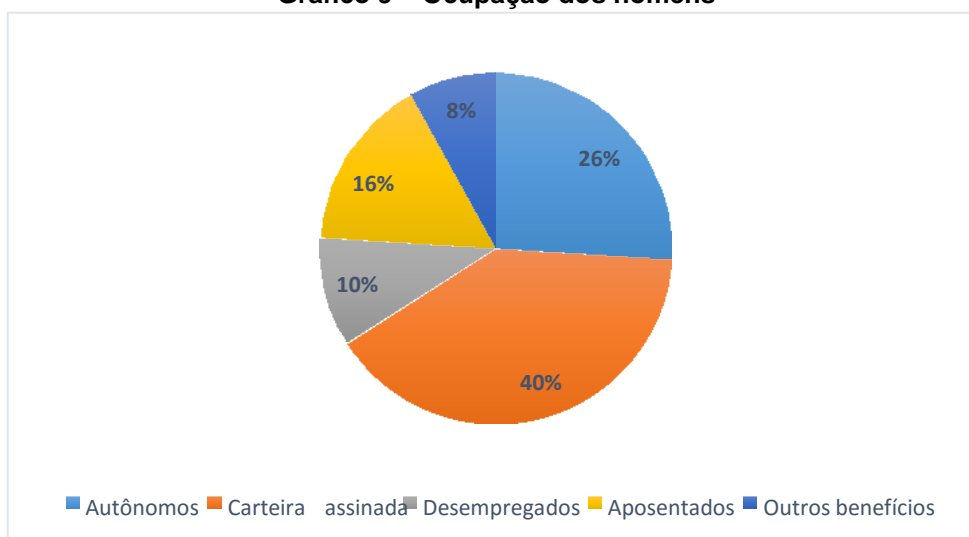
**Gráfico 8 – Renda *per capita* feminina**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

No que tange à ocupação dos moradores da Vila Pedreira do sexo masculino (Gráfico 9), encontramos 26% como trabalhadores autônomos, 40% como trabalhadores formais, 10% desempregados, 16% aposentados e 8% com outros benefícios.

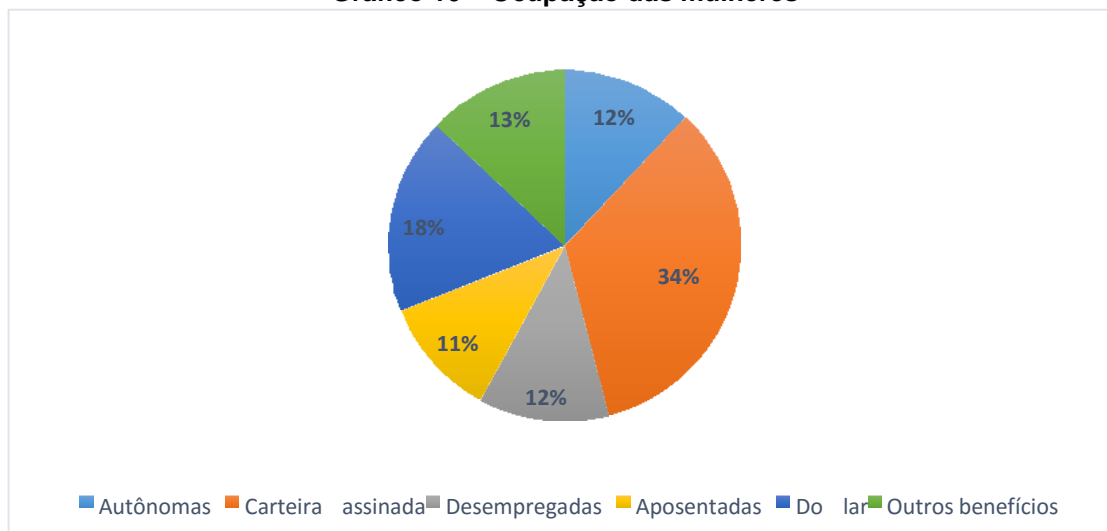
**Gráfico 9 – Ocupação dos homens**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Entre os moradores da comunidade do sexo feminino (Gráfico 10), encontramos 12% como trabalhadoras autônomas, 34% como trabalhadoras formais, 12% desempregadas, 11% aposentadas, 18% dedicando-se ao lar e 13% com outros benefícios.

**Gráfico 10 – Ocupação das mulheres**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

De acordo com os percentuais apresentados, deparamo-nos, mais uma vez, com a questão de que a mulher, cada vez mais, tem a sua atuação determinada pelo outro e não pelos próprios desejos e ideais, perpassando conflitos e desafios diários para alcançar o seu lugar no que diz respeito ao mundo do trabalho. Hirata<sup>18</sup> e Kergoat<sup>19</sup> (2007), no estudo sobre a divisão sexual do trabalho, diagnosticam o quão é histórica toda a problemática referente às mulheres e à ocupação que exercem.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (HIRATA; KERGOAT, 2007 p. 599).

Logo, quando concluímos que 18% das mulheres têm como atividade principal as tarefas de casa, não remuneradas, vemos que este percentual é maior do que o número de mulheres que são autônomas. Mais uma vez, temos o sexo feminino restrito às atividades reprodutivas e o homem com as atividades produtivas, visto que o percentual de homens autônomos é 26%, bem maior do que o percentual das mulheres (12%).

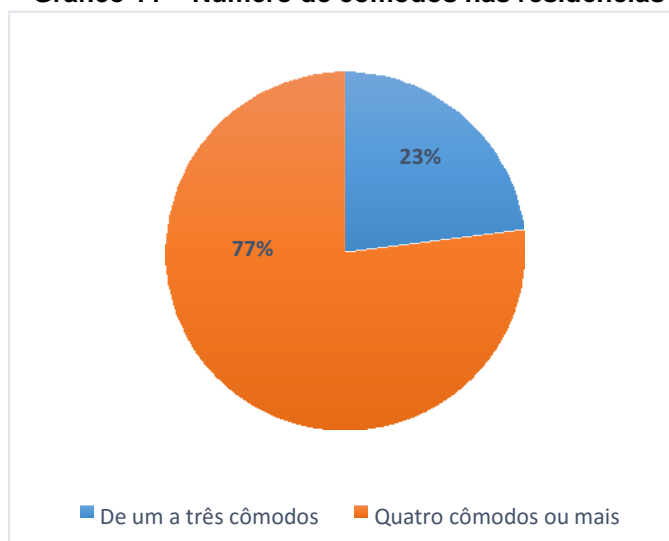
Também foi pesquisado o número de cômodos das casas da comunidade, já que, no início do estudo, citamos o progresso do espaço no que diz respeito à estrutura das moradias. Quanto ao número de cômodos das residências (Gráfico 11), encontramos 23% das residências com um, dois ou três cômodos e 77% com quatro ou mais cômodos.

---

<sup>18</sup> Helena Hirata, filósofa brasileira nascida no Japão. Especialista em sociologia do trabalho e do gênero.

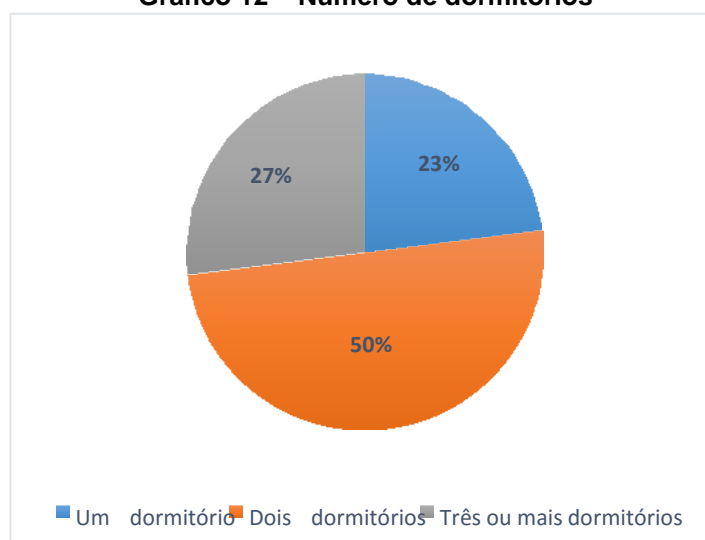
<sup>19</sup> Daniele Kergoat, socióloga francesa. Pesquisadora da divisão sexual do trabalho.



**Gráfico 11 – Número de cômodos nas residências**

Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)

Pensando em qualificar o estudo sobre as moradias da Vila Pedreira, foi aprofundada a pesquisa em relação ao número de dormitórios (Gráfico 12): 23% das residências possuem um cômodo para dormitório, 50% possuem dois cômodos para dormitórios e 27% possuem três ou mais cômodos para dormitórios.

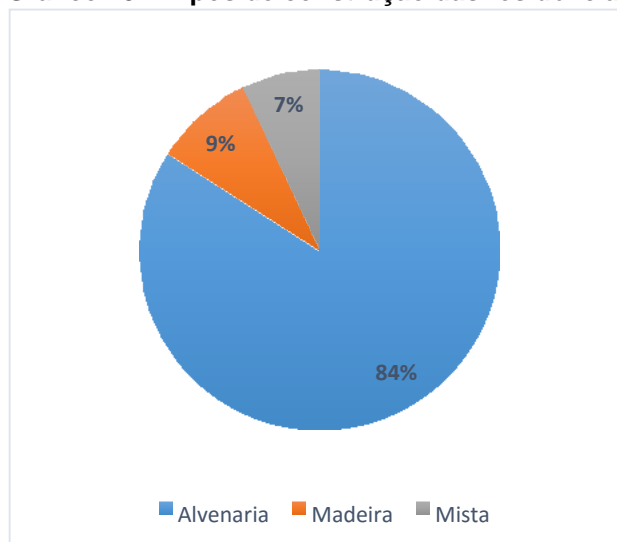
**Gráfico 12 – Número de dormitórios**

Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)

As casas foram construídas nos terrenos da Vila de formas diferentes (Gráfico13): 84% são de alvenaria, 9% são de madeira e 7% são mistas. Com isso, podemos

concluir que a qualidade das moradias apresentou um grande avanço. Antes casebres de madeira, hoje casas, na sua grande maioria, estruturadas.

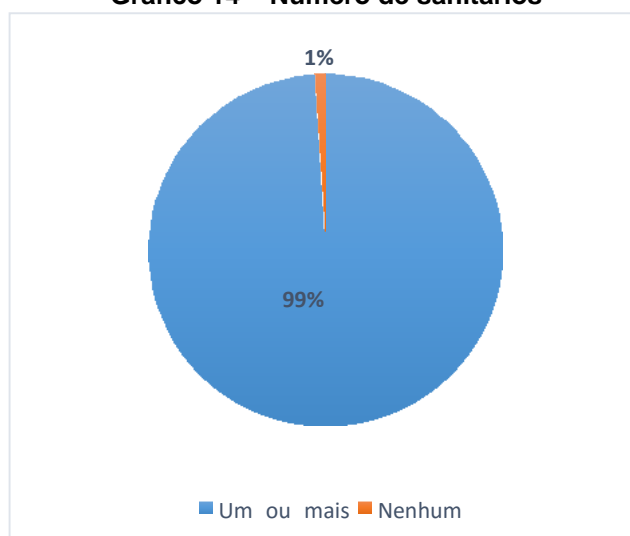
**Gráfico 13 – Tipos de construção das residências**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

Os sanitários também foram foco de pesquisa (Gráfico 14). Em sua maioria (99%), as residências possuem um ou mais banheiros. Apenas 1% das casas não possuem banheiro.

**Gráfico 14 – Número de sanitários**



**Fonte: Diagnóstico da Secretaria de Habitação – Prefeitura de Esteio (2014)**

O percentual de moradores sem banheiro em casa é bastante pequeno, mas é curioso comprovar que no ano de 2015, século XXI, ainda existam pessoas sem este direito: moradia digna. Mesmo assim, temos 84% das casas feitas em alvenaria, muitas com mais de um dormitório.

Com este perfil da Vila Pedreira, visualizamos quem vive neste espaço, como trabalha, como estuda e ganha a vida, como é a moradia, de que forma construíram. O estudo traz reflexões em relação às dificuldades das mulheres para conseguir estudar, trabalhar e se manter. Traçar um diagnóstico da comunidade é retratar cada canto, com seus pontos fortes e suas fragilidades, sendo a drogadição e o tráfico problemas que necessitam de um apoio efetivo de todos os segmentos, públicos e privados, para que possa ser amenizado.

No ano de 2014, através do Observatório da Segurança e Mobilidade, foi registrado que a localidade de maior incidência de tráfico de entorpecentes, em Esteio, foi a Vila Pedreira (30%), trazendo as seguintes ruas como pontos chave: Travessa E, Rua da Pedreira, Rua da Divisa e Rodovia BR-116. Além disso, a comunidade conta com o Centro de Educação Trindade que, pela necessidade da comunidade, a partir do ano de 2015, passa a atender em horário integral<sup>20</sup> 87 alunos distribuídos assim: 13 alunos no Pré I; 22 alunos no Pré II; 19 alunos no 1º Ano; 10 alunos no 2º Ano e 23 alunos no 3º ano. Há também uma Unidade Básica de Saúde<sup>21</sup>. Outro ponto a ressaltar são os atendimentos, conforme a faixa etária da população. O maior número de atendimentos se refere às mulheres em idade fértil e também grávidas, ficando em segundo lugar as crianças com mais de um ano e, em terceiro, os adultos.

Sendo assim, após conhecermos a cidade de Esteio desde o seu nascimento até emancipação, traçarmos um perfil da cidade hoje, e seus avanços. Partimos para conhecer a Vila Pedreira e sua história. Após o caminho percorrido, trazemos à tona a Vila Pedreira na atualidade para que seja observada a sua composição, seus moradores e seu jeito de viver. A seguir, veremos o Centro Municipal de Educação, seu histórico e inserção na Vila, bem como sua relação com as manifestações culturais.

---

<sup>20</sup> O Centro de Educação Trindade passa a atender turno integral, com um currículo totalmente reformulado.

<sup>21</sup> A Unidade Básica de Saúde instalada desde o ano de 1980 oferece médicos clínico geral e pediatras, bem como encaminhamento para especialista. A UBS apresenta um grande fluxo de atendimentos.

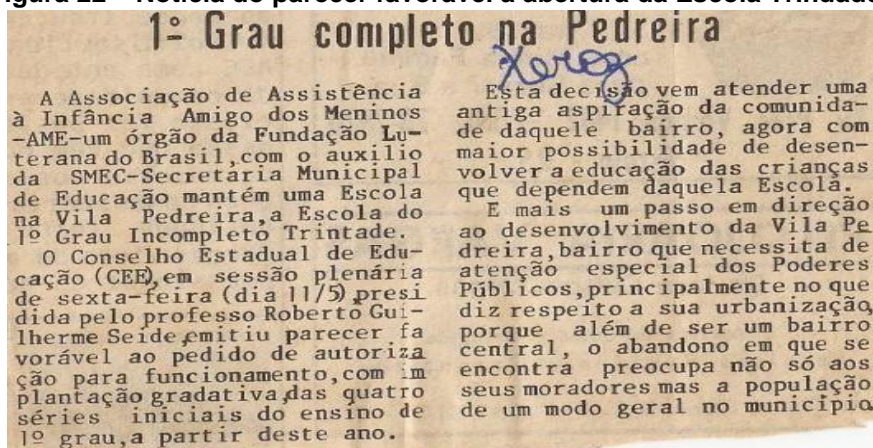
## 4. CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO TRINDADE

### 4.1 FUNDAÇÃO DA ESCOLA E HISTÓRICO

A Escola Trindade, antes de ser Centro de Educação e ser municipalizada, era um estabelecimento de ensino particular vinculada a AME<sup>22</sup> (Amigo dos Meninos), que é uma instituição que existe até hoje e acolhe crianças retiradas de suas famílias por problemas de violência e vulnerabilidade social. A criação da escola surge do desejo do pastor Bruno Rieth<sup>25</sup>, da Igreja Luterana do Brasil, de qualificar o espaço da Pedreira levando uma escola que ficasse próxima aos moradores. Em 1989, inicia o trabalho com uma turma de pré-escolar, recebendo o apoio da Associação de Moradores, Prefeitura e empresas.

Em 1990, entra com o pedido ao Conselho Estadual de Educação e recebe parecer favorável do presidente e professor Roberto Guilherme Seide para que fossem ampliadas as turmas da escola, iniciando com a 1ª série e implantação das demais séries gradativamente. (Figura 22)

Figura 22 – Notícia do parecer favorável à abertura da Escola Trindade



Fonte: Jornal Destaque (1990)

A partir desta autorização, iniciou-se um processo de captação de recursos para a ampliação do prédio. O pastor Bruno buscou, através da Igreja Luterana, uma ajuda financeira. Assim, foi atendido e o estabelecimento de ensino foi ampliado com recursos vindos da Alemanha, recursos estes que mantiveram a escola por muitos

<sup>22</sup> Amigo dos Meninos (AME): abrigo de crianças, situado na Rua Alegrete, desde o ano de 1972.

<sup>25</sup> Bruno Rieth, pastor da Igreja Luterana São João de Esteio.

anos. A Escola Trindade foi fundada em 1990, mas a inauguração foi em 1992 com um evento festivo que incluiu apresentações culturais, conforme o Jornal Destaque.

Nesta época, a Escola Trindade tinha como foco, além dos conteúdos programáticos, “pré-qualificar” as crianças para o trabalho, levando para o interior da escola cursos de panificação, confeitaria, horticultura, jardinagem e trabalhos com tecido. Segundo a imprensa local,

[...] o motivo é simples: além de receber educação formal - o que já significou um verdadeiro desafio - os meninos e meninas recebem uma pré-qualificação com cursos de panificação, confeitaria, horticultura e jardinagem e trabalhos com tecido. Os quase 20 alunos, com idade máxima de 12 anos, demonstram talento e interesse, porque querem uma profissão para poder trabalhar e obter bons rendimentos (JORNAL VALE DO SINOS, 23 de setembro de 1991, p. 13).

A coordenação da escola entendia, na época, que as crianças precisavam ter uma profissão e ganhar dinheiro para ajudar as famílias, já que a comunidade era bastante carente. Procuravam oferecer oficinas que pudessem prepará-los para o mundo do trabalho. A Escola tinha, no calendário escolar, o Musical de Natal, que preparava cantos e teatro para apresentar a toda a comunidade. Este dia era de festa para os alunos que se preparavam para mostrar o trabalho desenvolvido durante todo o ano. Dentre as várias atividades que eram oferecidas, a escola também assumiu compromisso com os adultos da comunidade e iniciou, no ano de 1993, o projeto de alfabetização para os adultos, sendo que foram beneficiados 41 moradores. No grupo inscrito para esta ação, havia também adolescentes de 14 anos que não tinham tido acesso à escola por precisarem trabalhar e suas famílias não valorizarem a educação formal. Portanto, as aulas aconteceram à noite para oportunizar a todos a alfabetização e não dificultar o trabalho de cada um.

No mês de agosto de 1999, a professora Eloni Santos ingressa na função de diretora da Escola Trindade, a convite do pastor Bruno. Eloni, que já era professora e secretária da escola desde o ano de 1991 e também professora do Estado e do município de Sapucaia do Sul, foi convidada para este desafio e solicitou que pudesse ficar cedida para o Trindade 40 horas semanalmente. A solicitação foi atendida e iniciou o trabalho. Eloni relata, na entrevista realizada em 1999, o impacto quando iniciou na comunidade.

Eu não vou dizer pra vocês que eu não me assustei nas primeiras semanas, fiquei pensando: o que eu fiz da minha vida, larguei tudo... me assustei assim do tipo das crianças sabe, da agressão, da rebeldia, mas aí passou, foi, acho que foi aquela semana assim, porque é um ambiente totalmente diferente do que eu tava né? Das drogas, dos roubos, assaltos, pra eles era comum assim, eu não tava acostumada com esse tipo de relacionamento. A gente tava em plena aula, um levantava dava soco no outro, uma coisa que não tinha numa escola que eu, todas que eu passei antes não acontecia (SANTOS, 1999, informação verbal).

Conforme Roy Wagner (1975), qualquer pessoa que se veja na circunstância de ter de conviver em um ambiente novo ou estranho deverá experimentar um pouco desse tipo de choque. No entanto, é concebível que a primeira reação seja de ansiedade e que esse choque cultural provoque arrependimentos. É necessário que se observe atentamente este “outro” para que possamos compreender esta cultura que é desconhecida e, ao mesmo tempo, nova e reinventemos uma nova cultura, como esclarece Wagner (1975, p. 51).

Uma vez que a nova situação tenha sido objetificada como “cultura”, é possível dizer que o pesquisador está “aprendendo” aquela cultura, assim como uma pessoa aprende a jogar cartas. Por outro lado, visto que a objetificação ocorre ao mesmo tempo que o aprendizado, poder-se-ia igualmente dizer que o pesquisador de campo está “inventando” a cultura.

Eloni, ao conviver e experienciar uma nova cultura em um novo espaço, passou a identificar novas potencialidades e possibilidades de mudança deste lugar, pensando e objetivando propostas para que fossem sanadas estas dificuldades. Cabe ressaltar que, no início, a escola contava apenas com as professoras. Não existia equipe diretiva composta de supervisora escolar e orientadora educacional. O trabalho era feito em conjunto, mas bastante difícil para atender uma comunidade com tantos problemas. A escola, nesta época, contava com turmas de pré-escolar a quarta série do Ensino Fundamental. Com entrada pelo pátio da escola, havia o posto de saúde que atendia a comunidade de duas a três vezes por semana. Uma médica homeopata, dentista e estagiários realizavam o atendimento. Também trabalhava no local a atendente Marcia Rieth, filha do pastor Bruno. Além deste atendimento, a Escola sempre procurou trazer até aos alunos uma prática cultural, nas festas e datas comemorativas.

Com o passar dos anos, o recurso vindo da Alemanha não foi mais repassado à Escola Trindade e iniciaram as dificuldades para manter a instituição. A Municipalização foi a saída para dar continuidade ao trabalho. O Município de Esteio

resolve trazer para a lista de escolas municipais a Escola Trindade e por meio da Lei Municipal nº 3.383 transformou-a em Escola Municipal de Ensino Fundamental Trindade. A Escola Trindade passou a fazer parte da lista das escolas municipais e isso acarretaria seguir as diretrizes da educação, conforme a Secretaria de Educação da época. Ao Conselho Municipal de Educação caberia a determinação do custo do aluno nas escolas do município e a fixação da cota municipal de contribuição possível para fazer em face desse custo. A complementação desses recursos seria feita pela transferência ao município de uma cota estadual e de uma cota federal. A assessoria pedagógica estaria acompanhando o planejamento dos professores e uma equipe diretiva seria composta com orientador educacional e supervisor escolar.

No ano de 2000, ingressa como diretora a professora Isoldi Hiller – convidada pela Secretaria de Educação de Esteio. Professora atuante em Esteio, foi um ponto chave para as mudanças deste espaço. O atual diretor, Marcelo Ohlweiler, destaca que a professora Isoldi “desbravou isso aqui. Ela deu um sentido pedagógico. Deu essa cara municipal, mesmo. Tudo que tinha nas outras escolas a Escola Trindade passou a desenvolver” (OHLWEILER, 2015, informação verbal). Dessa forma, o espaço de educação passa por uma mudança marcante porque, de escola particular, agora é municipalizado, recebendo toda a atenção para que pudesse acolher ainda melhor os alunos da comunidade com um ensino de qualidade. A Escola Trindade, conhecida por muitos habitantes da Vila Pedreira como “coleginho”, atendia crianças de jardim à 5ª série do Ensino Fundamental, funcionando no turno da manhã com Jardim, 4ª e 5ª séries, e, no turno da tarde, Jardim, 1ª, 2ª e 3ª séries.

O diretor Marcelo relembra como foi difícil o início do trabalho, como orientador educacional, quando compôs a equipe diretiva da escola, no ano de 2000.

Havia muita agressividade por parte de todos e isso impossibilitava o trabalho.

Existia muita agressividade por parte das famílias, das mães, agressão mesmo, quando vinham falar com a gente era sempre armadas, de confronto, não vinha conversar, dialogar, não vinham expor suas ideias, elas vinham brigar pelo que acreditavam ser o certo (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Uma vez que a antiga direção realizada pela AME, Amigo dos Meninos, era de regras excessivas e punições, a comunidade estava seguidamente tentando reverter este comportamento para que as crianças tivessem uma maior liberdade e prazer em estar na escola. Dentre as regras, estava a proibição do uso de boné e o atraso de

cinco minutos acarretava na volta para casa e a não entrada na escola, provocando o descontentamento de muitas famílias.

Assim, quando a diretora Isoldi ingressou, iniciou uma desconstrução destas regras e a construção de novos critérios, sendo o maior deles a permanência da criança no espaço escolar. Todas as combinações faziam com que os educandos estivessem no interior da escola e não fora dela, mostrando a importância de se chegar cedo, não perder a aula e não perder o momento de aprendizagem. Outro passo bastante significativo foi a proposta de inclusão que a equipe estruturou, no que diz respeito aos usuários de drogas que, diariamente, pulavam os muros da escola para estarem próximos do ambiente escolar e isso era bastante simbólico. O ambiente escolar era um lugar de desejo, queriam estar incluídos. Neste sentido, o espaço escolar pode ser pensado a partir de Freire (1996), quando afirma que o educar é “[...] próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico” (FREIRE, 1996, p. 17).

Freire (1996) faz a reflexão sobre toda a forma de rejeição que é praticada com um indivíduo e como tudo isso traz o pensamento da não democracia. Não abrir espaço ao outro e não o respeitar é um ato de discriminação. Contudo, a escola buscou novos caminhos e propostas. No momento em que o jovem pulava o muro e invadia o espaço, propunha-se um retrocesso ao caminho percorrido. Ele era convidado a sair e ingressar novamente, agora pelo portão principal, não necessitando transgredir. Este novo olhar ao outro trouxe uma aproximação com os jovens que ficavam em frente ao portão, fazendo uso de drogas<sup>23</sup> e afrontando a equipe e demais alunos. Novos paradigmas, novo momento e mudança de comportamento a partir de uma reação e isso se dá pelo respeito, como diz Marcelo, atual diretor do Trindade. “É o respeito às diferenças, não é trazer como modelo de vida. Mas é uma questão de respeito à caminhada de cada um e aos poucos ir transformando essa vida e mudando esta relação com a vila, com a própria vila e a vila com a escola” (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

O trabalho foi sendo desenvolvido, embasado no diálogo e respeito, lembrando que nem tudo foi realizado com êxito, pois algumas coisas são processos históricos, que são difíceis de combater, como a drogadição e a violência, mas muitas mudaram

---

<sup>23</sup> A substância usada era maconha. Atualmente o crack é a substância mais usada.



e entre elas a relação da comunidade com a escola, fazendo com que fortalecesse o empenho em ver o “coleginho” na vitrine do município, com grandes projetos culturais. Hip Hop, ensaios do carnaval, musicais de Natal, projetos de autor presente e danças, foram tomando conta do espaço do Trindade, trazendo alegria e dinamismo para as aulas porque eram atividades escolhidas pelas crianças, portanto, eram realizadas com prazer.

No dia 1º de abril de 2010 a Escola passa por mais uma mudança de nomenclatura. O Conselho de Educação orienta a nova denominação para contemplar a Educação Infantil (pré-escola) e a Educação Integral (Programa Mais Educação). Com a aprovação da Lei, a Escola Trindade passou a chamar-se Centro de Educação Trindade, um espaço constituído de turmas compostas de alunos com idade de quatro a 12 anos, aproximadamente, e oficinas de cultura e esporte.

A seguir, veremos como o Centro de Educação Trindade encontra-se atualmente, além dos projetos e atividades culturais que acontecem no interior do espaço.

#### 4.2 DADOS ATUAIS DO CENTRO MUNICIPAL TRINDADE

O Centro de Educação Trindade, atualmente com uma equipe diretiva composta pelo diretor Marcelo Ohweiler, vice-diretora Cleunice Inês Maudamel Welder de Oliveira, supervisora Dilara Maria Acosta e orientadora educacional Daniela Capone Araújo, está situado na Rua José Pedro Silveira, sem número. Hoje, o Centro de Educação Trindade conta com as turmas de Pré I, Pré II, 1º Ano, 2º Ano e 3º Ano, totalizando cem alunos. Ressaltamos que, na turma de Pré I, todas as crianças estão com quatro anos completos; na turma do Pré II, estão com cinco anos. Assim, 100% dos alunos estão dentro da idade regular. Na turma do 1º Ano, 23 alunos com seis anos e apenas um aluno com sete anos de idade. No 2º Ano, todos os alunos apresentam a mesma idade, sete anos completos. Já no 3º ano ocorre uma distorção idade-série. Há 24 alunos com oito anos, um com nove, um com dez e um com mais de dez anos, apresentando um porcentual de 7,4% de taxa de distorção.

O Centro de Educação Trindade prioriza atividades diversificadas, que propiciem a interação, a expressão oral e corporal dos educandos. Portanto, é desenvolvido no interior do Centro de Educação o *Programa Mais Educação* e o *Projeto Construindo um novo caminho*, que oferecem atividades diferenciadas para

as crianças das turmas regulares e também para alunos que estudam em outros estabelecimentos de ensino, mas são moradores da comunidade.

O *Programa Mais Educação*<sup>24</sup> foi implementado em 11 dos 18 Centros Municipais de Educação Básica (CMEB), em setembro de 2009. No segundo semestre de 2010, os demais CMEB integraram o Programa. O Programa tem como objetivo prioritário fomentar a educação integral<sup>25</sup> nas escolas através do apoio a atividades socioeducativas, ampliando a jornada escolar. Os critérios utilizados desde 2008 para o ingresso dos municípios ao Programa: 1) ter assinado o Compromisso Todos pela Educação; 2) todas as capitais dos Estados brasileiros; 3) cidades das regiões metropolitanas com mais de 200 mil habitantes; 4) ter escolas municipais ou estaduais com Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) abaixo de 2.0.

Concebido como um projeto curricular que deve dialogar com a comunidade na qual está inserida a escola – as de menor Ideb<sup>26</sup>, situadas majoritariamente em regiões periféricas de grande vulnerabilidade social, inclusive utilizando espaços diversos desse território, igrejas, associações comunitárias, praças, etc. Ao mesmo tempo, pretendendo, com essa ação, contribuir para melhorar o desempenho escolar dos estudantes.

Dessa maneira, a proposta do *Programa Mais Educação* prevê uma expansão do currículo e das aprendizagens escolares. Além das disciplinas tradicionais, propõe que outros saberes possam adentrar a escola e tornar-se parte do cotidiano dos estudantes. Entende que a entrada de expressões artísticas, esportivas, saberes comunitários, no currículo escolar, permite novas descobertas<sup>27</sup> para os estudantes. Por esse motivo, o *Programa Mais Educação* objetiva promover a circulação de saberes e bens culturais, apontando maior integração entre a escola e a sua comunidade, na perspectiva de recuperar e construir o diálogo entre temas transversais, disciplinas, saberes e práticas cotidianas e escolares.

Objetivamente, a proposta deste programa é ampliar o tempo e o espaço de ensino e induzir mudanças no currículo escolar. Propõe que os estudantes passem pelo menos mais três horas diárias com atividades educativas diferenciadas das

---

<sup>24</sup> *Programa Mais Educação* é oferecido pelo governo Federal e foi lançado em 2008.

<sup>25</sup> Educação integral oferece atividades aos educandos nos dois turnos.

<sup>26</sup> Ideb: índice indicado pelo MEC envolvendo rendimento das escolas públicas.

<sup>27</sup> A horta suspensa é um dos saberes da comunidade que foi repassado aos alunos e apresentado na Feira de Ideias do Centro de Educação.

atividades escolares regulares. O tempo a mais que os estudantes ficam na escola deve ser organizado através de oficinas.

Foram propostos dez macro campos a partir das áreas onde se situam os programas de governo: acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos e educação, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, educomunicação, investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Nesses macros campos são ofertadas as oficinas.

As oficinas são ministradas por monitores, que podem ser pessoas da comunidade, estudantes, artistas, profissionais, familiares, aposentados, voluntários, entre outros. Estes recebem uma ajuda de custo financiada pelo MEC e assinam termo de trabalho voluntário. A organização e a distribuição das oficinas e dos alunos nas turmas ficam a critério de cada escola ou de cada rede, conforme orientação local. Para o desenvolvimento das atividades, o governo federal repassa recursos para ressarcimento de monitores, aquisição dos *kits* de materiais, contratação de pequenos serviços e obtenção de materiais de consumo e permanentes. Conforme as oficinas escolhidas, as escolas recebem conjuntos de materiais, como instrumentos para percussão, banda fanfarra, Hip Hop e rádio escolar. Os recursos são repassados através do *Programa Dinheiro Direto na Escola* (PDDE) e pelo *Programa Nacional de Alimentação Escolar* (PNAE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As atividades podem ou não acontecer no espaço físico da escola. Podem ser utilizados espaços ao redor da escola (igrejas, associações, praças, espaços culturais, etc.), assim como saídas de campo para que os alunos tenham contato com os diversos equipamentos culturais do seu município ou de outras localidades. O uso de espaços públicos e privados, com o estabelecimento de contatos e novas parcerias com instituições e pessoas é para que, dessa maneira, seja estimulada a articulação entre escola e comunidade, em que vários atores se responsabilizem pelo processo educacional.

É importante salientar que o Centro de Educação Trindade, no momento da adesão ao Programa, precisou rever seu planejamento pedagógico, bem como espaço físico para se adequar às atividades, levando em conta a reflexão da professora Jaqueline Moll<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Jaqueline Moll, professora coordenadora do Mais Educação, Governo Federal.

Nenhuma escola construída como “escola de turno”, com espaços delimitados para determinado número de estudantes para a manhã, para a tarde, e às vezes para os três turnos diários, “transforma-se”, de um dia para o outro, em escola de jornada ampliada, em escola que inclui várias refeições diárias, em escola que acompanha, qualifica e diversifica a experiência formativa de seus estudantes. O Programa Mais Educação colabora no processo de construção de uma agenda escolar cotidiana para a efetiva consolidação da educação integral em tempo integral (MOLL, 2011, p. 138).

Dessa forma, o *Programa Mais Educação* provoca a escola a ampliar sua territorialidade, na perspectiva de que possa construir parcerias comunitárias e locais que apoiem o seu trabalho, utilizar outros espaços fora dos muros escolares para a realização de atividades e também garantir o acesso a equipamentos culturais por parte de seus estudantes.

O *Mais Educação*, implantado no Centro de Educação Pedreira no ano de 2009, iniciou com dez oficinas, depois, em 2010, passou a executar seis oficinas e atualmente encontra-se com três: dança, esporte e letramento. As escolhas foram feitas pela equipe do Centro de Educação e, por terem turno integral e outros projetos acontecendo simultaneamente, diminuíram as oficinas. A oficina de dança é uma atividade bastante marcante na escola, pois existe uma participação muito grande dos educandos, como informa a vice-diretora. “O interessante é que ela trabalha todos os tipos de dança, não fica só, não se atém a um tipo de dança, desde o afro, as nossas gaúchas. A gente se apresenta, fazemos roupas, essa parte é muito legal” (OLIVEIRA, 2015, informação verbal). O crescimento de cada aluno é notado nos momentos de apresentação, tanto na escola como quando são convidados a se apresentar em outros espaços. É possível ver a mudança de comportamento no que diz respeito às relações entre o grupo de educandos e os educadores.

Outro projeto que está presente no centro de educação é o *Construindo um novo caminho* com apoio do Instituto Votorantim<sup>29</sup>, que tem como objetivo fortalecer e articular o Sistema de Garantia de Direitos e políticas de atenção à criança e ao adolescente para superar as violações de direitos. Através de um diagnóstico inicial sobre essa faixa etária, foram indicadas situações de vulnerabilidade no município. Esse levantamento, realizado em 2009, apontou a evasão escolar, o conflito com a lei, a dependência química e os maus tratos como as principais violações sofridas pelas crianças e adolescentes em Esteio.

---

<sup>29</sup> O Instituto Votorantim foi criado em 2002 para direcionar o investimento em responsabilidade social das empresas do Grupo Votorantim.

Em cima destes temas foram desenvolvidas capacitações para agentes públicos e da rede de atendimento de assistência social, articulação de políticas públicas para menores e suas famílias e trabalho em oficinas socioeducativas. O projeto prevê atividades culturais e oficinas de esportes. O projeto é desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Esteio, através da Secretaria Municipal de Cidadania e Desenvolvimento Social (SMCDS), com acompanhamento do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Comdica) e patrocínio do Programa Via, do Instituto Votorantim. Devido à aproximação da Votorantim com a Vila Pedreira, este projeto também tem o objetivo de estreitar os laços da empresa com o poder público, a fim de aplicar o programa diretamente aos moradores da Vila e obter êxito com uma grande rede de entidades para que conversem e articulem as ações destinadas à comunidade Pedreira.

O Projeto capacita os educadores do Centro de Educação Trindade através da Amencar<sup>30</sup>, que é a entidade responsável por essas oficinas. Os encontros de formação servem para fortalecer os grupos na escola, de maneira a encontrar respostas possíveis para fazer a acolhida do demandante, criança ou adolescente e fazer o encaminhamento adequado em rede. Assim, encontra possibilidades mais eficientes de cuidar, tanto do demandante como da demanda, criando um sentimento de segurança para os envolvidos.

Outro foco do Projeto é oferecer atividades de arte, cultura e esporte para os habitantes de seis a 21 anos de idade, no interior do Centro de Educação Trindade, com oficinas nas turmas regulares: violino, educação ambiental, jiu-jitsu, capoeira e contação de histórias e fora do horário regular de aulas, para alunos com idade superior a dez anos, com esporte, Hip Hop, boxe, cinema e informática para capacitar os jovens que buscam uma oportunidade no mercado de trabalho. A escolha das oficinas foi feita de acordo com os desejos dos alunos e reconhecendo a realidade social da comunidade. Pensou-se qual atividade cultural e esportiva poderia agradar e ser desenvolvida com prazer.

A contação de histórias é oferecida a crianças de zero a três anos de idade, acompanhadas das mães porque tem como foco despertar na criança a curiosidade e trazer para o ambiente de casa a tradição da história oral. Já a educação ambiental atende crianças de quatro a nove anos e pretende disseminar o conhecimento sobre

---

<sup>30</sup> Amencar: Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente, fundada em 1972. Trabalha com diagnóstico de realidade local e apoio.

o ambiente, a fim de ajudar na preservação e utilização sustentável, estimulando também a conscientização ecológica, já que a comunidade apresenta muitos problemas com o lixo que é depositado às margens da BR-116. (Figura 23)

**Figura 23 – Aula de educação ambiental (3º ano)**



**Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Esteio (2015)**

O esporte como jiu-jitsu, futebol e boxe, contempla crianças e adolescentes de dez a 17 anos e procura ofertar atividades de caráter recreativo que favoreçam o desenvolvimento físico e motor, mas também que desenvolvam a capacidade de cooperação e cidadania. Os educandos recebem gratuitamente o quimono (Figura 24) para realizar a atividade esportiva.

**Figura 24 – Entrega dos quimonos**



**Fonte: Acervo do Projeto Construindo um novo caminho (2015)**

O Hip Hop é uma oficina de muita aceitação na comunidade e quer despertar a compreensão da diversidade sociocultural, a valorização e os princípios da cidadania. Esta atividade trabalha com os quatro elementos do Hip Hop: grafiteagem, dança, rap e DJ. A grafiteagem foi desenvolvida na quadra do Centro de Educação, que passou por uma revitalização. A prática da oficina contemplou o embelezamento do espaço (Figura 25). Logo depois, a composição de músicas criadas com o grupo de alunos em pequenos cadernos que foram ofertados no decorrer do trabalho. Depois o terceiro elemento, a dança, e, por, último DJ.

**Figura 25 – Oficina de Hip Hop - Grafite**



**Fonte: Acervo do Projeto Construindo um novo caminho (2015)**

Cabe ressaltar que a quadra esportiva estava fechada para o uso da comunidade porque a Associação de Moradores avaliou que o espaço não estava sendo preservado como deveria e precisava de uma reforma. Assim, o *Projeto Construindo um novo caminho*, na sua planilha orçamentária, destinou um recurso para a revitalização deste espaço tão importante para os habitantes da Vila Pedreira. A capoeira, mais uma oficina desenvolvida na quadra, tem como foco, além de trabalhar a identidade, a arte e a defesa pessoal, oferecer lazer, educação e o trabalho de folclore.

O cinema, oficina oferecida aos jovens, proporciona uma reflexão sobre a linguagem audiovisual, fortalecendo o protagonismo juvenil e o conhecimento da sua própria comunidade. A música é oferecida através da oficina de violino (Figura 26),

instrumento de pequeno porte, mas com um som bastante agradável aos ouvidos e que provoca uma grande curiosidade entre as crianças.

**Figura 26 – Aula de violino (2º ano)**



**Fonte: Acervo do Projeto Construindo um novo caminho (2015)**

Com o propósito de uma transformação social, a cultura contribuiu para a construção de um novo espaço de educação, atraindo alunos e suas famílias para a participação. A nova abordagem de temas, através das atividades culturais, criou possibilidades de debates e conversas e as práticas inovadoras facilitaram o diálogo entre alunos e professores, professores e equipe, escola e comunidade. Portanto, a cultura diversa atrai pessoas, dialoga com o cotidiano e com interesses de todas as pessoas inseridas, seja na dança, no rap, no funk, na capoeira ou em qualquer outra forma de expressão cultural.

Dessa forma, vemos que o currículo, assim como o planejamento, é de suma importância para a efetivação de um trabalho diversificado e próximo da comunidade. Goodson<sup>31</sup> (2003) refere-se ao currículo e cita a sua importância.

---

<sup>31</sup> Ivor Goodson, pesquisador e professor na Universidade de Brighton. Autor de muitos livros, sobretudo no campo do currículo e reformas educativas.



O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convive lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos nobres e menos formais, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero (GOODSON, 2003, p. 8).

Essa diversidade contemplada no currículo e aproveitada no Centro de Educação Trindade incluiu e ampliou a participação e as possibilidades de mudança. Ao mesmo tempo em que trouxe a cultura como um espaço de criatividade, gerou uma forma diferente de enxergar o espaço de educação, tornando o ambiente mais atrativo. Sendo assim, na sequência encontraremos fundamentalmente a reflexão do espaço do Centro de Educação Trindade como um lugar irradiador e fomentador de cultura, enfatizando o carnaval e o Hip Hop, manifestações marcantes dentro da comunidade.

#### 4.3 CENTRO DE EDUCAÇÃO TRINDADE: ESPAÇO IRRADIADOR DE CULTURA

Analisar a escola e, neste momento o Centro de Educação Trindade, como espaço sociocultural, significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais detalhado, que leva em conta o dinamismo do fazer cotidiano, levado e feito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, deste espaço –sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história da comunidade da Vila Pedreira. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, desvelar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

A discussão das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja envolvida na cultura da humanidade e, particularmente, no momento histórico em que se situa. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA, 2003).

A partir da perspectiva da associação entre escola<sup>32</sup> e cultura, vemos suas relações intimamente ligadas ao universo educacional. Cabe questionar por que hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas. Como diz Gimeno Sacristán (2001), a educação está para trazer uma qualidade de vida e devemos ter fé em relação a ela.

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a ideia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores. A fé na educação nutre-se da crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, o decréscimo da agressividade, o desenvolvimento econômico, ou o domínio da fatalidade e da natureza hostil pelo progresso das ciências e da tecnologia propagadas e incrementadas pela educação (SACRISTÁN, 2001, p. 21).

Quando vemos o Centro de Educação Trindade – desde o ano de 2010 com o *Programa Mais Educação*, nos anos que se seguiram as oficinas do *Programa Integrado de Inclusão Social* e, em 2015, o *Projeto Construindo um novo caminho* –, temos a certeza de que este espaço está intimamente ligado com a cultura popular, oferecendo aos educandos uma educação sociocultural, já que não conseguimos vislumbrar a educação separada da cultura. Assenta-se sobre a ideia da igualdade e do direito de todos e todas à educação e à escola, proporcionando através das oficinas socioeducativas e culturais, possibilidades de participação para que tenham voz e vez trocando com seus pares, a experiência e trazendo para dentro dos muros da escola. Sacristán (2001), mais uma vez, subsidia a reflexão:

Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade de que o projeto ilustrado pudesse triunfar devido ao desenvolvimento da inteligência, ao exercício da racionalidade, à utilização do conhecimento científico e à geração de uma nova ordem social mais racional (SACRISTÁN, 2001, p. 21).

O que não pode ser esquecido é que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola.

---

<sup>32</sup> A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade.

Desta forma, o espaço de educação necessita apreender os educandos como sujeitos socioculturais. Não podemos ter uma visão homogeneizante e estereotipada do aluno, temos que dar outro significado a ele. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma história, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios.

O que cada um deles é, ao chegar à escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais. Assim, para compreendê-lo, temos de levar em conta a dimensão da "experiência vivida". Como lembra Thompson (1981), é a experiência vivida que permite apreender a história como fruto da ação dos sujeitos. Podemos relacionar o estudo do autor com a reflexão do Timão em relação a sua música e o que ela traz.

Na música tu tem que falar o que tu vive, tu tem que mencionar na tua letra, tu não pode se vangloriar, ou cantar de pegar mulher, falar coisas que tu não faz [...] ali tudo acontece precocemente, as festas vêm mais cedo, a droga vem mais cedo, as mulheres vêm mais cedo [...] (TIMÃO, 2014, informação verbal).

É a partir das manifestações culturais, através da música, que o rapper conta as suas vivências, traz à tona a sua realidade de vida e também dos habitantes da comunidade. Eles experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades, interesses e antagonismos e elaboram essa experiência em sua consciência e cultura, agindo conforme a situação determinada. Assim, o cotidiano se torna espaço e tempo significativos porque expressa sentimentos, frustrações e sonhos em todas as ações culturais.

A escola, nesse contexto, mais que a transmissora da cultura, da “verdadeira cultura”, passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas. Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de “cruzamento de culturas”. Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “mediação reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores. Conforme Gómez (1998), a vida escolar traz um intercâmbio cultural.

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da cultura crítica, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosófica; as determinações da cultura acadêmica, que se refletem no currículo; as influências da cultura social, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da cultura institucional, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da cultura experiencial, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno (GÓMEZ, 1998, p. 17).

Nesse sentido, a cultura se moderniza e se traduz em linguagens reatualizadas que são comuns aos diversos sujeitos em idade escolar. Além disso, a escola aparece como um espaço privilegiado de práticas coletivas, sociabilidades, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar uma identidade. Na comunidade da Vila Pedreira, o que é bastante marcante é o Hip Hop, pela linguagem que aborda, falando da realidade de vida, das injustiças, do amor, além do carnaval que está relacionado ao grande número de seres musicais, que apresentam uma prática com instrumentos e baterias e também com as terreiras que se encontram no espaço. Contudo, a escola abriu ainda mais o seu espaço para a cultura popular, após a municipalização, pois, a partir daí, iniciou-se um novo trabalho, focado no interesse dos alunos e da comunidade, oportunizando as manifestações culturais de todos os tipos e dando oportunidades da comunidade estar inserida nas atividades cotidianas, sem qualquer tipo de preconceito. O Marcelo faz uma reflexão bastante pertinente sobre este tema.

As pessoas pulavam o muro, existiam os drogaditos que pulavam o muro e a gente abria o portão, botava pra fora, por cima do muro, fazia subir, depois que eles estavam do outro lado a gente abria o portão e dizia: olha essa é a maneira correta de entrar. Então isso eram simbolismos, atos pedagógicos que significavam alguma coisa (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Houve uma aceitação do diferente e de sua cultura, não marginalizando suas manifestações e trazendo para dentro dos muros da escola aquele que, muitas vezes, é esquecido e excluído da cidade. O processo de humanização resultou em uma aproximação de grupos com diversas práticas culturais como o Hip Hop, que, no ano

de 2009, fez parte da lista de oficinas do Programa Integrado de Inclusão Social (Figura 27) com o segmento da dança e esteve inserido no Centro de Educação com uma grande adesão por parte dos jovens.

**Figura 27 – Grupo de Hip Hop Centro Pedreira (2009)**



**Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Esteio**

Cabe ressaltar a reflexão feita pelo Diretor Marcelo, quando comenta sobre a relação da escola, com a vida da comunidade, onde este espaço passa a ser coletivo, na medida em que é usado para atividades familiares e dos órgãos públicos.

Então reuniões de igreja, secretarias, reuniões da associação, a quadra, foi um acordo, porque eles tinham este espaço para brincar, todo o terreno da escola que antes era um campo de futebol muito famoso, na cidade de Esteio, muitos amigos do Prefeito que contam que aqui tinha um campo que era bem legal, bom, precisou abrir mão deste campo para fazer a escola, fez-se a escola e aí ficou um cantinho do lado da escola que era o campo deles. Todo mundo brincava no horário escolar, a gente entrava, o pessoal saía, mas não tivemos problemas, política da boa vizinhança. [...] Então a quadra pra mim é o maior exemplo de escola aberta, porque ela abre, está sempre funcionando nos finais de semana (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Com isso, vê-se que a escola não ficou distante do contexto social e que compartilha do desejo de integrar famílias e culturas e estabelece um diálogo entre diferentes manifestações culturais, levando em conta as necessidades de cada um. Romper essas barreiras de permitir o uso da escola para todos os fins foi um grande desafio porque houve indivíduos contra esta abertura dos portões. O trabalho só se concretizou pelo simples fato de que a equipe diretiva acredita na educação como

uma das possibilidades de transformação social. A escola precisa escorrer para a rua. Por sua vez, a rua quer e precisa invadir a escola (MARTINS, 2008).

Propiciar atividades e ações que fomentassem a cultura no interior do Centro de Educação, que se espalhassem e envolvesse a comunidade, era o objetivo e desejo deste espaço educacional<sup>33</sup>. Importante salientar que a leitura em nossa sociedade tem uma função primordial de despertar e proporcionar conhecimentos básicos para que venha contribuir para construção integral da vida do aluno em sociedade e para o exercício da cidadania. Para isso, a escolha do material foi de suma importância, porque deveria ser algo significativo, para que trouxesse o prazer na prática de leitura. O projeto buscou aproximar as famílias dos livros, propiciando à retirada para os adultos e tarefas escolares que tinham que ser feitas em conjunto com as pessoas que residissem na casa do aluno. Já o projeto Autor presente proporcionou aos alunos a aproximação com o escritor, tentando amenizar a idealização e a fantasia em relação a ele, para que sentisse o escritor um cidadão como qualquer outro (Figura 28).

**Figura 28 – Autor presente - Mário Pirata**



**Fonte: Acervo do Centro de Educação Pedreira (2001)**

Buscou-se este projeto para reafirmar que é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania,

---

<sup>33</sup> Como um dos primeiros passos, houve a abertura da biblioteca, como um lugar de troca de livros, contação de histórias e projeto Autor presente, para que, através da leitura, pudessem surgir conversas e projetos. Em 2001, o projeto Sonho e Realidade abriu as portas da biblioteca para toda a comunidade em um evento que marcou o calendário e oportunizou o contato mais próximo com os livros.

na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de se pronunciar com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. Esse talvez seja o maior objetivo do trabalho com a comunidade da Vila Pedreira: disseminar a cultura e fortalecê-los para a vida.

Ao lermos um texto, estabelecemos um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo significado ao que lemos, utilizando, assim, apropriadamente os recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista. Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade, ressaltando que é na literatura que o homem, por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria a materialidade da qual manifesta seu discurso que está presente na obra de arte. Portanto, a literatura é arte e, como tal, é manifestação da alma e inteligência humana. Outro foco do trabalho cultural desenvolvido no Centro de Educação Trindade se dá pela aproximação com a cultura indígena e busca desmistificar a imagem que o outro tem deste povo também sofrido e que tenta atravessar as barreiras do preconceito, assim como os moradores da comunidade Pedreira. Por isso foram abertos os portões da escola para que as famílias pudessem conviver, mesmo que por algumas horas, com este povo tão rico de vivências e cultura (Figura 29).

**Figura 29 – Visita dos Kaingangs**



**Fonte: Acervo do Centro de Educação Trindade**

Assim como a cultura indígena se fez presente no interior da escola, a capoeira também fez parte do trabalho cultural trazendo o jogo, a ginga e a história afro-brasileira para dentro da sala de aula. As rodas de capoeira sempre foram muito bem-vindas por parte dos alunos. Momento de descontração e aprendizagem em que a comunidade, ao ouvir o som do berimbau, se aproximava e participava de todas as atividades. Assim, todos aprendiam e conheciam o foco cultural que estava sendo desenvolvido e vivido naquele momento. Dessa forma, não há como não afirmar que o espaço da escola se torna muito importante porque promove e difunde a cultura, bem como o conhecimento e as manifestações culturais populares. As manifestações culturais, quando integradas com todo o sistema de ensino, podem revolucionar este espaço. O Centro de Educação Trindade, concebido como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens, permite florescer, também, uma pluralidade de sentidos do humano, pois está apto a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não é mais pura e simplesmente reprodutor de aprendizado técnico e mecanicista (SILVA, 2008).

As cenas descritas evidenciam que a escola é essencialmente um espaço coletivo, de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula e a quadra esportiva materializam a convivência rotineira de pessoas. No momento em que os jovens cruzam o portão gradeado, ocorre um "rito de passagem", pois passam a assumir um papel específico, diferente daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos. Neste sentido, os comportamentos dos sujeitos, no cotidiano escolar, são informados por concepções geradas pelo diálogo entre suas experiências, sua cultura, as demandas individuais e as expectativas com a tradição ou a cultura da escola.

De qualquer forma, o cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de ideias, confronto de valores e visões de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. Ao mesmo tempo, é um momento de aprendizagem de convivência grupal, em que as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e a transgressão. Podemos dizer que a escola se constitui de um conjunto de tempos e espaços ritualizados. Em cada situação, há uma dimensão simbólica, que se expressa nos gestos e posturas acompanhados de sentimentos. Cada um dos seus rituais possui uma dimensão pedagógica, na maioria das vezes, implícita, independente da intencionalidade ou dos objetivos explícitos da escola (DAYRELL, 1992).

Veremos, a seguir, um breve histórico do Hip Hop e sua inserção na Vila Pedreira e, conseqüentemente, no interior do Centro de Educação Trindade.



#### 4.4 O SOM DO HIP HOP

Antes de apresentar o trabalho do Hip Hop desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade com crianças e adolescentes, é essencial trazer à tona a trajetória do movimento Hip Hop, desde o seu nascimento até os dias atuais, assim como os elementos que o compõem para que possa ficar clara a sua manifestação no interior da comunidade da Vila Pedreira.

A interpretação consagrada da etimologia da palavra rap é que seja uma sigla para *rhythm and poetry* (do inglês, ritmo e poesia). O mito de origem mais frequente sobre o gênero é que teria surgido no Bronx, bairro pobre de Nova York, no início dos anos 1970. Alguns preferem dizer que o rap nasceu das savanas africanas, nas narrativas dos griôs – poetas e cantadores tidos como sábios. Ou ainda, como sugerem alguns rappers e críticos brasileiros, que é uma variante do repente e da embolada nordestina. Outros MCs brasileiros defendem a ideia de que rap é a sigla para Revolução Através das Palavras. Já foi afirmado também que as três letras poderiam corresponder a “Ritmo, Amor e Poesia” (TEPERMAN, 2015). Mais do que explicações, essas são interpretações. Defender uma delas é uma espécie de alinhamento ideológico, que terá impacto no modo como essa música se situará no mundo social. Assim, a própria definição da palavra *rap* defende uma ideia: de que as letras de rap são poesia, em oposição a críticos conservadores, que fazem questão de reservar o privilégio da denominação “poeta” para autores que se filiem às tradições literárias canônicas.

Desde meados dos anos 1970, um jeito novo de fazer música vem contribuindo para pôr em xeque essa definição, não só por permitir o desenvolvimento de uma musicalidade sofisticada que não depende de qualquer tipo de estudo formal, mas, sobretudo, por bater pé na ideia de que a música está no mundo para transformá-lo e não apenas para servir de trilha sonora (TEPERMAN, 2015). Sendo assim, o autor define o rap como cultura de rua. O rap se define como uma cultura de rua, e nada mais eloquente do que a imagem de jovens carregando aparelhos de som nos ombros, tocando rap, enquanto dançarinos de *break* se exercitam na calçada (TEPERMAN, 2015). É importante salientar que o rap foi gestado nas festas de rua de bairros pobres e predominantemente negros. O rap é uma música que nasce marcada social e racialmente e que faz dessas marcas sua bandeira. Hoje é interesse no mundo todo. O rap é ouvido e produzido nos quatro hemisférios. Destaca-se como aquele que mais

questiona seu lugar social. Por um lado, briga por espaço no mercado fonográfico. Por outro, é uma música que quer ser mais do que apenas isso: é um movimento, um estilo de vida, quer mudar o mundo. Tem a particularidade de ser um dos principais a discutir, por meio das letras e também pelo discurso dos artistas, temas como preconceito, violência e segregação racial e seus efeitos devastadores na sociedade, como a violência urbana.

Em 1977, o músico Afrika Bambaataa criou a primeira organização comunitária do Hip Hop, a Zulu Nation. Ele pretendia combater a violência entre gangues promovendo a competição por meio dos chamados “quatro elementos”: MC, DJ, *break* e grafite. Para o entendimento do leitor, é importante explicar que o MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "eme ci". Um MC pode ser um artista que atua em nível musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical. Já o DJ pode aumentar e controlar o tempo da música o quanto queira, realizando mixagens e efeitos sonoros. O *break*, por sua vez, é identificado pelo movimento do corpo.

O ano de 1984, mesmo havendo alguns admiradores isolados que já dançavam esse estilo, foi o ano oficial da chegada da dança de rua no Brasil e o surgimento dos *B. Boyings, Poppings Lockings*. Era fácil observar grupos com roupas coloridas, óculos escuros, tênis de botinha, luvas, bonés e um enorme rádio gravador mostrando os primeiros passos. Quanto ao grafite, foi o primeiro elemento a ser formado no movimento Hip Hop. Gangues disputavam seus espaços demarcando muros em becos e trens, com seus nomes. Tornou-se uma arte, através de garotos que utilizavam elementos futuristas, ditando um novo estilo com o bico do *spray* (nuts) e a influência latina dos artistas Ramon Herrera, Lee Quiñones, Sandra “lady pink” Fabara e outros, vindos da Colômbia, Porto Rico e Bolívia. Vale lembrar, também, a escrita pré-histórica, gravada na pedra e na memória do homem, influenciando a forma de comunicar.

Portanto, não podemos pensar no rap apenas como um gênero musical, pois seria como reduzi-lo a apenas uma de suas dimensões. Certamente, não é o único estilo de música a atuar para além da música. A música nunca é apenas música. (TEPERMAN, 2015). Talvez a particularidade do rap seja reivindicar de modo explícito o fato de que está no mundo.

O Hip Hop, se tratando do elemento dança, é um destes rituais que se expressa através de gestos e que o corpo reproduz o sentimento da letra e a entonação. Atividade bastante realizada dentro do espaço do Centro Trindade, pois se identifica com os jovens, pela letra impositiva e que busca falar ao mundo das injustiças e desamores. Este gênero musical é um forte estruturador de movimentos pela valorização da identidade negra: a música, a dança e o estilo de vestir são por si sós produtores de significado (Figura 30).

**Figura 30 – Dança Hip Hop**



**Fonte: Acervo do Centro de Educação Trindade (2005)**

O Hip Hop faz parte da Vila Pedreira. Ele pulsa em todos os becos e vielas. Quando se entra na comunidade, é possível escutar em alto e bom som *rappers* cantando sua música, nas esquinas das ruas sem saída. O estilo passa verdade e o MC exala confiança enquanto canta as estrofes com quadrinhas rimadas. Outro ponto a ressaltar neste gênero musical é a ausência de refrão porque, ao evitá-lo, o rap se mantém constantemente em tensão e essa é a maior marca do Hip Hop (TEPERMAN, 2015).

Portanto, o Hip Hop está presente nas atividades do Centro de Educação Trindade pelo fato de estar impregnado neste espaço, isto é, nas ruas e becos e no interior da escola e por ser reconhecido como música. Nos musicais de Natal que a escola organiza, o *rapper* Timão se faz presente. (Figura 31)

**Figura 31 – Rapper Timão**



**Fonte: Acervo do Centro de Educação Pedreira (2014)**

Timão representa este lugar e fala da Vila Pedreira em muitas das letras dos seus CDs porque se sente pertencente. Na letra da música *Não tenho alívio*, do CD *Terapia e quando eu precisei*, traz a marca do lugar onde vive quando canta exaltando o rap como seu mundo.

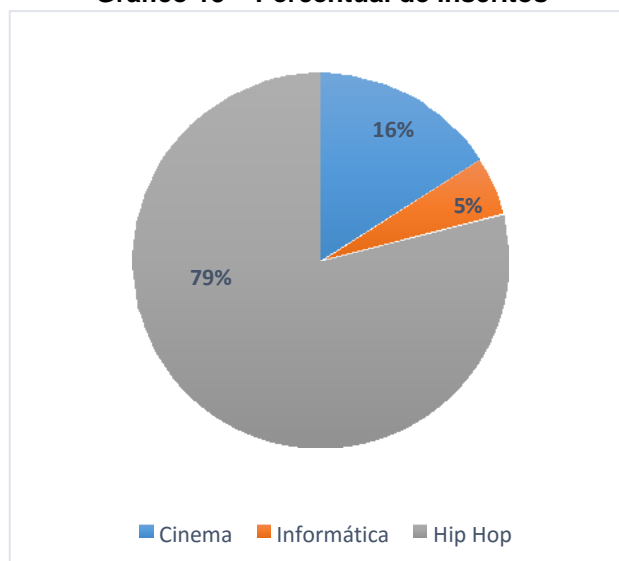
Meu mundo é o rap, oposto do teu, invejoso  
 Blefando se afundando  
 Chora as mágoas  
 Tem que escutar meu som e engolir sem dizer nada  
 Minha área Pedreira, cartas na mesa  
 Cabeça erguida sempre forte na firmeza  
 Assim eu me mantenho sossegado  
 Num desempenho e num caminho sempre estreito O  
 gueto eu represento (TIMÃO, 2011).

O Hip Hop sempre esteve presente na comunidade e, em 2015, vem em forma de oficina do *Projeto Construindo um novo caminho*. A escolha se justifica pelo número de *rappers* que moram na comunidade e agradam as crianças e adolescentes porque a linguagem é conhecida e reconhecida pela maioria dos jovens, moradores deste espaço. Dayrell (2003) faz uma reflexão sobre estes jovens que são sujeitos sociais.

Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo, ao longo da vida (DAYRELL, 2003, p. 24).

Dessa forma, se torna evidente o livre trânsito dos jovens *rappers* pelo interior do Centro de Educação porque são jovens da comunidade, se desenvolvendo e se constituindo como indivíduos participantes e a escola é o espaço que deve fomentar esta mudança e, acima de tudo, fomentar a cultura. Quando o MC canta, ele debate, por meio das letras e também pelo discurso, temas como preconceito, violência e segregação racial e seus efeitos devastadores na sociedade, como a violência urbana. Basta ver o número de inscritos e a aceitação do trabalho realizado, no gráfico abaixo.

**Gráfico 15 – Percentual de inscritos**



**Fonte: Fichas de inscrição - Projeto Construindo um novo caminho (2015)**

No entanto, o grafite também é uma das manifestações do Hip Hop e, juntamente com os alunos da oficina do Projeto, construiu uma identidade para a quadra esportiva, já que é o espaço caracterizado como o coração do Centro de Educação. Este é mais um lugar em que a cultura flui, transborda pelos muros da escola e “contamina” a Vila Pedreira. O grafite foi planejado pelas crianças e pelo educador Timão. Realizaram vários esboços até chegar à ideia final (Figura 32).

**Figura 32 – Grafite na quadra esportiva do Centro de Educação Trindade**



**Fonte: Acervo do Projeto Construindo um novo caminho**

Com este trabalho e a revitalização da quadra, o espaço foi novamente colocado à disposição da comunidade. Neste dia, foi lembrado como era a quadra esportiva há alguns anos, onde ocorriam, além de jogos, festas e ensaios da escola de samba. Não havia muro e o espaço era bastante degradado, mas, mesmo assim, muito usado. O atual diretor ressalta isso na sua fala:

Então a gente sempre empresta, emprestamos porque a verdade esse prédio tem contrato com a prefeitura, o prédio é deles na verdade, eles adoram isso aqui, então a gente devolve este prédio nesta condição de ser do coletivo, de ser algo do para o bem comum. Então assim, uma reunião da associação de moradores, ok, uma reunião do pessoal da saúde, ok, uma campanha de vacinação, ok. Essas coisas que são para eles, que são para o coletivo, não é um favor pessoal, então a gente empresta e eles cuidam. Festa por exemplo, a Mara aqui da frente, uma vez fez festa das crianças, no dia das crianças, daí se empresta a estrutura da escola, uma sala para ela poder preparar as coisas e se organizar. E vou dizer uma coisa, não tenho queixa nenhuma, nenhuma, não tem um parafuso fora do lugar, então há um respeito em relação ao prédio (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

A comunidade da Vila sempre participava dos mutirões de limpeza da quadra porque, como o trânsito era livre por não ter muros, havia certo descaso por parte de alguns usuários, prejudicando o uso. Foi neste espaço que a escola de samba nasceu, primeiro Beija Flor, depois, Império Serrano da Vila Pedreira. A seguir, a trajetória desta manifestação cultural, presente na comunidade e também envolvida com o Centro de Educação Trindade.

#### 4.5 O CARNAVAL QUE SE MANIFESTA NA VILA PEDREIRA

Antes de falarmos sobre o carnaval produzido na Vila Pedreira e nas dependências do Centro de Educação Trindade, é importante trazeremos um pouco da história do carnaval para que possamos situar de onde surgiu tamanho movimento popular de tanta grandeza e participação.

A história do carnaval no Brasil começa no período colonial. Uma das primeiras manifestações carnavalescas foi o entrudo, uma festa de origem portuguesa que, na colônia, era praticada pelos escravos. Estes saíam pelas ruas com seus rostos pintados, jogando farinha e bolinhas de água de cheiro nas pessoas. Tais bolinhas nem sempre eram cheirosas. O entrudo era considerado ainda uma prática violenta e ofensiva, em razão dos ataques às pessoas com os materiais, mas era bastante popular. Isso pode explicar o fato de as famílias mais ricas não comemorarem junto aos escravos, ficando em suas casas. Porém, nesse espaço, havia brincadeiras e as jovens moças das famílias de reputação ficavam nas janelas jogando água nos transeuntes. Por volta de meados do século XIX, no Rio de Janeiro, a prática do entrudo passou a ser criminalizada, principalmente após uma campanha contra a manifestação popular veiculada pela imprensa. Enquanto o entrudo era reprimido nas ruas, a elite do Império criava os bailes de carnaval em clubes e teatros. No entrudo, não havia músicas, ao contrário dos bailes da capital imperial, em que eram tocadas principalmente as polcas.

A elite do Rio de Janeiro criaria ainda as sociedades. A primeira foi o Congresso das Sumidades Carnavalescas, que passou a desfilar nas ruas da cidade. Enquanto o entrudo era reprimido, a alta sociedade imperial tentava tomar as ruas. Mas com toda esta repressão, as camadas populares não desistiram de suas práticas carnavalescas. No final do século XIX, buscando adaptação às tentativas de disciplinamento policial, foram criados os cordões e ranchos. Os cordões incluíam a utilização da estética das procissões religiosas com manifestações populares, como a capoeira e os *zê-pereiras*, tocadores de grandes bumbos. Os ranchos eram cortejos praticados, principalmente, pelas pessoas de origem rural.

Ao longo do século XX, o carnaval se popularizou ainda mais no Brasil e conheceu uma diversidade de formas de realização, tanto entre a classe dominante como entre as classes populares. Entre as classes populares, surgiram as escolas de samba, na década de 1920. As primeiras escolas teriam sido a *Deixa Falar*, que daria origem à Escola Estácio de Sá, e a *Vai como pode*, futura Portela. As escolas de

samba eram o desenvolvimento dos cordões e ranchos. A primeira disputa entre elas ocorreu em 1929. A partir da história do carnaval, se torna evidente que sempre foi um movimento popular. No entanto, fora copiado pela elite brasileira a fim de que pudessem invadir as ruas e concretizar um momento de diversão, mas também de ostentação, pois buscavam espaços fechados com bailes elitizados.

Se na vida cotidiana nossas ações sociais são marcadas pela passagem da casa para a rua, onde seguimos regras e hierarquizações pertinentes a cada domínio, no carnaval, essas regras são suspensas e o que se pode observar é a inversão. De fato, o período carnavalesco é o momento onde se deixa de viver a dura realidade da vida para se gozar de momentos de profunda liberdade, “é que nele celebramos essas coisas difusas e abrangentes, essas coisas abstratas e inclusivas como o sexo, o prazer, a alegria, o luxo, o canto, a dança, a brincadeira” (DAMATTA, 1997, p.121). Na ritualização do carnaval, os elementos se deslocam. As ruas, antes locais que direcionavam para a pesada rotina do trabalho e das disputas sociais, se abrem em um espaço receptivo para os que agora se deslocam num movimento consciente que estão em busca do divertimento. Consoante DaMatta (1997), o carnaval é um momento de permissividade.

No carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Estando, de fato, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição às duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade (DAMATTA, 1997, p. 121).

Através do carnaval, o povo brasileiro se expressa. A partir desse rito, inverso da realidade cotidiana, no qual a aparente liberdade permite que os desejos reprimidos pela dura vida sejam revelados, podemos observar diversos aspectos sociais e culturais que são representativos da identidade nacional. No carnaval, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade (DAMATTA, 1997, p. 40). Temos, então, que no carnaval a rua é penetrada pelo “povo”, ficando virtualmente ocupada por ele em todos os níveis, para o desfile, para o passeio e para todas as outras ações sociais.

Nesses moldes, nasceu a escola de samba da Vila Pedreira. Antes da criação da escola, os habitantes da Vila eram convidados a participar de escolas criadas em outros bairros da cidade por serem muito envolvidos e bons na bateria. No entanto, pensavam em ter a própria escola, que pudesse ser chamada de Escola da Vila. Como antes referimos, a primeira escola de samba foi a Beija Flor, formada por moradores



da cidade de Esteio e alguns habitantes da Vila. Isto porque muitos gostavam de samba e pagode e queriam participar, mas não sabiam tocar nenhum instrumento. Em entrevista, Alex Santos, morador da comunidade e participante da Beija Flor faz o relato.

Como tinha um pessoal que gostava de música afro, o que que aconteceu? Todo mundo gostava de pagode, samba. Daí, quando começou a se desenvolver o Carnaval lá dentro com a Beija Flor, vários queriam se envolver, mas não sabiam tocar. Tudo começou ali. Começou uma ala de cacheta, tocava maracaná, que é aqueles tambor grandão, até os cara tocam até hoje (SANTOS, 2015, informação verbal).

Por conta de problemas internos da escola, o trabalho foi enfraquecendo e os participantes ficando desmotivados, mas o “povão”, como diz Alex Santos, participante da Beija Flor da Vila Pedreira, não queria deixar morrer todo o trabalho desenvolvido. Assim, foram convidados a estruturar um novo grupo que pudesse levar a comunidade novamente às ruas do carnaval.

Então aí a gente montou uma diretoria e eu era o diretor de Eventos e Esportes da Escola e a minha função na Diretoria era montar torneio de futebol de salão, futebol sete, fazer a parte social para juntar fundos para a Escola. Cada um tinha a sua função. Daí... Quem foi procurar nós para montar a Império Serrano? Sabia que aqui tinha um povão carnavalesco muito grande. Só que tava muito chateada. Foi o falecido Cacaio (SANTOS, 2015, informação verbal).

Então, no dia 1º de maio de 2001, reuniram-se na Escola Trindade e estruturaram o Império Serrano da Vila Pedreira. O grupo de carnavalescos e moradores que tinham interesse em participar de algum segmento da escola se fizeram presentes e receberam todas as instruções através de um informativo que trazia como lema *A união de todos, nos levará a vitória*. Este informativo convidava os presentes a participar, formando alas, realizando a confecção dos figurinos, organizando eventos que pudessem arrecadar fundos para a escola, para que não ficassem dependendo apenas do repasse da Prefeitura Municipal de Esteio.

Cada um que desejasse fazer parte deste grupo deveria se inscrever e ler o informativo na sua íntegra para ficar a par de todas as regras. Este documento também trazia dicas e conselhos para que o carnaval fosse um sucesso e para que a Escola se apresentasse com qualidade.

Não devemos esquecer que as atividades carnavalescas, são programadas e definidas ao longo do ano. Geralmente programações de última hora e em cima do laço, não geram bons resultados. Os integrantes dos grupos ou alas devem estar unidos em torno do mesmo objetivo carnavalesco, culminando assim em seu sucesso. Um elemento sozinho dificilmente conseguirá sucesso, considerando que certas decisões necessitam de opiniões, técnicas e administrativas, propostas fundamentadas e projetos carnavalescos de componentes do grupo e são fundamentais para o crescimento coletivo. Isto e esta homogeneidade só será conquistada através de debates, propostas e reuniões constantes e periódicas ao longo do ano (REGIMENTO, 2001, p. 1).

Nesta reunião, quem esteve presente à frente do processo organizativo foi o presidente Waldir Ferreira, que coordenou a escola de samba do ano de 2001 a 2003. A partir da aceitação das regras apresentadas, o grupo começou a se fortalecer e iniciou a caminhada de sedimentar a Escola Império Serrano. Em primeiro lugar, envolveram o Centro de Educação Trindade na criação das fantasias, com um pequeno concurso de desenhos. Alguns jurados escolheram os melhores. Sendo assim, no ano de 2002, em um almoço no Trindade, foi feita a escolha. Os desenhos foram expostos em uma sala de aula e os próprios autores do desenho podiam explicar e justificar a criação. O Presidente Waldir Ferreira relata que foi um momento muito rico, pois a escola se abria para o samba e os alunos participavam de uma das partes mais importantes: as fantasias que embelezam a avenida. Alex ressalta que o Centro de Educação sempre foi e continua sendo o ponto de encontro da cultura da Vila.

Então aí foi indo. Eu comecei como mestre de bateria da Império Serrano da Vila Pedreira, nós ensaiávamos na quadra aqui. Na quadra de esporte, todos os nossos ensaios eram ali e tinha o cara que levava o equipamento de som para nós, é um conhecido muito velho nosso. Então era ele que levava o equipamento de som. Como a bateria era alta e tinha muita acústica, o equipamento que ele levava era grande. Às vezes a gente tinha que fazer duas viagens (SANTOS, 2015, informação verbal).

Após a escolha, partiram para a confecção das fantasias, organizando um mutirão dentro da Vila Pedreira com as mulheres que tinham máquina de costura. Foram divididos os figurinos e foi dado o início. O presidente Waldir, sempre apoiando

e se reunindo com os integrantes, esteve à frente até o final do mandato em 2003. Na assembleia de 31 de maio de 2003, foi aberta a oportunidade para o ingresso de qualquer outro componente para a presidência. Por aclamação, o presidente Waldir Ferreira foi reconduzido até o ano de 2005. O presidente continuou lutando pela escola e, em 2007, trouxe para a avenida o tema *índio* (Figura 33). Apesar das dificuldades que a escola atravessou, pelo atraso na documentação, foram ousados e ingressaram na avenida, mostrando o trabalho, pois, caso contrário, seriam desclassificados e ficariam fora do carnaval em 2008.

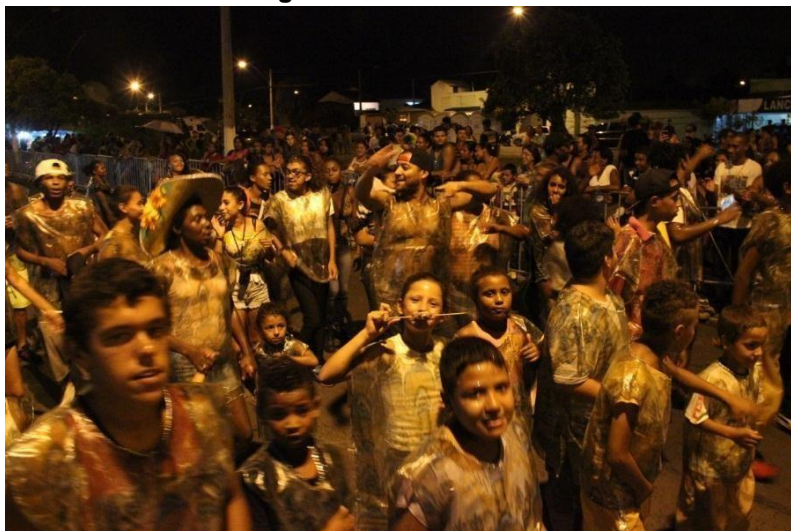
**Figura 33 – Escola de Samba Império Serrano da Vila Pedreira**



**Fonte: Acervo da Escola de Samba Império Serrano da Vila Pedreira (2007)**

A escola seguiu no propósito de não desistir e, em 2008, trouxe para a avenida a história das religiões afro-brasileiras, encantando o público e emocionando os componentes da escola – pela superação. A escola seguiu em frente, apesar das dificuldades no que diz respeito à prestação de contas e organização. Em 2015 traz como tema *as diferenças*. Os alunos do Centro de Educação participaram mais uma vez, já que este tema foi trabalhado também nas salas de aula. (Figura 34)

Figura 34 – Carnaval 2015



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Esteio

A comunidade está sempre tão envolvida no carnaval que participou na escolha do rei Momo 2015 com o candidato Jean Rodrigues da Rosa, que foi o vencedor e representa além da cidade de Esteio, a Vila Pedreira, levando o nome da comunidade para muitos municípios. Jean é figura importante na Vila, pois, além de ser morador antigo, faz parte de um centro de umbanda, uma das quatro casas da comunidade. Ele também participa ativamente do carnaval. Na entrevista, Jean demonstra o amor que tem pela comunidade e pelas manifestações culturais, bem como o desejo que tinha de ser o Rei Momo (Figura 35). Ele faz uma referência bastante importante em relação ao carnaval e à umbanda: “Tenho orgulho de minha religião e acho que todo o batuqueiro é carnavalesco e todo o carnavalesco é batuqueiro” (ROSA, 2015, informação verbal).

A minha ligação com o carnaval é do sangue, por ser negro e afro-umbandista. E o carnaval é isto, o tambor tocou, o coração bateu, não tem quem não se mexa, não caia no balanço. É um sonho muito antigo, desde a primeira escola da Vila Pedreira, a Beija Flor que fechou, depois virou o Império Serrano, agora é o Bloco da Pedreira, eu sempre quis ser o Rei Momo e hoje eu sou o Rei Momo de Esteio (ROSA, 2015, informação verbal).

Jean comenta que o primeiro carnaval que participou foi em 1994. Os ensaios eram realizados sempre na quadra do Trindade, onde todos se reuniam para além de ensaiar, conversar, tocar e tomar uma cervejinha. Cita, também, que a Segunda Princesa do carnaval de Esteio é moradora da Vila Pedreira e que o carnaval é uma grande oportunidade de tirar as crianças e os adolescentes da marginalidade da vida porque é o que mais se vê nas esquinas e becos.

**Figura 35 – Corte do carnaval 2015**

**Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Esteio**

Contudo, é importante salientar o trabalho que é desenvolvido no interior do Centro de Educação Trindade, envolvendo as manifestações culturais da Vila, ressaltando o Hip Hop e o carnaval. A cultura popular, conforme Brandão (2002), tem a sua origem nas práticas pedagógicas desenvolvidas por movimentos de cultura popular no início da década de 1960, mais precisamente entre 1960 e 1964.

A partir do ano de 2000, o Centro de Educação inicia um novo olhar para a comunidade. A equipe diretiva se mostra aberta às manifestações culturais que caminham pela Vila Pedreira e abre, não só o espaço, mas o portão e as salas de aula para que a cultura entre pela porta da frente e dê um maior significado para as vivências de sala de aula. A educação, na visão de Paulo Freire (1970), deve realizar-se como prática da liberdade. Os caminhos da libertação só estabelecem sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Quando se pensa em Educação Popular, logo se recorre às ideias de Paulo Freire, pois, durante toda a sua vida, ele se dedicou à questão do educar para a vida, através de uma educação preocupada com a formação do indivíduo crítico, criativo e participante na sociedade.

Nestes termos, é importante observar que o ser humano, nesta educação, é um sujeito que não deve somente "estar no mundo, mas com o mundo", ou seja, fazer parte dessa imensa esfera giratória, não apenas vivendo, mas construindo sua própria identidade e intervindo no melhoramento de suas condições enquanto cidadão e buscando o direito de construir uma cidadania igualitária e justa.

Portanto, a melhor forma de ensinar é defender, com seriedade, apaixonadamente uma posição, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito ao discurso contrário. Estará ensinando, assim, o dever de brigar por nossas ideias e, ao mesmo tempo, o respeito mútuo. Este modelo apresenta uma educação construída sobre a ideia de um diálogo entre educador e educando, em que ocorra sempre partes de cada um no outro, que não poderia começar com o educador trazendo pronto do seu mundo, do seu saber, o seu modelo de ensino e o material para as suas aulas baseados na sua cultura e valores. Dentro desta percepção é que um dos pressupostos do modelo se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho (FREIRE, 1970).

O diálogo consiste em uma relação horizontal, e não vertical, entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mundo são indissociáveis. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo" (FREIRE, 1970, p.71). Nesse processo se valoriza o saber de todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno. Ensinar é algo profundo e dinâmico. A questão de identidade cultural, que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à prática educativa progressista. Freire (1970) salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim a conscientização e o testemunho de vida, se não, não terá eficácia. Para Freire (1970), o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser, pois, ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

Este é o foco de trabalho do Centro de Educação Trindade: abrir-se para todas as manifestações culturais, respeitando e aceitando e nunca fechando os olhos para o novo e o desconhecido. O Marcelo Ohlweiler, traz esta questão e salienta a valorização que devemos ter com a cultura do outro:

Eu fui daqueles que pensou: Bah será que vai colar. E eles adoram. Mas eu sempre valorizo aquilo que é deles, o Hip Hop, o funk de certa forma, e mesmo assim, tem funks maravilhosos, tem funk gospel. [...] Eles acabam curtindo, e a gente não pode fechar os olhos e dizer que não tem nada haver (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

É muito importante, neste processo, abrir possibilidade para que as manifestações culturais populares fiquem integradas com o sistema e processo do ensino formal, para que possam revolucionar o trabalho e trazer para a escola uma

visão mais ampla e mais humanizada de estratégia de educação. O Centro Municipal Trindade conseguiu realizar: organizou e reestruturou o espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens que florescessem. Assim, a escola se tornou um espaço de muitos sentidos, de novos sentidos do humano. Ficou apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não apenas um lugar de reprodução de aprendizados técnicos, produzindo a produção do conhecimento.

Quando refletimos sobre toda esta mudança na escola, lembramo-nos das palavras de Brandão (2002) que reforça que a cultura é um conjunto diverso, múltiplo, de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura ou culturas mais ricas ou evoluídas que outras gentes ou povos sem cultura. O carnaval e o Hip Hop presentes no espaço escolar vêm engajados nas palavras de Brandão (2002) e provam que a cultura está em todos os lugares e que a Vila Pedreira, apesar de estigmatizada por alguns, exala manifestações culturais e elas invadem os muros da escola e são aceitas e respeitadas (Figura 36).

**Figura 36 – Oficina de Hip Hop no Centro Trindade**



**Fonte: Acervo do projeto construindo um novo caminho**

Durante as entrevistas e bate-papos com os habitantes da comunidade, fica claro que a cultura popular oferece novas formas de aprendizagem e ensinamentos e que, a todo o momento, traz a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana. As manifestações

estudadas, nesta investigação, trazem a transformação de um indivíduo em uma pessoa, pois se recriam a todo instante.

O Centro de Educação Trindade conseguiu rever currículos e, mais ainda, encontrou um sentido menos utilitário e mais humano e integrado, fazendo interações entre o interior da sala de aula e as manifestações culturais que perambulavam nos becos e vielas da Pedreira, em especial o Hip Hop e o carnaval. Como afirma Brandão (2002), a escola deve sensibilizar o pensamento, entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física.

Quando o Trindade traz para dentro do pátio da escola o *rapper* Timão e organiza oficinas trazendo à tona o grafite e a música, faz com que os educandos conheçam este gênero musical e reflitam com a letra das músicas, aprendendo com a arte e com a sabedoria popular. Nesse contexto, vemos os alunos como produtores e consumidores de cultura porque estão tendo a oportunidade de vivenciar isso no interior da escola. A equipe diretiva propiciou estes momentos, fazendo com que a mochila cultural que cada um carrega pudesse se abrir e se misturar com a rotina da sala de aula. Todo este trabalho só se tornou possível porque a marginalização e a discriminação não foram ressaltadas e a compreensão e valorização foram sempre lembradas. Os alunos são compreendidos numa perspectiva que “permita construção de um olhar alargado sobre a educação, como processo de humanização que inclua e incorpore os processos educativos não escolares” (GOMES, 2002, p. 1).

Vimos que o carnaval e o Hip Hop são manifestações que trazem a ideia não do individualismo, mas do coletivismo, provocando o preenchimento de vazios, antes criados pela forma egoísta de ver a escola e sua relação. O carnaval, com sua bateria e alas, precisa de um trabalho em sintonia, necessita de diálogo e combinações para que, na avenida, o desfile flua e as pessoas brilhem. No momento dos ensaios que ocorriam na quadra do Centro de Educação Trindade, podia ser vista esta organização da bateria e do puxador do samba (Figura 37) Alex Santos lembra que os dias de ensaio eram motivo de festa para a Vila Pedreira, porque todos se reuniam, tocavam, inventavam “breques” e aprimoravam a apresentação, promovendo discussão e sociabilidade.



**Figura 37 – Ensaio da Escola Império Serrano**

**Fonte: Acervo da Casa de Cultura de Esteio**

Outro ponto a ressaltar, conforme a ex-diretora do Centro de Educação Trindade, Isoldi relatou em sua entrevista, é que os ensaios da escola de samba que aconteciam na quadra da Escola Trindade eram também provocadores de temas para a aula do dia seguinte. Muitas coisas aconteciam nos ensaios, além do próprio ensaio. Discussões, rebeldias, exageros na bebida. As crianças participavam do início ao fim dos ensaios. Sendo assim, presenciavam todos os acontecimentos. Portanto, todas estas vivências não passavam despercebidas no interior da sala de aula porque os professores sentiam a necessidade de abrir mão do conteúdo básico do dia para trabalhar o que as crianças traziam a partir da participação dos ensaios da escola de samba. Tudo isso se caracteriza por ser o momento de transformação social. Com estas ações, a escola escorreu para a rua, bem como a rua invadiu e percorreu todos os espaços da escola. Assim também é o Hip Hop com suas letras revolucionárias, marcadas pelo protesto. Com palavras de incentivo e busca pela paz, são criadas por vários *rappers*, mixadas por outro para dar o efeito, não esquecendo os elementos que a compõem, somando, assim, um grande grupo de produtores de cultura.

Torna-se urgente ressaltar que, após todo o estudo das manifestações culturais produzidas na Vila Pedreira e como estas se relacionam com a escola, vemos o quanto as crianças e os jovens são atores, dinâmicos e politizados, por mais que a mídia queira transformá-los em apáticos e despolitizados. Eles são os principais responsáveis pela mudança radical desta comunidade no que diz respeito à cultura contemporânea, pois participa de movimentos culturais, principalmente a música. Conforme Prysthon (2009) é na periferia que os jovens se tornam protagonista cultural, sobretudo da música.

A partir de movimentos culturais oriundos da periferia, jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente distinta daqueles dos anos 1960, por exemplo. Esse aspecto pode ser facilmente encontrado no Hip Hop e no carnaval porque, quando se reúnem na escola para as oficinas e ensaios, estão também servindo de canal de expressão de questões juvenis. Os educandos e demais habitantes que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com estas manifestações se apropriam destes conhecimentos produzidos no interior da escola e iniciam uma nova forma de olhar o outro. Trazer para dentro da escola os excluídos é aprender que é possível construir algo novo, algo que já se via perdido. O Centro de Educação Trindade é o exemplo da inovação, da democracia, da busca de uma educação mais participativa e aberta a todos os segmentos culturais, respeitando a vida e as escolhas dos habitantes da Vila que circulam no interior do Centro de Educação. O diretor Marcelo enfatiza a maior mudança que consegue observar na comunidade: as relações.

O que cada um faz para ganhar seu pão da minha conta. Agora a escola tem que informar, porque se não, não teria a função, pra isso que estou aqui. Teve aquele projeto: É conversando que a gente se entende. Foi um projeto rápido, mas a gente teve contato. Ver a Dona Maria ali pintando um pano de prato, são coisas que não dá para esquecer. E essa relação mudou, quando a pessoa vê que tu não está ali para julgar, impor teu modo de vida para que ela viva conforme seus preceitos. Daí, ela sente respeitada e acolhida e passa a se respeitar, passa a ter olhos como algum referencial, modelo de casa sadia, enfim é história da idoneidade (OHLWEILER, 2015, informação verbal).

Esse talvez seja um dos maiores retornos de um trabalho que foi realizado com seriedade e perseverança. O espaço da escola se abriu para a cultura e mudou o comportamento e a vida de muitos habitantes da comunidade da Vila Pedreira. Os “outros”, os “diferentes” os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os *rappers*, os funkeiros, etc., mesmo quando fracassam e são excluídos, ao penetrarem no universo escolar, desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural.

Pérez Gómez (1998) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de “cruzamento de culturas”. Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “mediação reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores.

Em vez de preservar uma tradição monocultural e uníssona, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, para a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio, mas também o grande desenvolvimento e sucesso do Centro de Educação Trindade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever as considerações finais de um trabalho como este não é tarefa fácil, uma vez que temos que fazer uma síntese daquilo que foi desenvolvido ao largo da materialidade discursiva. A questão norteadora da dissertação, de fato, é o papel do Centro de Educação Trindade no que diz respeito às manifestações culturais da Vila Pedreira, dessa forma buscamos trazer a história do nascimento da cidade de Esteio desde quando era apenas um distrito da cidade de São Leopoldo, até a sua emancipação em 1955. Tivemos certa dificuldade nessa proposição, pois não há muitos estudos sobre a cidade, menos ainda em relação às manifestações culturais que dela emergem. Dessa forma, a pesquisa tornou-se mais desafiadora, já que foi preciso ir ao encontro de antigos moradores e de espaços que reservavam ainda documentos/informações sobre a Vila, sua história e a origem daqueles que e a habitam.

Tentamos trazer fatos importantes sobre a trajetória da cidade para que pudesse elucidar a materialidade histórica que ia surgindo conforme as entrevistas eram realizadas. Um exemplo é a construção da estrada de ferro que marcou o progresso, aumentando a mão de obra e trazendo colonos de vários lugares que vinham à procura de trabalho e de uma terra para criar seus filhos, mas que não deixou de macular significativamente a vida das pessoas que acompanharam o processo construtivo. A funcionalidade “progressista” da Maria Fumaça provocou muita satisfação entre os habitantes, uma vez que se abriram novas oportunidades de compra e venda agitando o comércio local.

Ao longo da investigação, muitas foram as descobertas que nos motivaram a continuar, como, por exemplo, as informações importantes que obtivemos sobre o viver na Vila Pedreira, os movimentos semânticos da comunidade que resultaram em atividades de esporte, lazer e sociabilidade, além do conhecimento do conjunto das imagens que estruturam a vida atual naquele espaço. As atividades culturais dos tempos em que a cidade ainda estava em formação e o fluxo de pessoas era intenso em sua proto-urbanização, evidenciam a costura do imaginário e a gestação de uma referência identitária que traz aspectos ainda permanentes na cidade de Esteio.

Esse eixo perspectivo, que leva em consideração a relação diacrônica do sujeito com o urbano, fez-nos olhar para este espaço com mais atenção, já que percebemos, no decorrer das pesquisas, com a história de criação dos dois maiores clubes da cidade de Esteio que ofereciam, à época, bailes embalados com orquestras, carnaval e debutantes. A fundação desses espaços de convivência e de agremiação são resultantes, justamente, da necessidade de organização produtiva das manifestações da cultura. O Clube Aliança foi fundado em 1942, isto é, treze anos antes da emancipação, e o Clube do Comércio em 1954, um ano antes. O que fica claro é que as relações sociais se deram muito antes da cidade deixar de ser distrito. Os moradores sentiam a necessidade de participarem de grupos sociais, mesmo porque, seria impossível estruturar este espaço sem o coletivo.

Outro ponto interessante que nos foi revelado, é a memória arquitetônica da cidade, que se evidencia nos prédios que foram construídos há muitos anos, e que ainda existem, compondo a cidade e fazendo com que a história tome ares de permanência. Prédios familiares que ainda cumprem, 60 anos depois de sua edificação, as mesmas funções como a Farmácia do Senhor Zolin que foi a primeira na cidade e a família deu continuidade ao estabelecimento. E o prédio do Clube Aliança, que permanece no centro da cidade de Esteio trazendo para quem passa a oportunidade de rememorar momentos de vida que ficaram para trás, mas não esquecidos.

Contudo, os aspectos sociais também foram abordados, como a condição de vida dos habitantes, em especial os da Vila Pedreira, o que pudemos evidenciar com dados específicos sobre economia, escolaridade, moradia e as manifestações da cultura. O aumento da população, o asfalto, a iluminação elétrica, a poluição, o aumento da violência doméstica, roubos, furtos, o aumento na frequência escolar das crianças, tudo isso são elementos que fazem parte de qualquer periferia urbana em qualquer lugar do mundo, contudo, na Vila Pedreira, o Centro de Educação Trindade exerce papel importante para que os habitantes pensem o seu lugar como espaço de produção e elaboração de bens culturais. Isso pôde ser comprovado na análise dos índices, que foram repassados pela Secretaria de Segurança de Esteio, além das entrevistas com representantes da comunidade da Vila Pedreira, uma comunidade periférica que se formou a partir de uma pedreira de onde se explorava a matéria prima que era vendida para os municípios vizinhos: a pedra.

A mesma pedra que calçava as ruas de Novo Hamburgo, São Leopoldo e outras cidades, que erguia estruturas sólidas em outros espaços, dava origem ao caos na borda da cidade. Enquanto ia sendo objeto do mosaico formador da urbanidade dos vizinhos, dando segurança aos sujeitos na confecção de muros e outras benfeitorias, oferecia o iminente risco de morte para os moradores que abandonavam suas casas duas vezes ao dia para que não fossem atingidos e tivessem suas casas e suas vidas dilaceradas pelos pedregulhos que rasgavam os ares a cada explosão.

Essa comunidade aos poucos foi ficando populosa e, após a chegada do Trensurb, que rasgou não só a paisagem, mas, também, fronteirizou as vidas de *lá* e de *cá* dos trilhos, ficou totalmente excluída do resto da cidade. Ao mesmo tempo em que a Vila é considerada periferia, uma passarela a separa do centro movimentado de Esteio.

Ao longo das entrevistas, percebemos que a Pedreira é um espaço rico em produção cultural. Durante a pesquisa, enquanto caminhávamos nos becos e vielas, vimos e ouvimos o hip hop que ecoava e que mantinha os moradores vivos e protagonistas de sua própria história, mostrando a capacidade de se estenderem à contemplação, rompendo o silêncio que lhes é reservado pela oficialidade histórica. Percebemos que é a partir das notas musicais e letras de protesto a Vila Pedreira vai se empoderando e aumentando a autoestima dos habitantes. Nas entrevistas que realizamos com os moradores observamos o orgulho que sentem de morar na Pedreira e a felicidade de terem apostado neste espaço, que há anos não apresentava as mínimas condições para se viver, porém teve sua terra fecundada pela vontade e pelas incertezas dos que pisaram lá pela primeira vez, levados pela contingência histórica e por motivos pessoais. O preconceito, sim ainda existe em relação àqueles que habitam a Vila, isso ficou claro nas entrevistas, e fica evidente nas letras das músicas do hip hop, no grafite, na dança e na organização da própria escola de samba, que tem seus ensaios abertos na quadra do Centro de Educação.

O Centro de Educação Trindade tem um papel bastante importante na relação com as manifestações culturais, uma vez que desde o ano de 2000 mudou sua forma de enxergar a Vila Pedreira, abrindo oportunidades para que a comunidade “invadissem” o espaço e pudesse participar da escola. Com este movimento, as nuances culturais apareceram, materializaram-se.

O olhar desconfiado que a cidade lança sobre o espaço da Vila existe, mas a comunidade consegue com sua organização e funcionamento, produzir efeitos de sentido que favorecem a respiração de seu imaginário. A escola, espaço onde se pensa o fazer cultural da Vila, abriu-se para o novo. Novo currículo, nova equipe diretiva, novas propostas e, principalmente, novos projetos, depois da municipalização. Muitas manifestações culturais surgiram a partir desta inovação e o Centro de Educação Trindade passou de coadjuvante a protagonista, incentivando a participação e a aprendizagem.

Enfim, este estudo trouxe à tona vozes que não têm espaço no cotidiano corriqueiro do urbano, suas lembranças, suas dores e seus sonhos e, também, a capacidade que têm de circular em ambientes hostis e conseguirem, mesmo assim, sedimentarem-se como habitantes de um espaço que leva em si a essência da resistência. Um espaço que está guarnecido por um Centro de Educação que vê no fazer cultural a capacidade de respirar.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_. **A Poética do Espaço**. Tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BAUMAN, Zygmunt. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Tradução Fernando Tomaz. **O Poder Simbólico**. Ed. Bertrand Brasil, 11ª ed: Rio de Janeiro.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_. **O espaço urbano. Novos Escritos Sobre a Cidade FFLCH**. São Paulo, 2007
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução Tomás R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A Escola como espaço cultural**. 1992- Revista da educação
- FREIRE, Paulo (1999) **Educação como prática da Liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- \_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.
- \_\_\_\_. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Saberes Necessários à Prática Educativa**  
25ª Edição 1996



GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GÓMEZ, A. I. P. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GOODSON, I. F. **O Currículo em Mudança**. Lisboa, PT: Porto Editora, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HIRATA, Hirata, KERGOAT, DANIELE. **NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**- Caderno de Pesquisa 2007

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUZ, Miguel . **Ao longo dos trilhos do Trem**- 2005

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade**: favelas e política no Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

PESAVENTO, Sandra J. **Em busca de uma outra História**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, n. 29, 1995.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007, p. 11-23 Associação Nacional de História São Paulo, Brasil.

\_\_\_\_\_. **HISTÓRIA, MEMÓRIA E CENTRALIDADE URBANA** .2008 Revista Mosaico

PINNAZA, M.A. John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância. In. OLIVEIRA FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M.A. (Orgs.).

**Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o Passado. Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: [s.n.], vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. RJ: 1992.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. França. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, A. M. **Psicologia e inclusão escolar: novas possibilidades de intervir preventivamente sobre problemas comportamentais**. 2008. 125 f. Tese (Doutorado em Educação Especial). PPGEES, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SEBE, José Carlos. **OS NOVOS RUMOS DA HISTÓRIA ORAL: O CASO BRASILEIRO** Bom Meihy 1999 Revista de história.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. Cidade: RJ. Ed. Claro Enigma, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010 [1975].

\_\_\_\_. **A Invenção da Cultura**. Tradução Marcela Coelho e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Trad. e org.: Thomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-7.